



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**VITÓRIA DELPINO DE CASTRO**

**NA CIDADE, DECANTAR PALAVRAS:  
MODOS DE (R)EXISTIR E INTERVIR EM TEMPOS DE REDE**

CASCAVEL – PR  
2024

VITÓRIA DELPINO DE CASTRO

**NA CIDADE, DECANTAR PALAVRAS:  
MODOS DE (R)EXISTIR E INTERVIR EM TEMPOS DE REDE**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos Discursivos: Memória, Sujeito e Sentido.

Orientadora: Profa. Dra. Dantielli Assumpção Garcia.

CASCADEL – PR  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Delpino de Castro, Vitória

Na cidade, decantar palavras: modos de (r)existir e intervir em tempos de rede. / Vitória Delpino de Castro; orientadora Dantielli Assumpção Garcia. -- Cascavel, 2025. 101 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico - Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.

1. Intervenções urbanas. 2. Cidade. 3. Digital. I. Assumpção Garcia, Dantielli, orient. II. Título.

VITÓRIA DELPINO DE CASTRO

**NA CIDADE, DECANTAR PALAVRAS:  
MODOS DE (R)EXISTIR E INTERVIR EM TEMPOS REDE**

Esta dissertação foi avaliada e aprovada pela Banca Examinadora, por atender aos pré-requisitos exigidos pelo Curso de Letras – Português/Italiano, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Dantielli Assumpção Garcia  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
Orientadora

---

Profa. Dra. Cristiane Pereira Costa Dias  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNICAMP)  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
Membro Interno

---

Prof. Dra. Silmara Cristina Dela da Silva  
Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Membro Externo Suplente

Cascavel, 13 de março de 2025

## AGRADECIMENTOS

Cada sujeito é apenas a evidência empírica do fato de que, para dizer eu, precisamos do outro. Espaços, pessoas, coisas, gestos, gente. É preciso algo, ou alguém, que imagine conosco e com as quais podemos imaginar. O eu é tão somente esse turbilhão no qual, por um instante, procuramos assimilar-se uns aos outros. Durante este percurso acadêmico não seria diferente, pois ele só foi possível em conjunto com muitos outros. Sou grata àqueles que passaram, permaneceram, mas também àqueles que ainda chegarão.

Desde os estudos iniciais para o ingresso no Mestrado em Letras até o momento de proferir estas palavras, a jornada não foi fácil. Mas, como disse a escritora e professora Ernaux “que seja possível salvar alguma coisa deste tempo no qual nós nunca mais estaremos”. Assim, que do tempo da pressa, do descartável, salvemos as boas histórias. Boas ou ruins, as histórias contam sobre como existiram pessoas ao nosso redor. Pessoas sem as quais não seria possível nem mesmo os primeiros passos. Pessoas sem as quais não se conclui uma dissertação.

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe e à meu pai. Embora distantes fisicamente, dentro das (im)possibilidades que a vida resguarda, fizeram algo de um impossível para que eu chegasse até este momento. Mãe e Pai, quando os Analistas de Discurso dizem que, em se tratando de linguagem, *tudo não se diz, tudo não se pode dizer*, é sobre isso que estão falando: amor. Quando as palavras já não suportam os sentidos e então o amor faz morada, transborda o significante – sentido prévio das coisas –, e assim desmancha as nossas evidências.

Sou grata também à minha irmã e ao meu cunhado, pessoas pacientes, sabedoras de que determinadas escolhas implicam sempre em inumeráveis renúncias. Vocês são parte fundamental para minha existência e permanência no ambiente acadêmico.

Agradeço duas pessoas cruciais: Aline e Erica. Amigas queridas que o PPGL me presenteou. Bússolas. Aline, por todo o cuidado no manejo com as palavras, proferindo cada fonema no momento exato que deveria ser dito. Já Erica, pela emoção, sabedoria, orientando-me, tanto quanto possível, mesmo tão distante de mim, no Norte de nosso país, quando tudo parecia ruir.

Gostaria de agradecer aos amigos de longa data: Agnes, Ivan, Thai, por serem pessoas especiais que me acompanham desde 2017, no primeiro ano da

graduação em Letras. Vocês viveram comigo momentos únicos e tê-los ainda hoje me enche de emoção.

Não poderia deixar de agradecer minha incrível banca composta por pessoas generosas: Cris Dias e Alexandre Ferrari. Cris, uma pesquisadora que tanto me ensina através de seus escritos. Tê-la em minha banca significa algo de um impossível dizer, um acontecimento que eu ainda não consegui elaborar. Obrigada por toda a contribuição teórica, pelo carinho e cuidado inscritos em suas palavras, apontamentos. Ale, por ser uma fonte de inspiração e uma das minhas primeiras referências em AD. Agradeço por cada conversa, por cada ensinamento sutil de vida que a sua existência não cessa de nos ensinar até mesmo na trivialidade de um “bom dia”. Cris e Ale, vocês são uma fonte de inspiração e, honestamente, eu espero um dia ter a metade do conhecimento, generosidade e dedicação de vocês.

Não posso deixar de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste - PPGL, pela oportunidade de realizar o Mestrado em uma Universidade Pública, além dos professores e funcionários desta instituição.

Também sou grata à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, por me possibilitar realizar a pesquisa através de uma bolsa de estudos, fomentando a minha permanência na universidade e não me deixando esquecer sobre a necessidade de continuar apostando nesse ofício árduo que é produzir pesquisa no Brasil.

Endereço o meu agradecimento final à minha querida orientadora. Que dizer sobre a Profa. Danti? Estar aqui, escrevendo essas palavras que representam tanto para mim, me mostra que eu jamais saberei o que teria acontecido se eu não tivesse seguido o percurso acadêmico; certamente teria conquistado outras coisas. Talvez fosse eu uma bióloga, musicista; talvez uma geógrafa ou historiadora. Talvez... Não se sabe. No entanto, como você mesma me ensinou através da teoria da AD e de sua trajetória de vida, é nesse não saber que reside também algo que os sujeitos bem sabem. Eu sei que eu escolhi ser Professora de Literatura e eu também sei que meu caminho, nesses longos anos, foi traçado na Universidade, na Unioeste, ao seu lado. Sei que a minha dissertação representa um bocado sobre mim, mas também sei que revela um tanto sobre você. Algo mesmo de sua generosidade, genialidade e boa influência sobre a minha existência. Hoje, escrevendo essas palavras, lembro de um passado de muitas dúvidas e inseguranças. As dúvidas e inseguranças não se foram. No entanto, honro a Vitória que não desistiu e agradeço a você por torná-

la uma menina forte e corajosa a enfrentá-las. Obrigada pela orientação e pelo carinho que sempre direcionou a mim. Você é uma inspiração, uma pesquisadora exímia e uma pessoa crucial para o mundo. Sou grata pelo conhecimento compartilhado e por torná-lo acessível, fazendo circular, além das imediações acadêmicas, neste universo mais abrangente que comumente chamamos *vida*.

*A palavra é o grande quintal onde as pessoas se sentam para exercitar a humanidade.*

*Ondjaki*

CASTRO, Vitória Delpino. **Na cidade, decantar palavras:** modos de (r)existir e intervir em tempos de rede. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2025.

Orientadora: Dantielli Assumpção Garcia  
Defesa: 13 de março de 2025

## RESUMO

Na contemporaneidade, falar em cidade implica considerarmos um ponto estruturante de nossa condição de produção social vigente: o funcionamento das tecnologias digitais em nossa vida cotidiana. Neste trabalho, filiadas à Análise de Discurso (AD) de perspectiva francesa, interessa-nos refletir de que modo o sujeito de nosso tempo se constitui e (se) discursiviza na relação com as tecnologias digitais na cidade hoje, buscando (r)existir e intervir neste tempo presente. Articulando os postulados teóricos do fundador da AD, Michel Pêcheux, junto a estudos relacionados às redes digitais, que englobam desde à lógica mercadológica que rege o cotidiano de nosso tempo àqueles que se propõem a refletir acerca do processo de constituição da cidade e de seus sentidos, interessa-nos demonstrar as marcas discursivas deixadas pelas mãos daqueles que estão experienciando as tecnologias no cotidiano da cidade, e que jogam no limiar das implicações culturais e sociais que o digital produz como efeito em nossa sociedade. Lançamos, a título de provocação, um questionamento que irá orientar a pesquisa: em tempos de rede, o que dizem os sujeitos? Nossas análises são compostas por um conjunto discursivo de intervenções urbanas coletadas em diferentes páginas da rede social *Instagram* cuja entrada discursiva nos levou à montagem de arquivos discursivos que operam produzindo uma volta a mais na cidade de hoje, configurando-se ao modo de um lembrar necessário de um tempo que precisa de ser dito e redito pelo sujeito, ressignificado, quiçá, no cotidiano da cidade e, também, nas redes, pelo digital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intervenções urbanas. Cidade. Digital.

## RIASSUNTO

Nella contemporaneità, parlare di città implica considerare un punto strutturante della nostra attuale condizione di produzione sociale: il funzionamento delle tecnologie digitali nella nostra vita quotidiana. In questo lavoro, affiliato al Discourse Analysis (DA) da una prospettiva francese, siamo interessati a riflettere su come si costituisce e (è) discorsivizzato il soggetto del nostro tempo nel rapporto con le tecnologie digitali nella città di oggi, cercando di (r)esistono e intervengono in questo tempo presente. Articolare i postulati teorici del fondatore di AD, Michel Pêcheux, insieme a studi relativi alle reti digitali, che spaziano dalle logiche di marketing che governano la vita quotidiana nel nostro tempo a quelle che propongono di riflettere sul processo di costituzione della città e sui suoi significati, ci interessa mostrare i segni discorsivi lasciati dalle mani di coloro che sperimentano le tecnologie nella vita quotidiana delle città, e che giocano sulla soglia delle implicazioni culturali e sociali che il digitale produce come effetto sulla nostra società. Lanciamo, come provocazione, una domanda che guiderà la ricerca: in tempi di networking, cosa dicono i soggetti? Le nostre analisi sono composte da un insieme discorsivo di interventi urbani raccolti su diverse pagine del social network *Instagram* il cui input discorsivo ci ha portato all'assemblaggio di file discorsivi che operano producendo un ulteriore ritorno alla città di oggi, configurandosi come un necessario ricordo di un tempo che ha bisogno di essere detto e riscritto dal soggetto, risignificato, magari, nella vita quotidiana della città e, anche, sulle reti, attraverso il digitale.

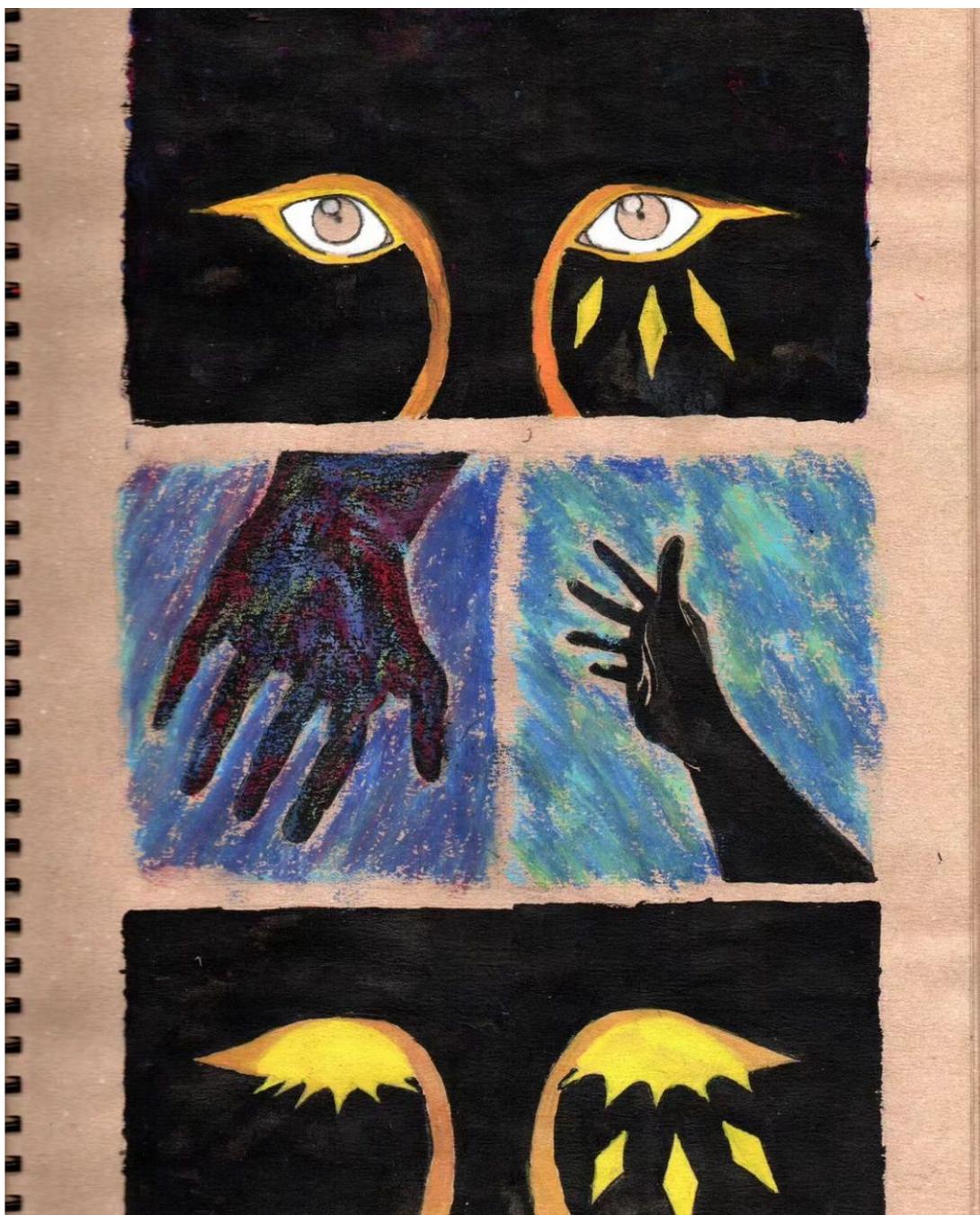
**PAROLE CHIAVE:** Interventi urbani. Città. Digitale.

## SUMÁRIO

.....	8
-------	---

## INTRODUÇÃO

Ilustração realizada pelo artista visual Yuri Alves



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CxyIBA9LmXQ/>

Homem ordinário. Herói comum. Caminhante inumerável.  
Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das  
sociedades.

**Michel de Certeau**

Normalmente, a primeira coisa que vem à mente quando falamos em cidades são as estruturas físicas: prédios, monumentos históricos, cruzamentos que se entrelaçam junto às avenidas movimentadas de um grande centro. Mas cidades são sistemas complexos que impactam diariamente as nossas vidas. Na contemporaneidade, falar em cidade implica considerarmos um ponto estruturante de nossa condição de produção social vigente: o funcionamento das tecnologias digitais em nossa vida cotidiana.

Nova estrutura de deslocamento, novos modos de pertencer à cidade, distintas formas de habitar o espaço urbano. Em meio ao *frenesi* urbano de nossos dias, um tempo mais rápido, semelhante àquele apressado das máquinas, parece somar aos espaços das cidades, deixando atrás de si um rastilho do sujeito de nosso tempo.

Em uma sociedade arrebatada pelas tecnologias digitais, imbuída pela técnica e pela certeza de que a grande rede nos induziu a experimentar cotidianamente, desafiar a lógica do digital, refletir de que modo o sujeito, na vida cotidiana na cidade, é capaz de subverter essa dialética, (des)inventando táticas para sobreviver em meio a essa conjuntura histórica, torna-se urgente. Ao modo do que nos diria o filósofo francês Michel de Certeau (1996), escutar os “murmúrios” de nossa sociedade é o que nos cabe; nesse movimento, refletir como o “homem ordinário”, esse sujeito comum, frente às águas rasantes do oceano tecnológico, “ainda ri” na cidade de hoje.

Navegador de muitos tempos, um nômade, interessante observar como o sujeito tem colocado em cena, no espaço urbano de hoje, fragmentos dessa nossa conjuntura cibernética vigente, materializando diferentes efeitos de sentido sobre as tecnologias digitais. Falamos, aqui, das conhecidas “intervenções urbanas”, práticas discursivas que têm muito a nos dizer sobre a nossa condição atual de existência. Por meio de uma intervenção urbana, de que modo, será, que o sujeito se constitui e (se) discursiviza na relação com as tecnologias hoje? Como, nesse movimento de tomada de posição e de palavra, um espaço urbano outro passa a ser visto, dito e documentado frente a uma sociedade cada vez mais tecnológica?

De lambe-lambe à grafite, de pichação às frases grafadas em postes e largas avenidas da cidade, as intervenções urbanas irrompem, no espaço citadino, ao modo de um rastro na cidade, inscrevendo um dizer que fica quando algo ali passa bruscamente. À luz de um tempo em que o digital se impõe vertiginosamente em

nossa vida cotidiana, no entanto, falar em intervenções significa considerar que um sentido outro se atualiza em torno desse fazer artístico. Em nossa atualidade tecnológica, o “urbano” de uma possível “intervenção”, além de seu espaço nascente, a rua, mareja também junto às águas revoltas de uma outra localidade geográfica: a rede. As consequências disso? Somos convocados a adentrar uma cidade metafórica, cujas veredas territoriais, mais abertas e fluídas, levam-nos a recalcular as rotas, a adentrar o nosso tempo presente por meio de um olhar mais apurado, de uma escuta atenta quanto aos sentidos produzidos por aqueles que vivenciam as tecnologias digitais hoje.

Inventar um tempo para conseguir marchar conforme o ritmo descompassado das redes é apenas um dos efeitos de sentido que as tecnologias digitais promulgam. Da velocidade à produtividade, o *oceano* Ciberespaço, assim intitulado por muitos teóricos do âmbito das Ciências da Informação, é o ambiente que nos desafia, por certo, a percorrer, ou melhor, a navegar sobre a cidade a partir de uma outra ordem.

O Ciberespaço é esse mundo digitalizado da *web*, veloz, que faz de uma saudade ardente vinda do de longe parecer menos doída no aqui-agora do de perto de uma videochamada. Para além dos grandes avanços que a emergência do Ciberespaço nos proporcionou, e nos proporciona cotidianamente, esse mesmo oceano cibernético que nos banha é também aquele que nos deságua e nos armazena, dentro e fora da rede, ao modo de um número. Reduzindo-nos, por vezes, a sequências algorítmicas, o Ciberespaço nos (su)gere saberes, gostos e filtros. Ele nos perfila, nos surpreende e nos prevê, fazendo advir vontades que nem mesmo nós, em nossa ilusão mais convicta, conseguiríamos responder de onde vieram.

Fruto de uma temporalidade outra, como nos lembra Pierry Lévy (1999), estudioso das redes, as águas rasantes movimentam o oceano Ciberespaço e produzem aos sujeitos um efeito de “desapossamento”. Nessa espacialidade, ilusoriamente, mais fluída, entram em cena as cores de um tempo craquelado, elástico, que faz com que, em meio a avalanche da fluidez e dispersão, os sujeitos se percebam, por vezes, despojados de si, a velejar sobre um oceano infundável.

Velocidade, agilidade, permissibilidade, poder. O tempo eficiente que constitui a rede confronta o tempo dos sujeitos, das palavras e o deslocamento dos sentidos, indicando-nos o modo como hoje, talvez como nunca antes experimentado em

nossa história, entre o sujeito e a rede opere um abismo e um salto no tempo, um buraco que se marca no modo como o sujeito passa a se constituir, que se dá a ver a partir de muitos discursos contidos em intervenções urbanas, onde, por meio da inscrição da palavra, podemos capturar o desejo de preenchimento, de contorno e “riso” diante da fissura gerada pelo furo.

Por entre os cliques que o Ciberespaço nos permite executar, atualizar o *feed* de alguma rede social e, no deslizar dos dedos, pairar sobre algo de uma cidade em circulação nas tramas do digital se torna um gesto comum. Hoje, as intervenções urbanas conquistam as telas do Ciberespaço, textualizando diferentes efeitos de sentido sobre a vida cotidiana dos sujeitos em tempos tão tecnológicos como o nosso. Ao circularem no digital, as intervenções urbanas nos permitem capturar uma extensa pasta virtual da cidade contemporânea a guardar as marcas dessa conjuntura histórica tecnológica que nos atravessa. Essa “pasta virtual” da cidade funciona ao modo de um grande arquivo<sup>1</sup> (Garcia; Sousa, 2014) do espaço urbano contemporâneo a nos apontar como as intervenções do agora não mais se retêm ao instante urbano em que se formulam, ou na possível parada do sujeito, na rua, para que as apreciem; mas na brusca detenção do corte da duração de um clique, que permite àquele sujeito que têm acesso à rede internet a ler e reler o arquivo; arquivar e revisitar o escrito. Capturar, postar, compartilhar, excluir. Por certo, a produzir arquivos da cidade em tempos de rede a rememorar, com certa regularidade, fragmentos desse nosso momento histórico tecnológico vigente.

Enquanto sujeitos cibernéticos que somos, embalados pelas certezas que o mundo técnico nos levou a crer, presumimos sempre saber. Sabemos pela evidência que promulgam os resultados; temos sempre a certeza absoluta quanto aos rumos que determinado caminho será capaz de nos levar. Na perspectiva dos estudos discursivos, perspectiva essa que inscrevemos teoricamente a nossa escrita, o saber convicto trata tão somente de uma ilusão do sujeito. Isso é relevante, pois, em termos de rede, embora ousamos saber de sua existência em nossa vida cotidiana, ainda que, pelo efeito da transparência da linguagem, nos é evidente o fato de

---

<sup>1</sup> Garcia e Sousa (2014) compreendem o “grande arquivo” ao modo de um compilado de questões sociais e históricas que circulam em nossa sociedade. De acordo com as autoras, “no ciberespaço, inúmeros fatos que passam no espaço urbano, cidadão circularão e ecoarão sentidos para a sociedade em rede [...] em uma tentativa de ruptura a certas memórias estabilizadas” e [...] com o intuito de produzir deslocamentos de sentidos” (Garcia; Sousa, 2014, p. 87).

estarmos enredados à *Galáxia Internet*<sup>2</sup>, parece-nos que algo, hoje, baliza tais certezas, deslizando, escapulindo e furando os sentidos tidos como hegemônicos em torno da existência cotidiana das tecnologias digitais em nossa vida.

Bordejar o real da rede, fugir dos trilhos desse “trem” que marcha a compassos apressados, é o que intenta o sujeito no cotidiano da cidade de hoje. A transparência e literalidade dos sentidos, a acepção de um cotidiano exato, no qual dançam as notas de um tempo ágil, do aqui-agora, do presente absoluto, técnico, parece apresentar algumas ranhuras. A dimensão da incompletude, o acolhimento do imprevisível, do impossível, passam longe do mundo das “técnicas” que a rede nos levou a incorporar em nosso dia a dia. Ainda assim, no cotidiano da cidade, é de saltar aos olhos a perspicácia do sujeito contemporâneo, que, na trivialidade do dia na cidade, por meio de uma prática tão singular e transgressora como a de uma intervenção urbana, busca desafiar a lógica dominante que se faz a rede.

Juntar os cacos de palavras que sustentam os discursos contidos em tais intervenções urbanas; capturar os deslizamentos de sentidos que aí jogam; topar com as versões diferentes de um mesmo fio discursivo são alguns dos intentos que propomos durante o percurso de construção dessa nossa pesquisa. Ao darem corpo às desavenças dos sujeitos em relação a essa condição de produção cibernética vigente, as intervenções urbanas produzem uma volta a mais na cidade, configurando-se ao modo de lembrar necessário de um tempo que, para o sujeito, precisa de ser dito e redito, quiçá, ressignificado no cotidiano das ruas, na cidade, e, também, no oceano das redes, no Ciberespaço.

Em um tempo não tão longínquo era comum, diante de uma situação banal de despedida com outro sujeito, tropeçarmos com um enunciado do tipo: “Vou sair da internet agora, até mais tarde!”. Se atualizarmos esse dizer para o tempo do agora, sobressai o choque com o real de uma rede cuja “saída” opera como um gesto da ordem de um impossível fazer. A rede, em seu estranho e tão familiar funcionamento cotidiano, nos capta, afetando, inclusive, aqueles sujeitos considerados à margem de nossa sociedade. O digital reina em nossa sociedade contemporânea e já não podemos mais escapar dessa condição, como bem nos alertou Dias (2004), importante pesquisadora do digital.

---

<sup>2</sup> Termo cunhado e debatido pelo teórico Manuel Castells (2003) em sua obra intitulada *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*.

Michel de Certeau, voz primorosa no campo das Ciências Sociais, ensina-nos, em sua obra “A Invenção do Cotidiano: artes de fazer”, que, “para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns” (Certeau, 1996, p. 35). O comum, na perspectiva do autor, desenha-se no cotidiano, no desenrolar da vida e dos pedacinhos que, dela, deixamos cair pelo chão, em um caminhar apressado diante de um dia comum. De uma burocrática ida ao banco ao abraço apressado que damos no outro sujeito para que cheguemos a tempo no trabalho. Assim mesmo penderíamos pensar as tecnologias digitais face à existência do sujeito, hoje, na cidade, na ordem de um dia comum. Em meio às fagulhas tecnológicas anunciadas por um tempo cibernético e veloz, quais seriam os pedacinhos de vida que os sujeitos deixam cair sobre o seu caminhar apressado? Ou quais os fios de rede a invadem seu olhar afogado frente a um tempo atroz, tão rápido, que não o permite ver como gostaria?

Essas indagações nos levam à escrita de Gaston Bachelard (1994), importante filósofo e poeta francês. O autor, em sua obra intitulada “A poética do espaço”, convida-nos a pensar sobre a pertinência que os espaços adquirem em nossa vida banal. “O espaço é vivido”, nos diz o autor. O poeta, em sua obra, analisa os espaços de uma casa, mostrando-nos como eles são significativos aos sujeitos. Para morar, habitar, pertencer à casa, o sujeito precisa, antes, traçar uma relação íntima com cada um de seus espaços, rompendo como o imaginário de uma casa como tão somente como um local de moradia. A casa se torna lar, e o lar é onde o sujeito pode não somente morar, mas habitar e ser habitado. Poderíamos assim mesmo tomar o espaço cidade na relação com os seus sujeitos habitantes. De que modo, será, que o sujeito habita uma cidade em tempos de rede? Diante de um tempo tão imediatista quanto o nosso, ousamos responder a essa indagação ressaltando o modo como, na cidade, o comum de um dia nos ensina algo crucial em nosso tempo: que há uma beleza estonteante nas minúcias que se escondem na banalidade do dia quando consideramos o nada algo menor. É nessa imensidão de nada que cabem, enfim, os arredores.

Das mais belas e exuberantes metrópoles às privativas províncias e distritos, as cidades sempre se mostraram um organismo vivo, pulsante. É nesse ecossistema que se faz a cidade que podemos capturar as sutilezas do cotidiano, as grandiosas “operações comuns”. É dentro dessa lógica da existência do comum na cidade que podemos chegar à dimensão política que assume uma intervenção urbana na cidade

em tempos tecnológicos. No limiar de sua existência política, a dimensão simbólica que elas adquirem, propondo, como bem já nos eternizou Guimarães Rosa, o observar de um “devagar depressa dos tempos” – as intervenções, assim, são capazes de desacelerar o compasso, de (des)adormecer os barulhos que o “de fora” faz colidir com o “de dentro”, e que a língua vai, justamente, tentar bordejar a partir daquilo que o sujeito pinta, fazendo com que algo aí esteja sempre a fugir do horizonte.

Em tempos digitalizados, capitalista e consumista ao extremo como o nosso, as tecnologias digitais se engrandecem, atualizam-se, assim como o sistema econômico capitalista vigente. Desse modo, em tempos de rede, o capitalismo reorganiza a sua lógica, e isso é relevante à medida que tal sistema passa a lucrar muito com a tecnologia de comunicação. Ao modo de um sujeito em carne e osso, para cumprir a tarefa de manter a grande engrenagem funcionando, os trilhos em seus devidos lugares, é como se o capitalismo dissesse ao sujeito: “Você pode tudo, não sei se você vai dar conta, mas você pode”.

Como nos ensina Byung-Chul Han (2018), filósofo e pesquisador assíduo das redes, em tempos tecnológicos, o que caracteriza o tempo é a absoluta prioridade do presente. Se pensarmos, é a ubiquidade das redes, um longe que se torna perto; um novo modo de fazer advir a presença, agora, magicamente, ou melhor, numericamente, preenchida pela via da ausência, pela conversão do corpo do sujeito em dado, em número. Em termos de cidade, é a dureza do concreto que principia algumas ranhuras no espaço urbano, mas que, ainda assim, resta como pressuposto. Lançada no fundo de um vasto oceano tecnológico, não se trata de assistirmos a uma espécie de ruína das cidades, ou de compactuarmos com os “discursos dos fins” (dos espaços, dos sujeitos, dos tempos), que tanto circulou, e ainda circula, junto aos avanços tecnológicos. No entanto, trata-se do modo como passamos a experienciar um deslocamento nas formas de sermos e de estarmos sujeitos no mundo como ele é. Rápido, sem falhas, técnico demais. Evidente.

Como nos alertou Lévy (1999), “[...] quando o digital comunica e coloca em um ciclo de retroalimentação processos [...] anteriormente estanques, suas implicações culturais e sociais devem ser reavaliadas sempre (Lévy, 1999, p. 25)”. Desse modo, que possamos reavaliar os desdobramentos das redes hoje, mergulhando no oceano cibernético das redes, pelo Ciberespaço, e percorrendo, por entre águas revoltas desse oceano, esse lugar tão significativo, social e coletivo, que

permanece sendo a cidade. Cabe-nos, a partir dos discursos que nos convocam a pensar as intervenções urbanas do agora, a vasculhar as marcas discursivas deixadas pelas mãos daqueles que estão experienciando esse acontecimento da rede no cotidiano da cidade, os quais jogam, justamente, no limiar das implicações culturais e sociais por ela produz como efeito.

Na busca por compreender os efeitos de sentido que o digital vem engendrando na vida cotidiana dos sujeitos é que a nossa pesquisa propõe um questionamento norteador: em tempos de rede, o que dizem os sujeitos? A questão parece simples, mas não há uma resposta direta, mas categorias de análise como sujeitos e ideologias. Ela significa e se ressignifica a partir das condições de produção que emerge e exhibe uma complexa formulação ao tratarmos dessas questões diante das mudanças histórico-político-sociais. Por meio de nosso questionamento norteador, compreendemos, portanto, que está no cerne a palavra, o seu coração e a sua função na constituição do sujeito, sua estrutura determinante no trato com a alteridade, na inscrição da cultura. Por isso mesmo é que nos desafiamos a percorrer a cidade a partir de sua escrita: “a cidade é também um registro, uma escrita”, lembra-nos a arquiteta e urbanista Raquel Rolnik (2004, p. 9). Partindo de que a linguagem é constitutiva do sujeito, acreditamos que através das palavras, da presença e da ausência delas, torna-se possível o rompimento do seu apagamento social. O gesto, aparentemente, banal, embora transgressor, de se produzir uma intervenção urbana na cidade, leva o sujeito de nosso tempo a ir de encontro com o real de um mundo, por vezes, duro de ser percorrido no dia a dia, senão fossem as palavras poéticas que uma intervenção é capaz de lhe proporcionar. Esse gesto de tomada de palavra e de posição do sujeito tem muito a nos dizer sobre o nosso tempo presente.

É na prática da escrita, que nunca é em vão, que os sujeitos (se) dizem nessa relação com as tecnologias digitais, desmantelando, pelo trabalho da memória, aquilo que, muitas vezes, é impossível de vozificar. É a partir do lugar de quem reconhece o digital como uma das condições de produção dominantes em nosso tempo que propomos, a partir desta pesquisa, um gesto de análise e de reflexão sobre *posts online* que trazem à cena, por meio de intervenções urbanas em circulação na rua e na rede, esse momento cibernético marcante de nossa história.

Nossas análises são compostas de um conjunto discursivo de intervenções urbanas coletadas em diferentes páginas da rede social *Instagram*. De início, as

intervenções compuseram um extenso arquivo da cidade, para que pudéssemos construir, a partir dessa pasta primeira, arquivos menores. Nesse processo de coleta e de curadoria, um processo árduo e desafiador se impôs, desafiando-nos e nos inquirindo em relação ao próprio gesto de arquivar. O que significa(ria) guardar, conservar essa ou aquela intervenção urbana? Onde alocar tal intervenção? Como nomear um arquivo? Após muitas reviravoltas no grande arquivo, descartes de materialidades, recuperação e recrutamentos, chegamos às regularidades discursivas e repetições de sentidos significantes aos objetivos traçados a partir de nossa pesquisa. Gesto que culminou na constituição do *corpus* e nos levou a considerar que, de fato, diante de um processo de construção de arquivo tudo não se pode guardar, embora haja sempre a ilusão totalizante do arquivo, onde, no início, “tudo” parece apontar para a pertinência. A necessidade de (re)trabalharmos, ao longo de nossa pesquisa, a noção de “arquivo” para a de “arquivos”, no plural, da cidade, foi preciso, e foi esse o gesto que nos levou ao capítulo final do estudo, permitindo-nos construir arquivos mais fundamentados e delimitados teoricamente.

Propomos o trabalho de maneira que pudesse ser fundamentado a partir da perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso francesa para nos servir de base a entender o desenrolar da cidade hoje, o sujeito e os discursos que o permeiam, a ideologia em que está inserido e as memórias que são retomadas por eles e fazem ressoar esse nosso momento histórico tecnológico. Michel Pêcheux (1995), precursor dessa base teórica, é quem nos presenteia com uma teoria que nos desafia a deslocar, nas intervenções urbanas, a noção de “língua” para a noção de “discurso”. Gesto que nos possibilitou a considerar que, no discurso, as palavras vão rolando, feito pedrinhas dentro de um riacho vão se desgastando, se deslocando, sugerindo-nos como, nessa relação de movimento, é que o processo de significação desponta. Por entendermos a urgência de refletirmos a cidade em seu processo de constituição face ao sujeito e às tecnologias digitais, percorremos também outras leituras teóricas relacionadas a campos de estudos distintos. Das Ciências da Informação às Ciências Sociais; da Geografia ao Urbanismo; dentre outros estudos e leituras pertinentes.

Organizamos a construção de nossa pesquisa a partir de quatro capítulos. No primeiro deles, intitulado *A cidade e os sujeitos*, iniciamos com uma reflexão a respeito da relação do sujeito com espaço urbano de hoje. Para isso, partimos tanto de uma revisão de literatura quanto de um debate que já nos direciona a refletir que

deslocamentos são esses no cotidiano da cidade e nos sujeitos causados pelas ansiedades das redes. Na seção *Habitar o espaço, dar contorno ao deslimite do corpo*, exploramos a dimensão cotidiana que o espaço cidade adquire para o sujeito e seu corpo, propondo refletir sobre como a noção de espaço significa e é significada. Já na seção *Intervenções urbanas: uma volta a mais na cidade*, exploramos o caráter político que essa prática discursiva assume em nosso tempo de deslinearizar as narrativas que buscam, muitas vezes, manter o *status quo* na cidade.

No segundo capítulo, *Trajeto teóricos*, apresentamos a teoria que sustenta a nossa pesquisa, as singularidades que a marcam em seu campo científico, além de propor um percurso de escrita que explicita como se dá o batimento entre *corpus* e teoria. Na seção *Introdução à nossa perspectiva teórica*, apresentamos as noções teóricas principais mobilizadas em nossa escrita, como a própria noção de *linguagem*, que é de outra ordem, a noção de *sujeito*, de *discurso*, de *ideologia*, entre outras noções. Já na seção *Procedimento metodológico e encontro com as intervenções urbanas*, apresentamos os passos metodológicos empreendidos tanto no processo de construção do *corpus* quanto na realização das leituras teóricas. Nos debruçamos em torno da noção de *arquivo*, precisamente, na próxima seção, intitulada *Arquivos na cidade em tempos de rede*; significante esse pertinente para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

No capítulo seguinte, nomeado *A rede e seus fios: uma discursividade em nosso tempo*, mostramos de que modo as tecnologias digitais comparecem como uma condição de produção em nosso tempo. Na seção *Condição de existência?*, esmiuçamos a questão, mas a relacionamos, de forma mais profunda, ao cotidiano urbano, buscando discutir se os sujeitos de hoje existem, na cidade, principalmente, somente nessa relação com as redes. Damos sequência à discussão na próxima seção, intitulada *Quando a conexão escapa à rede*, analisando, particularmente, uma intervenção urbana que faz ranger o imaginário que impera sobre o universo tecnológico, que perpetua, por vezes, a evidência de uma “rede perfeita”, em que o sinal é inabalável, a comunicação, sem qualquer falha ou o ruído.

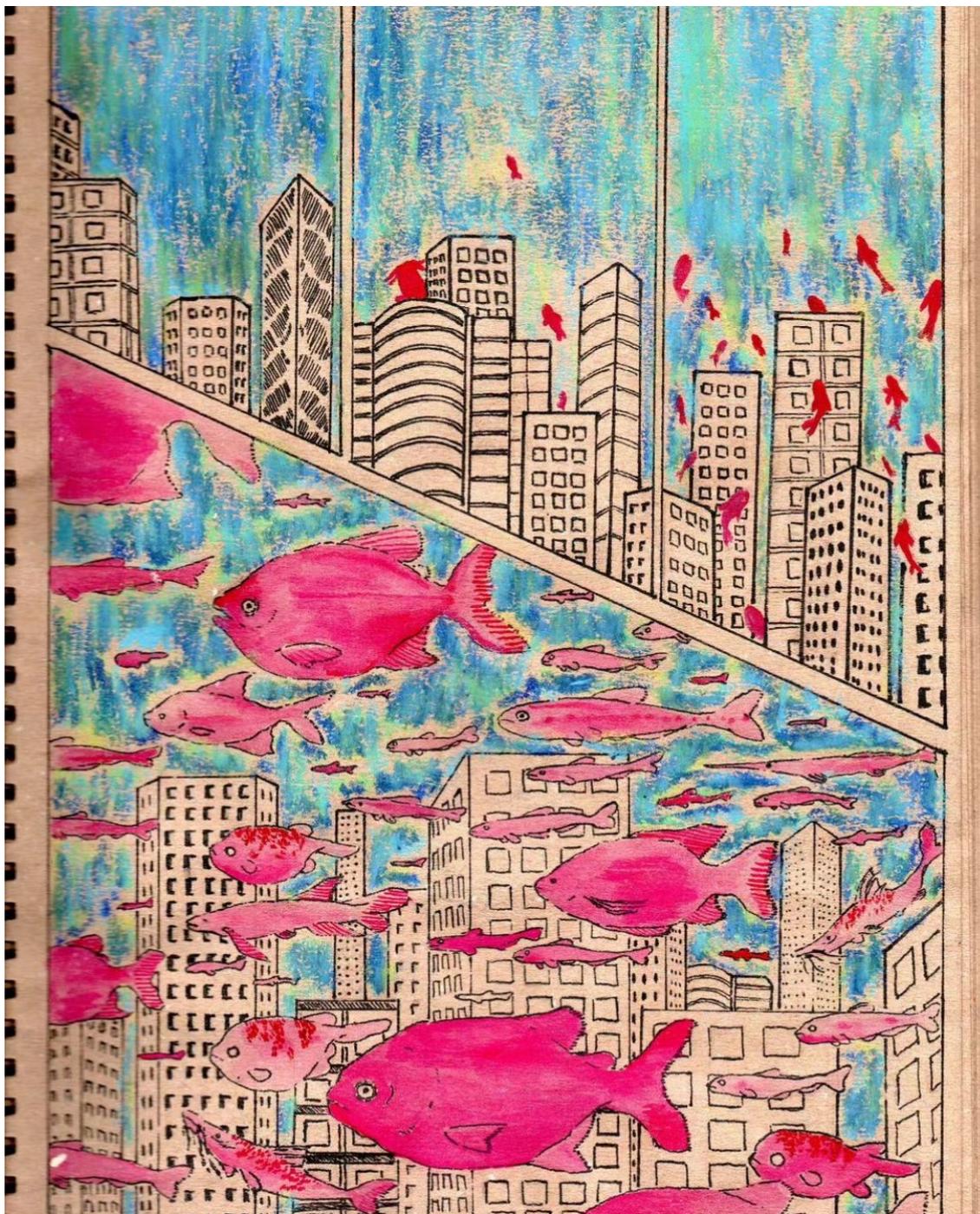
No último capítulo, intitulado *Um tempo à margem dos trilhos*, apresentamos os nossos gestos analíticos e os arquivos aos quais foram possíveis delinear ao longo de nosso percurso final de estudo. Os arquivos estão organizados e nomeados em subseções, cada qual movimentada e analisada, teoricamente, dadas

às regularidades discursivas e repetições observadas no processo de montagem de cada arquivo.

Reservamos, por fim, uma parte dedicada às considerações finais de nosso estudo, mas não conclusões fechadas e cartesianas, que se encerram como um ponto final ou como certezas evidentes quanto aos resultados alcançados, mas formas de reflexão e de diálogo. Com esta pesquisa, propomos, assim, nem desviar, nem romantizar as tecnologias digitais, mas aceitamos escutá-la a partir das intervenções urbanas. Esperamos que cada capítulo de nosso estudo faça sentido e encontre nos leitores, do presente e do futuro, espaços de incômodo para que não sejamos anestesiados pela rede, mas para que haja, sempre, espaço para o possível dela dizer.

## 1 A CIDADE E OS SUJEITOS

Ilustração realizada pelo artista visual Yuri Alves



Fonte: [https://www.instagram.com/p/Cx\\_JAYkRZJP/](https://www.instagram.com/p/Cx_JAYkRZJP/)

Desinventar objetos. O pente, por exemplo.  
Dar ao pente funções de não pentear.

**Manoel de Barros**

Cidades são como um livro de imagem, elas falam por si, mas também nos pedem palavras. Palavras que virão de conversas durante e após um caminhar sobre o espaço – como lágrimas, revolta, gestos de acolhimento e de urgência de mudança, como reconhecimento e solidariedade. Uma cidade é, assim, como uma obra poética, sempre inacabada e sempre por dizer. Algumas são acolhedoras, com largas avenidas, praças amplas e monumentais; já outras, exíguas em suas vias, apresentam solos irregulares, que cortam rios e margeiam a vegetações, casas. Por isso a demografia, ao menos a do verso, é fértil no espaço da cidade, e, à medida que o sujeito adentra o território, ele se lança sempre ao longe em busca de um “algo a mais” no cotidiano – o cotidiano vivido, por si, não basta, sendo preciso “desinventar” a naturalidade dos objetos, dias e horas ali contidos, como assim nos sugere pensar os versos poéticos de Manoel de Barros que abrem este capítulo.

Diferentemente dos animais, os seres humanos não adentram um espaço por natureza ou por instinto. Muitos são obrigados a ir, a migrar e a fugir, são perseguidos e expulsos. Imploram refúgio, asilo, exílio, vivem à margem da lei, à beira do insuportável, sem direitos nem condições. Dar novas cores e formas ao cotidiano opaco, às vezes, excludentes, – e, em termos de Brasil, quase sempre –, dar funções, destino ao espaço que está posto, estabelecido como significante, explicita um gesto astucioso e muito bonito de se narrar, no entanto, em termos de vida, um gesto também muito desgastante ao sujeito, embora, em nossos dias mais comezinho, as resistências cotidianas prossigam dançando e produzindo (des)invenções.

Essas reflexões nos levam a pensar o espaço da cidade ontem e hoje. De acordo com Cardoso (2004), geógrafa e pesquisadora de temáticas urbanas, a cidade se apresenta como um produto histórico-social. Sendo assim, das cidadelas medievais à pólis grega, as cidades sempre fizeram ecoar, por meio de seus espaços metafóricos, as forças que o coletivo tem de produzir rasgos no curso da história oficial e no discurso dominante. Muito embora, desde o período medieval, as cidades buscassem aniquilar aqueles que desafiassem a sua solene “ordem” – pensemos no processo de higienização, hoje sintetizado pelo termo *gentrificação*; ou mesmo nos projetos hostis de arquitetura que ainda sustentam as vigas de muitos edifícios –, os sujeitos, ainda assim, sempre se propuseram a dar uma volta a mais na cidade e a pintarem, em seus espaços, por vezes, excludentes, as cores de sua existência e resistência no território.

Como os grãos de areia, no vai e vem das ondas tumultuosas de um vasto mar, encontram, lá, certa porção de oceano, em seu território tortuoso, os sujeitos (se) encontram na cidade, e é nessa relação de encontro e de desencontro, de desavença, que o espaço urbano comparece

[...] como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico de uma série de gerações. Expressão e significação da vida humana, obra e produto, processo histórico cumulativo, a cidade contém e revela ações passadas, ao mesmo tempo em que o futuro, que se constrói nas tramas do presente – [...] nos coloca diante da impossibilidade de pensar a cidade separada da sociedade e do momento histórico analisado (Cardoso, 2007, p. 11).

Enquanto território do acúmulo, a cidade se incumbe de nos comunicar uma certa história. História não linear, não oficial, mas as páginas de um vasto livro, composto por minúsculos pedacinhos da cena urbana, daquela tagarelice do dia a dia, que, aliada à saturação vindoura de todo esse excesso (de sentidos, de palavras, de linguagem), constituem aqueles restos que lá permanecem ao modo de um “algo a mais precisa de ser dito e visto”.

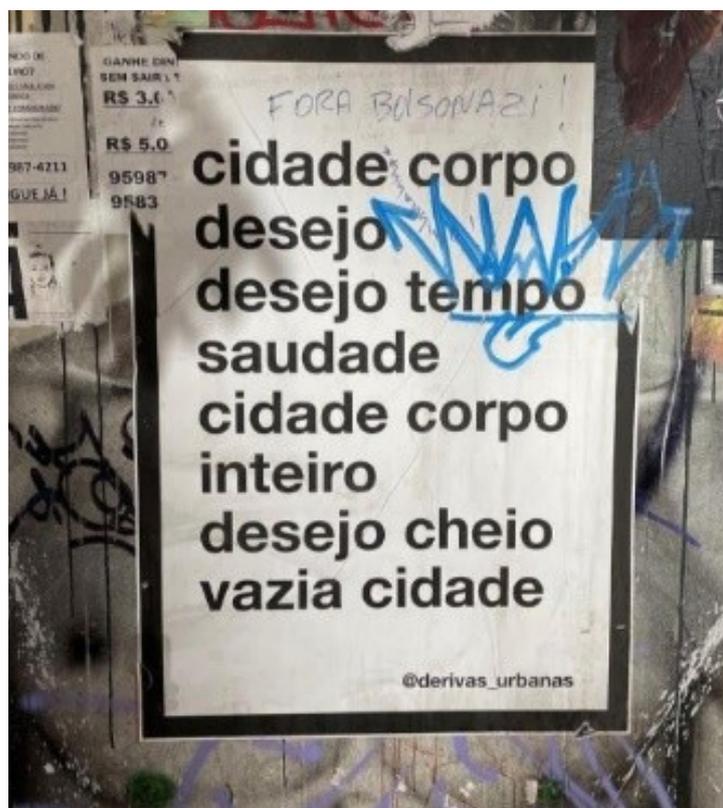
O gesto, a paisagem, as palavras, o som. “A cidade tem assim o seu corpo significativo”, nos diz Eni Orlandi (2004, p. 31), linguista e pesquisadora de temáticas relacionadas ao espaço urbano. De acordo com a autora, o espaço urbano abriga diversas narratividades, “flagrantes” que dão cor e contorno à cidade, a exemplo do *pixo*, do lambe-lambe, do grafite: intervenções urbanas que funcionam ao modo de “[...] lembretes (chamadas) para o exterior” (Orlandi, 2004, p. 31) dos lugares da cidade. É assim que o espaço urbano se personifica ao modo de um corpo que significa, materializando um pensar que foge ao arquitetônico, à organização do ambiente e ao social, se pensarmos os sujeitos articulados no território da cidade.

Por esse viés, seria muito pretensioso imaginar que, na cidade, o corpo do sujeito só se mobiliza para viabilidade da existência humano-capitalista. O estudo das relações entre corpo e sujeito – o corpo ordinário, vivido, cotidiano, e cidade, desafia-nos a refletir sobre o modo como os corpos dos sujeitos de hoje circulam sobre o corpo espacial da cidade. Orlandi (2004), assim, alerta-nos sobre como, no espaço urbano, “[...] o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro” (Orlandi, 2004, p. 11). Poderíamos nos perguntar, ainda

assim, de que modo o corpo do sujeito se corporifica e é corporificado junto ao espaço-corpo das cidades de nosso tempo, constituídas pelos embalos e ecos de uma conjuntura histórica tecnológica e técnica como a nossa. Como, em tempos de rede, o espaço urbano significa e é significado? Como ele é dito e ocupado pelo sujeito? Como ele se ocupa do sujeito?

Essas indagações nos levam, outra vez, a Orlandi (2015), a qual nos relembra como a relação entre corpo e cidade, entre “carne” e “pedra” se perfaz a partir do funcionamento da linguagem no entorno do espaço urbano. Nas palavras da autora, é na e pela linguagem que se pode tocar “o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (Orlandi, 2015, p. 13). Vejamos, a seguir, para ilustrar uma das possibilidades para se pensar os corpos e(m) movimentos no espaço da cidade de hoje, a materialidade discursiva contida em uma intervenção urbana.

**Figura 1 – Cidade-corpo**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CbIEB1Hu-Ni/>

O que nos chama a atenção logo de saída na materialidade apresentada é a repetição da formulação “cidade corpo” que se soma junto ao significante “desejo”.

Em tal lambe-lambe, enquanto dito, tem-se um efeito de sentido que aponta para um sujeito que deseja (n)essa cidade corpo. Ele *deseja* desejo; tempo; saudade. Em um espaço que, ilusoriamente, parece inteiro e completo como a cidade, muitas vezes, supõe ser, o desejo desse sujeito, ou a ação de desejar nesse corpo social, funciona também a partir da ordem de uma suposta completude: “desejo cheio”. Nessa cidade saturada, no entanto, o sujeito metaforiza aquilo que é da ordem do não é tudo, e um sentido outro se instaura: “vazia cidade”. É nesse tenso batimento que tal lambe-lambe irrompe como um convite a nos lembrar o modo como a vida urbana é feita das relações corpo-cidade, espaço-movimento, afeto e ação. A cidade é a cidade no nível da rua, do público, produzida por corpos e(m) movimentos, do que está sendo feito e experimentado da vida urbana. O corpo do sujeito que experimenta a cidade; a cidade que vive por meio desse corpo; a cidade que se torna uma cidade-corpo. Os corpos – do sujeito e da cidade, tornam-se uma densidade necessária, “um”, como nos diz Orlandi (2004), pois ambos estão imbricados.

Nessa escritura urbana, o corpo do sujeito, corporificado junto ao corpo social urbano, contrapõe-se ao corpo da cidade sugerido pela lógica do movimento acelerado, fugaz, ao modo de um espetáculo de uma cidade “produto” em que se baseiam os projetos urbanos de vida contemporâneos. Em uma cidade saturada e guiada pelo movimento frenético, poderíamos lançar a pergunta: ainda há espaço para que o corpo do sujeito ocupe os espaços no/do urbano? Para o sujeito produtor de tal lambe-lambe, para circular com seu corpo no corpo social da cidade, há que se ter algo da ordem de um desejo, de uma (des)invenção da ordem dominante na cidade. É o corpo errante desse sujeito à margem que se confunde com o corpo da cidade. Esse corpo que não se deixa encaixar no espaço, que não se adequa, mas oferece, em sua errância, uma corporeidade outra ao cidadão.

Ademais, tal lambe-lambe nos permite perceber como, para compreender a relação entre corpo e cidade, não basta “ver” a cidade de um único ponto de vista. É preciso percorrê-la caminhando, lendo, escutando, sentindo, desejando. Ocupando o cotidiano do espaço. Também por esses movimentos é que o social comparece como possível dizer, como temos em “fora bolsonazi”, grafato mais acima da intervenção; os discursos funcionam, afinal, sempre na relação com o político. Posto isso, é preciso acionar os sentidos e descobrir seus arredores, seus muros; passar por cima deles, ou escrever em cima deles, carimbando-os, colando um lambe-

lambe no poste, para se proteger das adversidades advindas de uma experiência urbana que, parece-nos, intenta, cada vez mais, aprisionar os corpos e(m) movimentos dos sujeitos nas cidades.

### 1.1 HABITAR O ESPAÇO, DAR CONTORNO AO DESLIMITE DO CORPO

Nos dias de hoje, o corpo se tornou símbolo de lutas políticas, sociais e simbólicas, que pode ser exaltado, agredido, encarcerado, e até mesmo vaiado. Corpos estão em movimento e estão em evidência nos espaços públicos da cidade e são marcados por posições políticas que devem ser visíveis na paisagem urbana e reconhecidas socialmente por meio de suas práticas. O corpo do sujeito, nessa perspectiva, é compreendido como a forma de imersão no mundo, o modo fundamental de sermos e de estarmos sujeitos em nossa sociedade. Trata-se de um corpo que funciona a partir da historicidade, que não corresponde àquele enviesado pelas ciências positivistas, tal qual um aglomerado de ossos, músculos e reações bioquímicas, mas o corpo como o vivenciamos e passamos, por meio dele, a vivenciar acontecimentos e experiências. De acordo com Ferreira (2013), o corpo do sujeito está

[...] estreitamente relacionado a novas formas de assujeitamento [...] o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível (Ferreira, 2013, p. 78).

Logo, na cidade, essa acepção de corpo pode ser compreendida em um vagar sobre as ruas da cidade, que faz com que o corpo do sujeito se deixe atravessar pelo corpo urbano, transformando-se nele; ou diante dos ruídos frenéticos dos sons dos carros e das avenidas movimentadas que o retiram do “chão cidadão”. Fato é que o corpo do sujeito, no movimento urbano, se corporifica e é corporificado juntamente ao corpo social da cidade, desafiando a suposta organização urbana e desfazendo as rotas anteriormente planejadas e previsíveis.

Em uma conjuntura histórica marcada pela digitalização da sociedade, na qual os corpos dos sujeitos e dos espaços, mesmo em permanente movimento, veem-se imóveis, paralisados, entender que o corpo do sujeito, quando posto em

relação ao corpo espacial urbano, não está dissociado de pensamentos, valores e necessidades se torna urgente. O que é o espaço cidade, se não o conjunto de corpos e(m) movimentos? Um corpo encerra, em si, as experiências e ideais do ser humano, construídos a partir de respostas e reações aos estímulos recebidos do entorno espacial, das situações, das pessoas.

Vejamos, para melhor compreendermos essa reflexão sobre corpo e sobre a sua relação com o espaço urbano, uma definição um tanto quanto curiosa de “espaço” posta em circulação a partir da materialidade discursiva contida em uma intervenção urbana.

**Figura 2 – Espaço**



Fonte: *Instagram* <https://www.instagram.com/p/BktEyWThIVY/>

Extensão; limites; corpos; objetos. Possibilidades. Estes significantes, postos em movimento pela intervenção urbana, sinalizam uma definição de espaço muito pertinente para pensarmos a cidade em sua relação com o sujeito em nosso tempo. Por meio desse dizer, podemos perceber como a relação entre sujeito e espaço urbano se mostra viva, pulsante, ao passo em que o que somos e o espaço urbano que ocupamos se configuram numa simbiose e estão em constante processo de coevolução. O corpo do sujeito, comumente, tido como “coisa” em uma era digital

como a de nosso tempo, torna-se elemento político, social, sensitivo e problematizador do todo espacial que o envolve. Por sua vez, o espaço citadino se dilata, anunciando aos sujeitos de nosso tempo o “ideal sem limites” de um corpo humano e urbano que funciona ao modo de um lugar de possibilidades, que pode ser abarcado.

A rede de sentido hegemônica que estabiliza a noção de espaço como um sítio que cerceia, aprisiona, é desorganizada, trazendo à cena urbana um dizer que remonta a uma cidade e(m) sua extensão desmedida, na qual o corpo do sujeito emerge em seu limiar (in)finito como (d)efeito e possibilidade. A cidade, então, torna-se um palco de encontros que reforçam a coletividade de sujeitos neste espaço, aflorando o reconhecimento destes enquanto protagonistas das dinâmicas urbanas, à medida em que interagem, acontecem e reagem ao espaço. Como a marcar que, na cidade, nesse espaço desmedido, “o ideal sem limites” é possível, uma vez que ela é um lugar que contém, abarca e aglutina.

Não é novidade que, há muito, o processo produtivo das cidades se pautou na relativização dos vínculos e descaracterização dos corpos e de suas reais necessidades em prol de um mercado sistemático que demanda todo nosso tempo e esforço, ao passo em que estabelece novos parâmetros, que fogem da escala humana. Desde a Revolução Industrial, quando máquinas, carros, ferragens e concreto subverteram a hegemonia do ser humano, elencando a produção e o consumo como protagonistas, qualquer que seja a dinâmica urbana, ela só será válida quando direcionada aos sujeitos, às pessoas que ocupam o espaço urbano, sendo essencial o reconhecimento destes como sujeitos de direitos, cidadãos que devem ser abarcados e inseridos no espaço da cidade.

Entender a subjetividade do ser humano na cidade de hoje, em um tempo significado pelos embalos do universo tecnológico que a todos “conecta” os corpos, é o passo fundamental no desenvolvimento de um espaço urbano que dialogue e interaja com as necessidades e corpos dos sujeitos do agora. De que modo (e o quê) o sujeito de nosso tempo, em uma cidade que se perfaz nessa lógica de um espaço “ideal sem limites”, tem a nos dizer sobre essa nossa conjuntura histórica tecnológica? Como já nos disse Orlandi (2004), a cidade se apresenta como

[...] uma realidade que se impõe com toda sua força. Nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo. Todas as

determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida cruzam-se no espaço da cidade (Orlandi, 2004, p. 11).

De acordo com a autora, a disposição do espaço cidade é uma das muitas maneiras de configurar os sujeitos em suas relações sociais, ou seja, de significá-los, uma vez que não é possível dividir o corpo do sujeito do corpo da cidade, posto que eles se entrecruzam. Por esse viés, o sujeito urbano é aquele que se constitui como forma sujeito histórica, isto é, capitalista, regida pelo jurídico e administrada pelo Estado, que o individua(liza) pelas instituições e pelos discursos. Se, hoje, somos/estamos sujeitos em um mundo atravessado pelas redes digitais, não é de se espantar que haja as microresistências que fazem frente a essa era que embrulha a vida cotidiana do sujeito na cidade. Em outros termos, que despontem sujeitos que tanto se identificam com certos sentidos sobre as tecnologias digitais e não com outros, constituindo-se com sua existência em uma posição-sujeito que se inscreve, com suas práticas, na sociedade.

Contribuindo com essa reflexão, Cardoso (2007) nos ajuda a compreender a formulação da cidade a partir de três níveis: como produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais. Assim, a cidade se perfaz

[...] enquanto espaço social na medida em que se trata da realização do ser social – produzindo um espaço – ao longo do processo histórico. Na perspectiva apontada, a análise da cidade, em sua dimensão espacial, se abre para a análise da vida humana em sua multiplicidade (Cardoso, 2007, p. 21).

Sendo assim, refletir sobre a cidade na era das redes digitais, escutar os sujeitos que, nela, se significam e são significados, nos impele a considerar o fato de que as tecnologias digitais não se configuram somente como um dos modos de subjetivação de nosso tempo moderno, mas também como virtualidade apontada pela generalização do digital e pela formação de uma sociedade digital(izada), regida por um sistema capitalista que vem impondo um modo de vida aos sujeitos, que obedece à racionalidade inerente ao processo de reprodução das relações sociais.

É por isso que podemos afirmar que o espaço cidade “tudo abarca”, contempla, “contém”, em seus espaços, o “ideal sem limites”, como sinaliza a intervenção exposta anteriormente, simultaneamente as possibilidades concretas de realização da sociedade e as suas virtualidades. A cidade aparece, por essa ótica,

como o “lugar do possível”, em um momento de constituição da sociedade pelo digital, e fora desse âmbito, de maneira a produzir ranhuras nessa conjuntura histórica hegemônica vigente, a arte urbana contida na materialidade discursiva de intervenções urbanas, as quais, curiosamente, circulam nas ruas e nas redes, oferecem-nos singularmente manejos para dar uma volta mais em torno dessa conjuntura histórica que se perfaz a partir de uma condição de produção que impõe à razão dos sujeitos uma lógica do domínio e da transparência dos espaços e dos corpos e(m) movimentos no/do urbano.

Se “o espaço é tudo”, como assim já nos ensinou a pensar Bachelard (1994) em suas reflexões sobre como um determinado espaço é capaz de reter acontecimentos, hoje, por meio deste dizer, sentimo-nos convocadas a tencionar o espaço cidade que se constitui na era do acontecimento da rede. Em uma reflexão metafórica sobre o espaço, Bachelard (1994) sinaliza que

[...] No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo, que no próprio passado, quando vai em busca do tempo perdido, quer “suspender” o vóo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso (Bachelard, 1994, p. 202).

Sendo assim, se um espaço é capaz de cravar as marcar de um tempo, e se refletir sobre esse nosso tempo presente passa inevitavelmente por entender as relações que os sujeitos estabelecem com as tecnologias hoje e qual a influência que elas têm na construção da vida social, sobretudo, no cotidiano urbano, é fundamental que saibamos escutar e compreender os sujeitos que ocupam os arredores da rua, sendo as cidades o lócus em que grande parte da população mundial ocupa. Ademais, que consigamos capturar de que modo as fagulhas tecnologias de nosso tempo presente afetam a vida cotidiana dos sujeitos na cidade e como esses têm buscado torná-la lugares espaciais mais humanos, participativos e de exercício pleno da cidadania.

Atualmente, a rede reina sobre o mundo moderno, e isso se impõe como um imperativo, de modo que não se faz produtivo questionarmos o fato. Naturalizadas<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Somos gatas à professora Cris Dias, aqui, por suas contribuições teóricas no momento da qualificação. Elas permitiram revisitar estas palavras e, assim, desviá-las da lógica dominante que

nos domínios do lazer e do trabalho, as tecnologias digitais nos ajudam a fazer tudo, elas mediam, praticamente, todas as nossas ações mais cotidianas. No entanto, além dos conhecimentos técnicos do digital, que nos soam tão evidentes, áridos e pedantes hoje, o que nos dizem os sujeitos sobre os (d)efeitos da rede?

## 1.2 INTERVENÇÕES URBANAS: UMA VOLTA A MAIS NA CIDADE

**Figura 3 – Palavra**



Fonte: *Instagram* <https://www.instagram.com/p/CMuiqSI4Qk/>

Em tempos como os de hoje, toda palavra da qual parte uma perspectiva social que luta contra a invisibilidade de um determinado dizer ou minoria social se torna um gesto de resistência, um gesto político. As intervenções urbanas podem ser vistas, assim, como um grito de alerta que encontra, nesse espaço, o potencial de realizar rupturas com o mundo, fazendo falar sentidos cristalizados e/ou deslocados dos que circulam como hegemônico, além de produzir novos sentidos. Na diversidade dos campos teóricos que se debruçam pelo estudo dos discursos,

---

somos ensinadas a perpetuar em relação ao funcionamento da rede. A (in)visibilidade da rede se coloca tão somente enquanto a produção de um efeito. Assim, a sua onipresença em nosso tempo faz parte também de uma historicidade, do jogo da língua com a história e no qual a ideologia brinca, inscreve-se para produzir efeitos de sentido aos sujeitos.

um em específico, como é o caso da teoria que afeta a nossa pesquisa, a Análise de Discurso francesa, que falaremos mais à frente, parte, justamente, da perspectiva de que compreender os efeitos de uma ruptura implica considerar a escuta da especificidade de cada sujeito em seus modos de dizer, o singular de cada ser em sua travessia paradoxal pela palavra, que implica se reinventar, dizer, redizer, mesmo que tudo permaneça, a priori, o mesmo.

Contornar o sentimento que nos causa vazio, escapar e/ou dar destino ao saber que não queremos tanto assim nos dar conta, dar uma volta a mais em torno de uma situação que nos causa confronto são modos de fazer trabalhar os efeitos de uma ruptura e de atribuir possibilidades para, quem sabe, a inscrição de um possível talvez, ou de um “isso pode ser diferente”. Atualmente, isso tem relação com a arte urbana e com os discursos que dela/nela incidem e ecoam em nossa sociedade.

Nossas indagações se estendem, justamente, sobre o modo como essa forma de apropriação do espaço público vem sendo produzida e as maneiras possíveis de se formular e constituir outros dizeres que possibilitem outras formas de existência para o sujeito em nosso tempo. Consideramos as intervenções urbanas, assim, uma forma de manifestação artística emergente de grupos e pessoas que, ao intervir na cidade, produzem uma discursividade e uma cidade outra. Sendo assim, posto que os sentidos se constituem historicamente, torna-se importante recuperar, brevemente, a historicidade das intervenções urbanas e o caráter político que as marcam em sua pertinência em nossa contemporaneidade.

Etimologicamente, um dos sentidos possíveis para a palavra “intervenção”, substantivo feminino com origem no latim, nos aponta para algo que gira em torno de “intervir”, de exercer influência em determinada situação na tentativa de alterar o seu resultado. Atendo-se a esse princípio, intervir pode protagonizar tensões, dúvidas, principalmente se estamos falando de intervenções urbanas, onde o espaço já está estabelecido, com sua organização previamente determinada. Nesse viés, uma intervenção urbana perpassa, transversalmente, por uma gama de conceitos que envolve esse gesto, como a natureza, a paisagem, a cidade, a geografia urbana e humana, a cultura, a sociedade, o meio ambiente. Das representações cênicas aos grafites e colagens; dos adesivos às pinturas e instalações de objetos, essas práticas de linguagem, compreendidas como manifestações artísticas com mais facilidade hoje, já foram, há muito, hostilizadas,

embora, mesmo com a relevância e pertinência que assumem em nossos dias, permaneçam alvo de questionamentos em alguns grupos sociais.

De acordo com Nascimento, Souza e Torezani (2017), as intervenções urbanas buscam demonstrar as relações causais de transformação do espaço social, de modo que

[...] seu gênero vai além de uma pura concepção artística, servindo, também, como ferramenta comunicacional utilizada por grupos de minorias. Esse gênero artístico é acessível a qualquer nível social por possuir um caráter reivindicativo, além de ter um baixo custo de produção que, atualmente, se espalhou não só pelas periferias (Nascimento; Souza; Torezani, 2017, p. 02).

Sendo assim, a característica híbrida das intervenções artísticas, ultrapassam as fronteiras da arte e traz à tona o conceito de espaço participativo, considerado como receptor ativo para receber manifestações artísticas públicas e ampliadas, fora do espaço museal. No Brasil, a prática de intervenção urbana emerge em meados dos anos 60, ainda à época da ditadura militar, como uma reação de oposição às proibições impostas pela censura do governo militar. Hoje, além de permanecerem como um instrumento de contestação, com a evolução da tecnologia, da estética e do pensamento de cada época, as intervenções urbanas tornaram-se uma forma de artistas independentes mostrarem seu trabalho ao grande público, principalmente, a partir da veiculação de suas produções em páginas *online*, no digital. Sendo um modo de interação do sujeito com a cidade, a palavra que encerra uma intervenção urbana tem um poder e um ímpeto transformador: “a palavra é o outro corpo que habito”, como assim anuncia a intervenção urbana que abre o início desta parte de nosso texto.

Diante disso, é certo que, há muito, a arte libertou-se de parâmetros estéticos e estáticos de criação. Hoje, espera-se que não mais falemos sobre o que é “feio” ou “bonito”, mas de contexto, trajetória, trama, processos e isso não quer dizer que os elementos que compõem as linguagens da arte devam ser abandonados, mas que o território da arte é um convite à instabilidade das interpretações, um convite a pergunta, um convite a argumentos que se opõem, mas se interpenetram, um convite a zona de indefinição. Não existem verdades absolutas neste território das intervenções. Por isso, os sujeitos que produzem uma intervenção urbana furam as barreiras tradicionais de expressão fazendo-se ver e ouvir, ocupando, resistindo,

insistindo em afirmar seu diálogo. De acordo com Moraes e Paraguai (2019), a materialidade discursiva que encerra uma intervenção urbana

[...] traz narrativas de artistas que integram a rua na obra, propositalmente ou pela ausência de outros espaços para suas manifestações. Um primeiro aspecto é apontar um possível significado para o termo marginal. Podemos dizer que ser marginal é, antes de tudo, colocar-se ou ser colocado em oposição, que enquanto um exercício territorial opera com a definição de fronteiras, sejam elas materiais ou imateriais, físicas ou simbólicas. Na qualidade de ser antagônico revela-se a formação de um jogo de oposições, vetores de intensidades, nos quais o marginal surge enquanto direção contrária ao centro (Moraes; Paraguai, p. 63, 2019).

Grafitiros, malabares, atores performáticos, palhaços, músicos de rua, artistas que apresentam técnicas circenses, artistas do movimento hip-hop, teatro de rua, estátuas vivas. Sujeitos. Sabemos que o espaço público é objeto de disputa, e a sua ocupação é determinante na retomada da sua função social, sendo as artes de rua uma prática fundamental nesse movimento de resistência e existência das pessoas na cidade. Assim, torna-se importante considerar aqueles sujeitos que produzem uma intervenção urbana (por vezes marginalizados por estarem fora dos circuitos artísticos, dos espaços institucionalizados como o lugar da arte, museus, galerias, ateliês) e atentar para o fenômeno o qual se insere as expressividades simbólicas do humano e aos seus contextos de criação. Este espaço simbólico é um espaço que está além das paredes físicas, é um espaço presente em todos nós, quer sejam as expressões surgidas consideradas esteticamente “feias ou bonitas” julgadas por um padrão estabelecido.

Sendo assim, conforme nos convida a pensar Orlandi (2004, p. 12), “observar a cidade é procurar compreender as alterações que se dão na natureza humana e na ordem social”, ademais, devemos compreender

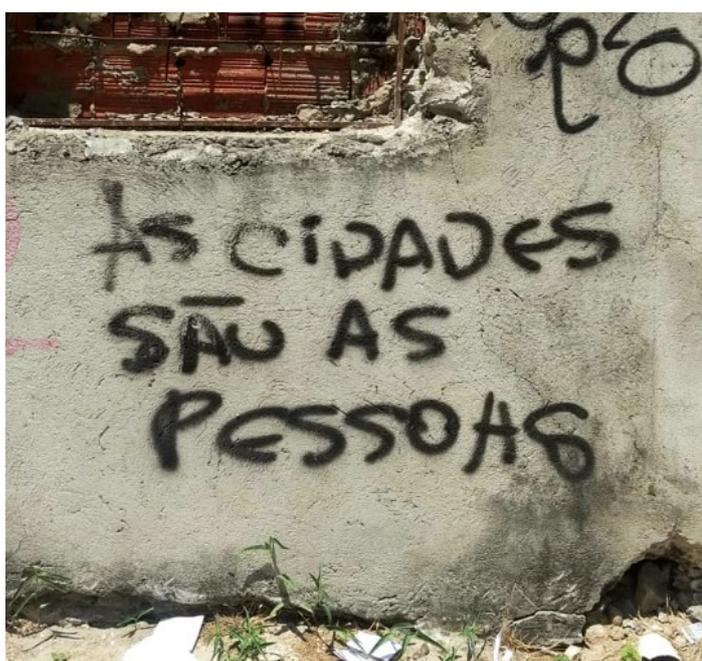
[...] a riqueza que se mostra na relação do indivíduo com outros indivíduos e com tudo que constitui a cidade. Heterogeneidade mas padronização, subordinação à exigências da comunidade maior na medida em que faz parte de movimentos coletivos, mas, ao mesmo tempo, dispersão, e, ainda, individualidade (Orlandi, 2004, p. 12).

Logo, observar as intervenções urbanas de nosso tempos é também analisar uma mudança no humano e na sociedade. No caso desta pesquisa, isso está

presente nas intervenções urbanas que pretendemos analisar em nosso capítulo final. Em um tempo moderno apressado como o nosso, dizeres que remontam a esse momento histórico vigente comparecem, revelando algo da ordem de uma mudança, de um “dizer sobre” ser e estar sujeito neste mundo como ele se apresenta. Hoje, também nos chama a atenção o fato de as redes sociais se tornarem um espaço de manifestação de intervenções urbanas e de uma (nova) forma de se fazer advir a escuta dessas mudanças presentes em nosso tempo, em que é preciso olhar para determinados sujeitos ou causas sociais.

Contribuindo com essa discussão, ao analisar as grandes metrópoles urbanas, como a famosa *Wall Street*, Rolnik (2004), em seus estudos sobre o espaço urbano, aponta-nos como nunca se está diante da cidade, mas, ao contrário, quase sempre dentro dela. Da mesma forma podemos refletir sobre as cidades do tempo do agora, na qual, por mais que o sujeito viaje, migre, mude, tecele, delete, capture-a, sempre retorna à sua imensidão. Podemos observar, aqui, a representação da relação das grandes metrópoles e da globalização face aos sujeitos modernos, que tem as distâncias aproximadas, encurtadas pelas redes digitais, e passam a experienciar a vida em um labirinto, uma “extensão”, em uma cidade de onde não se pode sair e, metaforicamente, que é capaz de conter o “sem limite” do corpo de um sujeito.

**Figura 4 – Pessoas**



Fonte: *Instagram* <https://www.instagram.com/p/CyJE9btAcS5/>

Esses sentidos metafóricos que marcam a cidade, indo além, emergem em seu próprio significante. A palavra cidade pode sugerir, nesse aspecto, vários significados. Às vezes formalmente, por concepções urbanísticas, outras informalmente, por diversas metonímias. Mas sempre junto de termos que sugerem pessoas, população ou comunidades. Definida também por “áreas urbanizadas”, as cidades possuem um significado mais profundo, se abarcado seu valor para os sujeitos. Pode ser, para as pessoas, o lugar onde se formaram seus principais laços ou local de diversas lembranças. A cidade pode ser, para as pessoas, parte significativa do que se faz e, por vezes, do que se é. As cidades podem ser as próprias pessoas, como nos ensina a intervenção urbana acima. Dessa forma, não são necessários olhos críticos para percebermos, em nosso trajeto de escrita até aqui, que na formação das cidades estão escritas informações de sua história e de seu povo. A forma física da cidade provém, enfim, dos valores partilhados daqueles que a formam e a cidade fica como registro da história, escolhas e desafios dos sujeitos sociais.

Sabe-se que há diferentes formas de olhar e sentir a cidade, e é interessante como os sujeitos que produzem uma intervenção urbana em nosso tempo conseguem chamar a atenção para espaços e ruas ignorados, fazendo com que os demais sujeitos despertem da rotina de circulação objetiva pela cidade e se detenham para interagir e sociabilizar de maneira espontânea. Assim, as intervenções urbanas de nosso tempo, em suas formas de ativismo, podem ser uma ferramenta para a restauração de uma noção mais ampla de espaço público e para um uso mais heterogêneo e criativo das ruas, transbordando a velha noção de “ordem” baseada na repressão e limpeza da cidade. Olhar para os sujeitos que produzem essa arte pode ser, igualmente, um passo em direção à uma cidade mais democrática, construída a partir da ideia de pertencimento coletivo, integrada de forma mais orgânica ao contexto global e social.

Orlandi (2001) afirma que o espaço urbano é um “[...] espaço simbólico trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos e de significantes” (Orlandi, 2001, p. 186), portanto, um espaço que passa a ser ressignificado pelos instrumentos e aparatos de cada época. Nesse caminho de reflexão, o que podemos perceber é o modo como, hoje, a conjuntura tecnológica que nos formata, inevitavelmente, afeta a cidade e as pessoas que lá estão, gerando fragmentos (d)e registros de um tempo e

de um sujeito que se individualiza em seus modos, que se identifica e produz sentidos sobre a rede hoje. A conectividade existente em nosso tempo, afinal, tornou-se uma característica imprescindível para a mobilidade contemporânea em geral, já que, graças a essa, foi e ainda é possível que movimentos urbanos contemporâneos e formas de organização do espaço e de instituições se encontrem a fim de possibilitar novos processos de (re)significação dos sentidos.

À luz dessa nossa atualidade tecnológica, Dias (2018) nos ajuda a pensar a mobilidade como conectividade, pois esta se instaura a partir da existência de dispositivos conectados uns aos outros, bem como sujeitos ligados uns aos outros. De acordo com a autora, hoje, a organização de uma sociabilidade e de novos laços sociais não se limita mais à definição de fronteiras espaciais ou temporais, mas se estendem pelas redes digitais onde o laço tende a se antecipar ao local físico do encontro. Desse modo, conforme assegura Dias (2018),

[...] o que define mobilidade não é necessariamente o mover-se no espaço, de um ponto ao outro, mas mover-se em rede, entre-nós. O que define a mobilidade é a conectividade. E essa conectividade tem a ver com os laços sociais e com os processos de identificação do sujeito (Dias, 2018, p. 126).

Tendo em mente esta conectividade e os laços sociais, e a partir do material que nos interessa compreender em nossa pesquisa, as intervenções urbanas se configuram, para nós, em uma mesma escala, onde a arte e o poético, onde a cidade, o sujeito e o digital se tecem. Não iremos pensá-las, portanto, como instâncias separadas onde o *on* e o *off* atuam separadamente, mas como movimentos de uma manifestação “em-comum”. Dias (2018) sinaliza que rede e rua produzem sentidos para um trabalho que aponta para um “em-comum”, sendo esta possibilidade o elemento que traz a potência do político, elemento constitutivo que é próprio das relações, como a diferença, ressurgir, afastando o apagamento que ocorre pela violência derivada da anulação das diferenças. Longe de propomos uma relação de equivalência entre rua e rede, interessa-nos a transferência pelo efeito metafórico entre elas, sem apagar a singularidade de cada espaço. No digital, o efeito é outro do que o da surpresa da rua; mas o que nos interessa é o entremeio entre elas, essa relação metafórica onde elas se cruzam e se unem como sendo um “em-comum”, aglutinando o dizer de um sujeito que emerge da rua para a rede.

A esse respeito, cabe-nos tomar os dizeres produzidos pelos sujeitos contidos nas intervenções urbanas a serem analisadas em nosso material de análise como sendo da ordem discursiva, já que o funcionamento discursivo de tais dizeres, que funciona em dois eixos (o do interdiscurso e o intradiscurso), aponta-nos para a existência de um dizer anterior, já sedimentado de um enunciado, do qual o sujeito não é origem. O mágico do funcionamento discursivo desses dizeres é que o sujeito, ao produzi-los, também garante a possibilidade de atualização de sentidos via a formulação do enunciado a partir de uma prática discursiva inserida em condições de produção específicas e nunca idênticas. A atenção para aos conceitos de paráfrase, o fato de sempre (re)dizermos, e a polissemia, que retorna via memória para nos lembrar sobre determinados sentidos, permitem um exercício de visualização da evolução dos discursos produzidos pelos sujeitos ontem e hoje. Assim, torna-se mais evidente àquele que deposita seu olhar analítico aos confrontos políticos e históricos existentes em determinadas formações discursivas a existência de um jogo entre os sentidos já estabilizados e os que vêm para romper com estes, cuja observação só é possível pela movência da língua, que se dá na materialidade das intervenções urbanas.

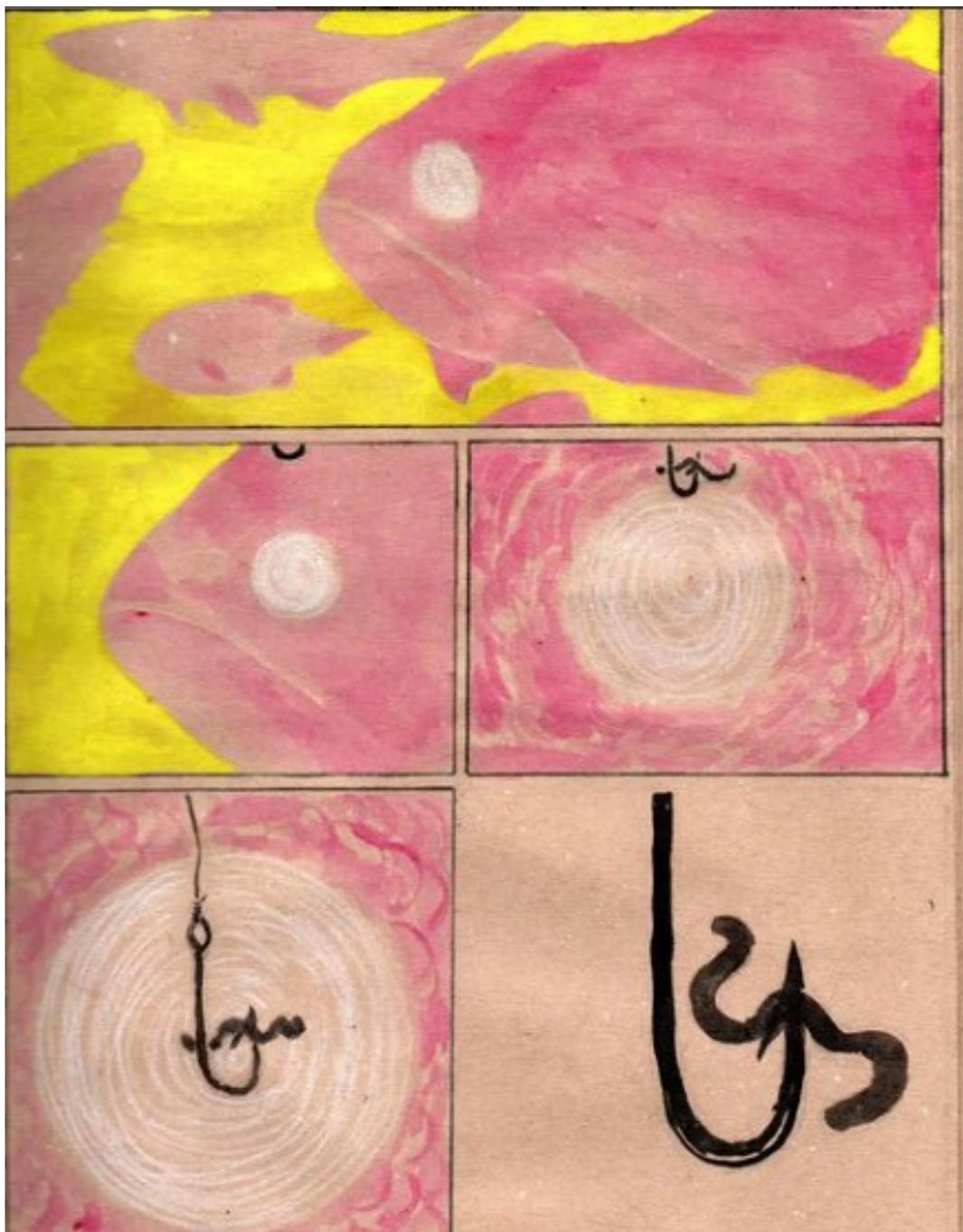
A partir disso, podemos considerar que as intervenções urbanas possibilitam a tensão entre o já dito e a possibilidade de dizer sobre a rede hoje, proporcionando a retomada, a resignificação e a atualização de nossa formação discursiva vigente, marcando a origem da natureza do singular do dizer e dos gestos de leitura que tanto lhe antecedem como seguem. Dessa forma, os discursos veiculados por meio das intervenções urbanas possibilitam a escuta de sentidos antes silenciados ou em não evidência, possibilitando uma rede ampliada capaz de produzir na cidade outros sentidos possíveis para este tempo tecnológico em que vivemos.

Dias (2018) coloca que a mobilidade está estritamente ligada às mídias sociais hoje, na medida em que, por meio delas, é possível uma mudança na maneira dos sujeitos se relacionarem, modificando a maneira como o sujeito faz seus trajetos no espaço da cidade e se apropria dos conhecimentos tanto subjetiva quanto socialmente. Assim, a conectividade (im)posta pelas tecnologias digitais hoje pressupõe um discurso no interior das práticas sociais que é afetado por tais condições de produção. É por meio desse contexto no qual nos encontramos que nos sentimos convocados a depositar o nosso olhar e a nossa escuta dos sujeitos,

além de compreender a relação das configurações do digital com a circulação e atualização dos sentidos em/sobre a rede.

## 2 TRAJETOS TEÓRICOS

Ilustração realizada pelo artista visual Yuri Alves



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cyi42gqLKeY/>

Meu fado é o de não saber quase tudo.  
Sobre o nada eu tenho profundidades.

**Manoel de Barros**

O embasamento teórico e metodológico desta dissertação é o da Análise de Discurso de filiação francesa (ou AD, como já mencionado na introdução), cujo percurso teórico será traçado no presente capítulo. Temos o objetivo de situar teoricamente os conceitos da Análise de Discurso que guiam nossa pesquisa. Assim, optamos por proceder selecionando, dentre todo o aparato teórico da AD, aqueles conceitos considerados por nós relevantes para a realização de nossas análises. Iniciamos por uma introdução à nossa construção teórica, marcando a posição do analista de discurso frente a um objeto discursivo, e incluímos uma reflexão a respeito do processo de constituição histórica acerca da teoria, uma vez que a história não é passível de ser ignorada, visto que ela constitui o discurso, a língua (Leandro-Ferreira, 2000). Depois, apresentamos como elaboramos nosso dispositivo de análise, esboçando as tensões que nos foram postas até a delimitação do *corpus* de nosso estudo.

A fim de organizar nossa reflexão, subdividimos este capítulo em três seções. Refletimos, inicialmente, sobre o modo como a AD constituiu-se como ciência e de que forma os objetivos dessa pesquisa foram trabalhados a partir desse olhar teórico e analítico. Após isso, mobilizamos os conceitos teóricos que nos acompanham ao longo da pesquisa. Para concluir, explicitamos as etapas de construção e delimitação de nosso material de análise, de nosso *corpus*, que nos possibilitou a montagem daquilo que temos compreendido como *arquivos em tempos de rede*.

### 3.1 INTRODUÇÃO À NOSSA PERSPECTIVA TEÓRICA

Para refletirmos sobre o tema desta pesquisa, ou qualquer outro tema cientificamente, é necessário que nos embasemos em uma perspectiva teórica. É preciso delimitar o modo a se prosseguir com o fazer científico, seja ele de qualquer área ou tema, é necessária uma metodologia a qual se trabalhar, e um método de se fazer ciência diz respeito ao caminho a ser traçado por quem realiza a pesquisa. Assim, chegamos ao ponto de entender a metodologia que permeará este trabalho e à qual nos embasaremos para desenvolver uma pesquisa científica e fazer circular contribuições de um conhecimento para a sociedade.

De antemão, para entender o método discursivo do qual nos valem para a realização deste estudo é necessário explicitar que a palavra “movimento” é crucial

na compreensão do funcionamento do trabalho do analista de discurso. É neste termo que é possível elucidar o exercício da prática discursiva. Faz-se necessário entender que a metodologia da Análise de Discurso é própria, é uma teoria fundamentada com uma constituição particular com método, objetos e objetivos próprios.

A Análise de Discurso, ou AD, se insere no campo da pesquisa qualitativa e não se vale das técnicas estatísticas para apresentar seus resultados, mas ainda assim ela se diferencia no campo dos saberes qualitativos por não fazer uma análise linguística em si, ou uma descrição de fatos e acontecimentos. A AD se utiliza do texto como material possível de interpretação, mas vai além: encontra o discursivo que está permeando as palavras e produzindo novas significações, diferentes das estabelecidas. Assim, pensar em movimento e sentidos que se deslocam em um discurso, não cabe colocar a AD no âmbito quantitativo em que este vai ser determinado a partir de “condições de controle” e focar-se na objetividade (Sabadini, 2009). Filiar-se à AD significa compreender que, em tal campo,

[...] não fazemos uma descrição do texto, mas uma teorização sobre o discurso, ou seja, tomamos o texto como unidade linguística para análise do funcionamento do discurso e de suas condições históricas de produção/leitura (Mittmann, 2007, p.1).

Da mesma forma que não buscamos esgotar os sentidos, não queremos dar conta de tudo, pois assumir a incompletude na linguagem é constituinte desse percurso teórico-metodológico. Para o analista de discurso, é imprescindível olhar para essas falhas que são constituídas a partir da linguagem, entender a maneira como olhamos para o mundo, como há a falta no humano, como a teoria acolhe essa lacuna e remete ao funcionamento da língua e de seu sujeito falando. Consideramos que a língua não é transparente, rígida, pedra, papel ou tesoura, ela é uma língua-concha<sup>4</sup>, abre e fecha, ela se desloca, puxa e repuxa, tem seu sentido movimentado e sua significação constituída pela interpretação.

Podemos então pensar em, assim como a metodologia estuda os melhores caminhos para se construir e percorrer os questionamentos e indagações a respeito dos objetos, em específico, a metodologia da Análise de Discurso é em sua

---

<sup>4</sup> Metáfora proposta por Sousa, Garcia e Faria (2014). A língua-concha simula o funcionamento da língua, as materialidades linguísticas seriam a concha que o analista escuta e interpreta, se colocando entre o lugar daquilo que produz ruído, mas também silêncio.

essência determinada por “marcas de rolamentos, de navegação, de rachaduras e de trincados” (Sousa; Garcia; Faria, 2014, p. 94), fazendo o trabalho do analista não linear, mas caminho em movimento, vai e vem de um pensamento em constante transformação. O trabalho que o analista se debruça diz respeito a estudar o que escorrega às margens do discurso (Sousa; Garcia; Faria, 2014), o que não está “óbvio” à primeira vista, o que necessita considerar seus entornos históricos e ideológicos para entender os sentidos que o sujeito está produzindo. Em outras palavras:

Nesses termos todos nós, que trabalhamos com a metodologia da teoria discursiva francesa, encontramos-nos debruçados diante do texto como caçadores de pegadas do sujeito, de secreções de sentidos e de vestígios da estrutura e do acontecimento, tocando os suores do enunciado pelo que escorrega às margens (Sousa; Garcia; Faria, 2014, p. 96).

O objeto de estudo primordial desta metodologia é a língua. A língua é a estrutura material em que olhamos para decifrar os sentidos e as significações. Ou seja, “a materialidade do discurso é a língua” (Orlandi, 2012, p. 3), por isso,

[...] a partir do objeto discursivo, o analista vai relacionar as distintas formações discursivas em confronto – que como ondas fazem os sentidos se moverem e circularem nas margens, nas marés, nas areias, nas ressacas da linguagem – com a formação ideológica que rege essas relações (Sousa; Garcia; Faria, 2014, p. 103).

Desse modo, temos a língua como materialidade em que os sentidos se inscrevem e se tornam passíveis de interpretação, e o meio em que isso acontece é pelo discurso. O discurso é o objeto teórico em que a AD permeia seus estudos e aplica seus conceitos. O discurso é a unidade linguística em que tocamos a possibilidade de interpretação dos sentidos considerando a historicidade, a ideologia e as condições de produção daquele dizer. Assim, temos que “[...] o discurso supõe um sistema significante, [...] a relação deste sistema com sua exterioridade já que [...] é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique” (Orlandi, 1994, p. 53). A Análise de Discurso, portanto, se propõe a entender o que chamamos de deslocamentos, o vai e vem de sentidos que um discurso pode expressar quando analisamos, não só o seu texto escrito, mas sua exterioridade e a historicidade que ele carrega. Ao se emergir em uma análise discursiva, o pesquisador irá se debruçar

sobre pequenas lascas de sentidos, onde há um jogo entre língua e história funcionando para que o discurso signifique. Nas palavras de Orlandi (1994),

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 1994, p. 52).

Para estruturar uma metodologia em AD, é fundamental considerar o percurso histórico do discurso a ser analisado. Só há sentido a ser determinado em um dizer se for olhado para o contexto histórico e ideológico que o determina. É neste ponto que se dá a noção de movimento da teoria, os pontos onde antes a história significou de um jeito e agora produz novas significações: é no jogo de teoria e análise, é a posição discursiva do analista e do sujeito que fala, é no constante questionar as contradições. Isto posto, o trabalho do analista se inicia logo na escolha do objeto, no recorte, no fragmento não revestido total de informação, mas opaco e não-linear (Sousa; Garcia; Faria, 2014), onde os sentidos escapam e podem ser outros. Essa condição é tratada na teoria como a contradição, onde há um jogo com a significação e ela pode ser ora uma, ora outra, mas nunca todas ou nenhuma (Sousa; Garcia; Faria, 2014, p. 100). A partir do recorte, o pesquisador já está exercendo um gesto de análise, devido a considerar sua posição discursiva inserida em um contexto histórico- ideológico. Assim, com o recorte de um discurso a ser analisado, assumimos o que a AD nos traz como a noção de “incompletude na língua”, onde não é possível esgotar os sentidos em uma análise, “mas trabalhamos profundamente sobre alguns aspectos discursivos inter-relacionando arqueologicamente noções teóricas pertinentes” (Mittmann, 2007, p. 1).

É a partir das contradições, que vemos o oscilar dos sentidos. É possível que um mesmo discurso signifique a partir de diferentes sujeitos, e para isso é necessário entendermos que esses sujeitos assumem posições no jogo discursivo e são essas posições que trarão as (re)significações. A fim de entender o método discursivo, iremos manifestar alguns dos conceitos da teoria da Análise de Discurso de linha francesa que nos darão o apoio necessário para refletir a metodologia aqui assumida.

Iniciamos por refletir acerca do sujeito discursivo, um conceito imprescindível cunhado pelo teórico Michel Pêcheux que traz uma fundamentação para a teoria da Análise de discurso e sua forma de compreender a língua. O sujeito aqui não é sinônimo de indivíduo, sujeito participante de pesquisa, racional; aqui esse sujeito é uma posição assumida em um discurso, em uma formação discursiva que ao enunciar, faz suas palavras produzirem sentidos em um contexto sócio-histórico-ideológico. É importante lembrarmos que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (Orlandi, 2015, p. 17). A ideologia é compreendida como um dispositivo que inscreve posições na historicidade fazendo um discurso significar para seu sujeito falante, pois “[...] a ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história” (Orlandi, 2007, p. 20). A ideologia é responsável por demarcar os pontos em que um discurso se inscreve e passa a fazer sentido; as condições em que um sujeito é interpelado estabelecem posições que são postas em jogo no processo da significação. Assim, mesmo o analista de discurso não está isento de ideologia, mas está posto no jogo de significação assim como sua análise.

Dessa forma, para pensar no jogo de significação que está em constante movimento no trabalho do analista, trazemos aqui a metáfora do pêndulo, para materializar a conceituação de deslocamento debatida aqui. O método em Análise de Discurso é conhecido e estudado no que alguns pesquisadores intitulam como “a metáfora do pêndulo”, movimentos de teoria e análise que se entrelaçam e se deslocam continuamente dentro de um texto. Verli Petri (2013), ao discorrer sobre essa metáfora, sinaliza sobre como “a metodologia da Análise de Discurso existe, mas não para, está em suspenso, em movimento, (de)pendendo como o pêndulo, relativizando os olhares sobre o mesmo objeto” (Petri, 2013, p.43). A autora explica, no entanto, que esse início do movimento teórico não está pré-definido, pois

[...] não há uma predeterminação que estabeleça onde tem início o movimento pendular que o analista de discurso realiza em seu trabalho, ele pode ou não ter início na teoria. Às vezes, o movimento tem início no contato do analista com o seu objeto de análise, isso se dá na fase inicial da análise ou em fases bem adiantadas do processo. Talvez possamos dizer que é no movimento de ir e vir (da teoria para a análise e/ou vice-versa) que o pêndulo agita os processos de produção de sentidos sobre o *corpus*, movimentando a contemplação que estagnaria o analista e, conseqüentemente, o movimento de análise (Petri, 2013, p.43).

Aqui podemos compreender um panorama do funcionamento metodológico da Análise de Discurso seguido de sua adequação ao objeto de estudo. Relacionado com a seleção e escolha de um *corpus* de análise e interpretação temos o objetivo de investigar e compreender como um objeto simbólico produz sentidos para e dentro da AD. Adentramos na escolha de *recortes*, já que a teoria acredita na incompletude de sentidos, não podemos dar conta de toda interpretação e todo o sentido. Sendo assim, feita a seleção das materialidades para a interpretação, buscamos nos focar em pontos específicos para ter um olhar diferente e produzir gestos de análises linguístico-discursivas. Nosso objeto de análise, por exemplo, as intervenções urbanas, é recortado no digital a partir da conjuntura histórica tecnológica-capitalista que vivemos, onde essa tomada de sentidos pelos sujeitos são produzidas no espaço da cidade.

Nossa proposta se fundamenta em analisar as intervenções urbanas como um acontecimento da rede<sup>5</sup> no cotidiano da cidade, e como a sua circulação através das postagens no digital perpetuam sentidos sobre um (r)existir e intervir do sujeito neste tempo presente. Para isso, inicialmente buscamos acompanhar diversos perfis na rede social *Instagram*, cujo foco é compartilhar fotografias de intervenções urbanas em circulação nas cidades para compreender como se dá essa discursivização do digital em nosso tempo, no espaço urbano, e quais seus efeitos nos dias de hoje para o sujeito na cidade. Com esse *corpus* inscrito, a análise inicia, ao modo do movimento do movimento pendular:

[...] a partir das marcas lingüísticas que se sobressaem, configurando as pistas para a análise, é que começarão a delinear o caminho que levará o analista ao processo discursivo, possibilitando-lhe explicar o funcionamento do discurso (Lagazzi, 1988, p.61).

No gesto de escolha dos objetos de estudo, na escolha das intervenções urbanas em circulação na rua e na rede produzidas pelos sujeitos, nos incômodos que também implicam as pesquisadoras que não estão alheias às condições históricas, de certa forma, são gestos que constituem parte da interpretação do *corpus*, do movimento de análise, lembrando que o trabalho do analista não é neutro. Isso não significa dizer que a AD é livre de procedimentos, de critérios e

---

<sup>5</sup> Agradecemos à profa. Cris Dias por ter nos ajudado a desdobrar essa noção das intervenções como um acontecimento da própria rede no cotidiano da cidade.

organização. Nossa escolha para definir a coleta das intervenções utilizou-se de alguns critérios como: um número considerável (não específico, mas que tivesse material para analisarmos) de publicações que apontassem algo de uma regularidade discursiva, de discursos que operavam na ordem da repetição e que estivessem ligadas de alguma forma com os objetivos do estudo. Assim é que construímos o nosso dispositivo analítico, delimitando o nosso material de análise, a construção do *corpus* e a montagem de uma sequência de arquivos que nos ajudou a compreender o ser e estar sujeito nessa conjuntura histórica tecnológica.

Para entender como se deu essa constituição que levou à montagem de nossos arquivos, é necessário um trabalho de investigação e entendimento teórico sobre o universo digital e a construção do que seria, ou quem seriam, os sujeitos desse tempo. O que nos permite recuperar, no momento de nossas análises mais adiante, o momento histórico capitalista que vivemos, pois nos cabe “[...] olhar o processo de produção dos discursos pela via da circulação [que] tem a ver com um sentido que se produz no efêmero, no agora. É esse modo de existência dos discursos que se impõe ao pensarmos sua constituição” (Dias, 2018, p. 29).

Sendo assim, por isso, em primeira instância, propusemos estudar e entender a cidade na relação com os sujeitos em nosso primeiro capítulo, sua historicidade e efeitos sociais que ecoam nos dias de hoje. Com esse perpassar histórico, adentrar o aporte teórico no qual dispomos a nossa escrita agora, até entrarmos em nossa sociedade atual banhada pelo digital e, assim, produzir gestos de análise que apontam, dentre outros funcionamentos, para a emergência de um dizer do sujeito sobre a rede e qual a sua importância dentro das demandas impostas por nosso tempo presente, na cidade. Para pensar nessas demandas, entendemos que olhar para o modo de construção social de nossa sociedade capitalista e mercadológica, para os modos de vida na cidade e como essa construção produz efeitos para os sujeitos urbanos que (d)enuncia algo desse tempo é crucial, sempre nessa relação com a exterioridade.

Pensar o nosso *corpus* foi perceber que através dos arquivos aqui constituídos, e que serão explorados mais adiante, trazemos sujeitos que fazem parte de uma conjuntura digital, de uma sociedade capitalista, atuantes nos movimentos que a conjuntura mercadológica faz funcionar para eles, não excluindo a ideia de movimentos outros de sentidos que se mostram tão necessários e produzem sentidos e significações de resistência para sujeitos dentro dessa

conjuntura de vida. Em nosso percurso metodológico, na busca de intervenções urbanas que comporiam nosso *corpus*, o caminho não foi linear, ao que se espera utilizando a teoria da AD, e nos levou a uma produção de sentidos de pesquisa surpreendentes comparado aos quais nos intentamos desde o início com o projeto de pesquisa. Podemos analisar esse movimento já de início olhando como se dá a jornada do analista diante do atravessamento que a Análise de Discurso tem sobre nós. Dessa forma, dedicaremos algumas palavras para retomar e inscrever o percurso metodológico implicado à escolha dos materiais.

### 3.2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E ENCONTRO COM AS INTERVENÇÕES URBANAS

Quando escrevemos, o ato mesmo de escrever, não se dá em um vazio, estamos sempre costurando uma coisa no lugar de outra. No entanto, para nós, analistas de discurso, fazemos parte de um emaranhado produzido pela escrita, pelo colocar em palavras um possível (e falso) a priori. Se esquecemos recalçando, lembramos o que incomoda. Por outro lado, escrever é fazer falar algo que é impossível dizer, juntar peças de um lembrar, arrancados da própria condição histórica, marcas de um esquecer e dessa forma, os modos de inscrição história de um tempo, de uma formação social, em determinada sociedade.

Sendo assim, em uma pesquisa científica, quando delimitamos um recorte teórico para analisar, é necessário pensar acerca das materialidades, nos resquícios deixados por esse escrever e por esse inscrever do sujeitos, por esse *corpus* teórico que aponta para algo de uma coerência e desafio ao ponto de ser possível questionarmos as obviedades dos discursos que os constituem. Pensemos sobre o nosso encontro com o material de análise e procedimento que utilizamos para ordená-lo.

Em nossa pesquisa, o encontro com nosso material, com o nosso *corpus* e com o real que o constitui: resquícios do funcionamento de nossa conjuntura histórica, iniciou-se a partir de buscas por intervenções urbanas pela rede social *Instagram*, pois foi o local em que encontramos maior número de materiais que poderiam ser úteis e ainda complementar o trabalho em um segundo momento, considerando o fato de terem sido coletados no/pelo próprio digital, considerando que este nos atravessa hoje. A escolha por um material que movimenta algo de um

discurso de resistência hoje, como é o caso das intervenções urbanas, justifica-se, primeiro, por serem objetos que nos implicam no campo do pessoal, mas também porque compreendemos a cidade e o digital a partir de uma perspectiva discursiva e na relação com os sujeitos, isto é, como espaços sociais fundantes em nosso tempo, lugares nos quais os sujeitos podem produzir “um algo a mais” em nosso tempo, como dizeres e sentidos que, muitas vezes, ficam à margem do social, silenciados e impedidos de circular ou mesmo saturados, dada a circularidade pelas redes digitais.

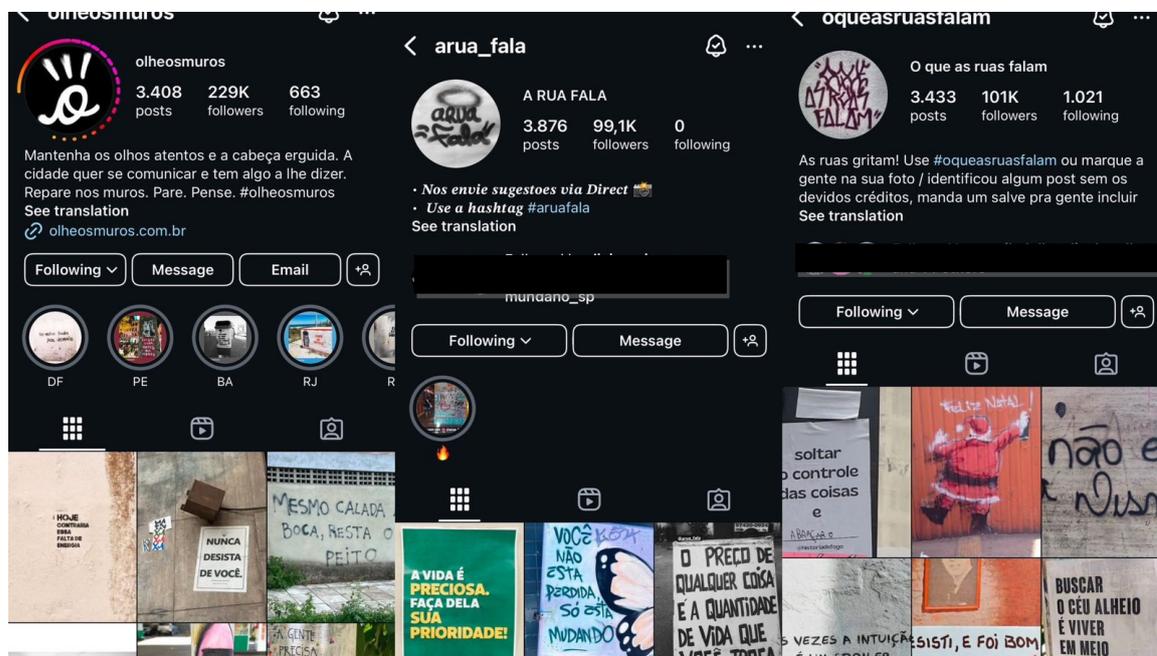
Outra escolha em relação ao encontro com nosso material foi o de nos atermos à análise da composição da imagem, da fotografia de cada intervenção urbana em circulação pelo digital, sem apagarmos o funcionamento da língua, base teórica elementar segundo a teoria à qual nos filiamos. Assim, consideramos que cada imagem é detentora de uma “língua própria” (Sontag, 2003), produzindo certas formas de compreensão que lhes são únicas: ora mais eficientes; ora mais acessíveis de serem compreendidas. Partimos de que em comparação com as imagens em movimento, a fotografia é eficiente em ser lembrada e marca a memória dos sujeitos. Sontag (2003) nos ajuda a compreender intervenções urbanas que circulam no formato de fotografia nos seguintes termos:

O luxo incessante de imagens (televisão, vídeo, cinema) constitui o nosso meio circundante, mas, quando se trata de recordar, a fotografia fere mais fundo. A memória congela o quadro; sua unidade básica é a imagem isolada. Numa era sobrecarregada de informação, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memoriza-lo. A foto é como uma citação ou uma máxima ou um provérbio (Sontag, 2003, p. 23).

Além disso, atentamo-nos, especialmente, ao recorte das intervenções urbanas, na complexidade da própria imagem em composição, sem analisarmos profundamente outros tipos de composição, tais como a cidade na qual determinada intervenção circulou, o número de curtidas que determinada intervenção abarcou ou a página que foi coletada, não porque tais composições não fossem pertinentes, mas como um gesto de nos atermos teoricamente aos objetivos propostos ao longo do percurso da pesquisa, e como uma forma de sermos coerentes ao prazo que nos é possível para concluir a pesquisa. Ainda assim, o modo como se intitulam algumas das páginas que monitoramos carregam muita pertinência, nomes emblemáticos, como *A Rua Fala*, *O que as Ruas Falam*, *Olhe os Muros*, que não podem ser

apagados, uma vez que, ao serem lidos, inevitavelmente, já constituem algo de um gesto nosso de entrada no material ali selecionado.

**Figura 5** – Algumas das páginas nas quais foram recortadas as intervenções



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

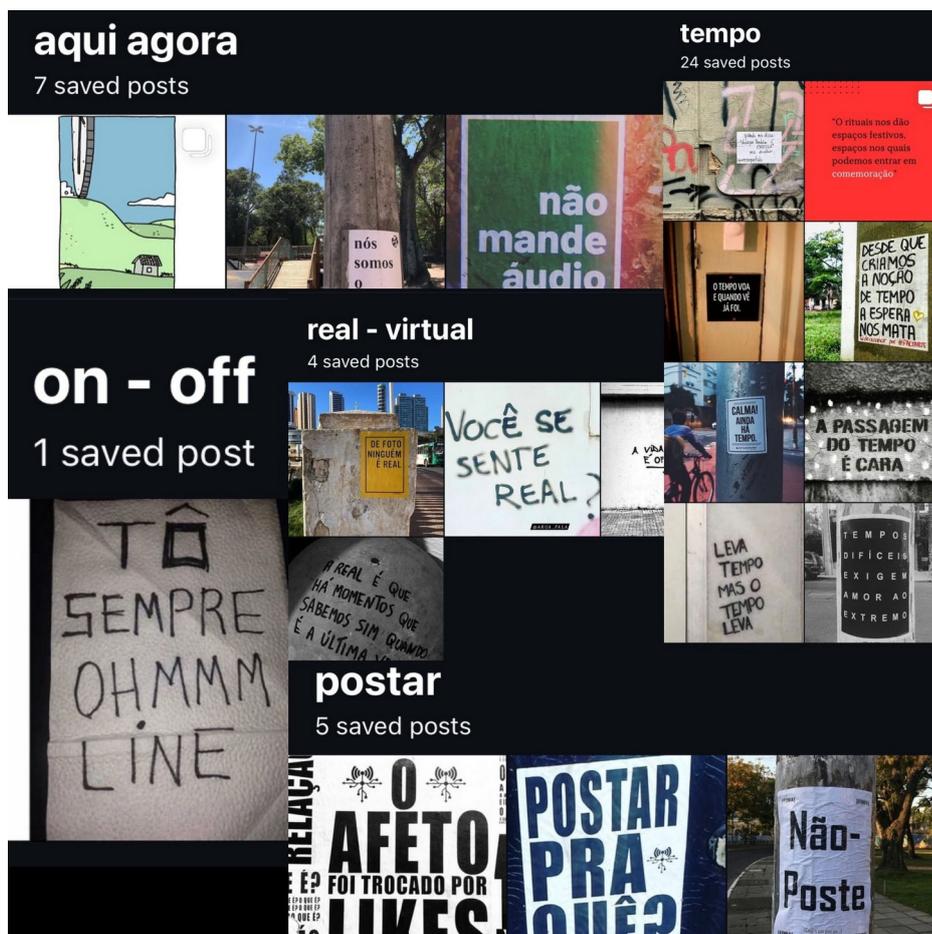
Foram, portanto, realizados *prints* de cada intervenção urbana, valendo-nos acerca do funcionamento discursivo de cada material para nossas análises. Neste primeiro momento, selecionamos diversas intervenções urbanas que produzissem algo de um dizer hoje sobre esse tempo digital que nos constituem sujeitos, e deixamo-las guardadas recortadas em uma pasta a parte dentro da própria rede social *Instagram*, constituindo um grande arquivo. Buscamos pela deslinearização das imagens (Lagazzi, 2013) que revestia cada intervenção, pelo confronto entre o intradiscurso e o interdiscurso na materialidade dos textos ali contidos. Esse procedimento teórico analítico expõe à opacidade aquilo que é tomado na evidência, focando, assim, no funcionamento discursivo.

Afastamo-nos, talvez, desse modo conteudista de encontro com o *corpus*, pois, em duas visadas teóricas: em primeiro lugar, é impossível considerar a imagem como a captura exata do real; aquilo que se apreende pela possibilidade de congelamento do tempo que está em funcionamento no clique da máquina; em segundo lugar, aqui não cabe ler a imagem como complementar ao texto escrito, mas em “composição contraditória” (Lagazzi, 2011, p. 402) com esses significantes.

É justamente o entendimento da composição que permite considerar que a própria unidade da imagem de cada intervenção urbana é imaginária e não real. Em outras palavras, o efeito de todo e de real que é produzido por uma intervenção é, na verdade, já o funcionamento da formulação que apaga seu processo de constituição, o batimento entre os elementos significantes de cada imagem – intradiscursos – e a memória em que aquela composição se insere para poder fazer sentido – interdiscursos –.

Sendo assim, se a imagem produz efeitos de evidência, é importante considerar que esses são efeitos, isto é, podem sofrer rupturas e deslizamentos. Deslinearizar a imagem seria, então, proceder analiticamente para, trabalhando a formulação, compreender os elementos discursivos de sua constituição. Por isso, lançamos mão desse procedimento analítico atentando para algumas regularidades discursivas.

**Figura 6** – Início da constituição dos arquivos a partir das regularidades



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Após delimitarmos um recorte teórico para analisarmos foi necessário pensar a respeito daquele grande arquivo constituído logo de início, nos resquícios deixados por esse grande arquivo, o que nos levou às regularidades discursivas e repetições de diversos discursos e sentidos, gerando um mosaico de palavras, o que nos permitiu realizar o que intitulamos como montagem de *arquivos*, pastas menores a guardar marcas discursivas pertinentes para a realização da pesquisa. Pensemos acerca desse procedimento metodológico, buscando entrelaçar às bases teóricas da AD.

Trabalhar com a discursivização do digital na relação com os sujeitos e com a cidade nos é possível e gratificante pelas premissas básicas que a AD nos proporciona, como temos visto até aqui. A eficácia do movimento teórico-analítico que a referida teoria propõe permite questionar a nossa zona de conforto de pensar que tudo é óbvio, tudo está dado, que apenas vivemos o novo e o passado é passado. Não é dessa maneira que se olha para a linguagem. Linguagem é movimento, é a falta que nos torna humanos em nossa mais íntima forma de pertencer. Nosso pertencimento vem e vai da língua, ela nos pega de surpresa e nos vira de ponta cabeça: perde-se e nos encontra. O discurso, por sua vez, é movimento e contradição, funciona como elo constitutivo de redes, de modo que um fio puxa outros fios e assim a história se constitui. Evidentemente, que essa constituição depende de tomadas de posição, o que significa destacar a incompletude da linguagem e a divisão do sujeito.

Ao dizermos isso, expomos parte de nossas filiações à posição fundadora de Michel Pêcheux, na França, relativamente ao estabelecimento do programa político da Análise de Discurso, em que o discurso é forjado como objeto de análise e a prática analítica deve coincidir com uma prática de leitura não-subjetiva da subjetividade (Pêcheux, 1997, p. 134). Entre outras coisas, isso significa que, para estar na posição de analista de discurso, nas palavras de Courtine (1999, p. 18), “é necessário ser linguista e deixar de sê-lo ao mesmo tempo”. Enquanto analistas de discurso, portanto, nossas questões de trabalho são de ordem semântica, relaciona-se com os sentidos, e a nossa prática é interpretativa. Ocupamo-nos da análise de funcionamentos discursivos, isto é, procuramos compreender o modo de produção dos efeitos de sentidos a partir da conformação de discursividades, dos discursos. Estes não contêm conteúdo, sentido x, ou sentido y, pois sempre podem ser outro,

na medida em que não se fixam em uma dada formulação (Pêcheux, 1997). Por isso, o que nos importa é a relação entre discurso e formulação; discurso e sujeito.

Nessa perspectiva, discurso é o processo que estabelece um lugar de encontro entre linguagem, história e sujeito, em que a linguagem inscreve-se na história e estrutura a divisão do sujeito, sendo necessário compreender aí que “todo discurso é discurso de um sujeito [...] todo discurso funciona com relação à forma-sujeito” (Pêcheux, 1997, p. 198). O discurso é o espaço histórico do embate constitutivo entre relações de força (poder) que torna possível a existência material ao tornar possível o fazer sentido, isto é, o recobrimento entre sujeito e sentido, intervindo aí a ideologia e o imaginário. Recobrimento esse que resguarda ao sujeito e ao sentido o movimento, a incompletude e a não-transparência que lhes são inerentes. Ou seja, o discurso é o espaço de historicização da relação constitutiva entre sentido e sujeito: o movimento do sentido ganha aí certa direção, assim como o percurso de subjetivação do sujeito toma certo curso, sem que o movimento cesse de se inscrever nesse lugar e, portanto, a possibilidade de mudança de direção.

Pêcheux (1993, p. 82) designa o termo *discurso* enquanto um “efeito de sentidos’ entre [...] lugares determinados na estrutura de uma formação social”. Pensando esses lugares como dois pontos, A e B, eles estão, nos diz o autor, “representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo”. Em resumo, salienta Pêcheux,

[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (Pêcheux, 1993, p. 82).

Em momento posterior, ao publicar um ensaio intitulado *O discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux reformula essa definição, compreendendo o objeto da Análise de Discurso a partir de outros termos. Naquele momento, Pêcheux propõe que o discurso seja tomado como efeito de sentido decorrente de sua constituição enquanto estrutura e enquanto acontecimento, ou seja, efeito de sentido produzido “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 1997, p. 17). A partir de Orlandi (2001), lemos esta fórmula na definição de Pêcheux

compreendendo o discurso como efeito de sentidos produzido a partir do gesto material da tomada de palavra, que situa um dado sujeito em relação ao seu dizer: no ponto de encontro entre o eixo (vertical) da constituição dos sentidos (memória do dizer, interdiscurso) e o eixo (horizontal) da formulação (atualização e silenciamento, via desdobramento e articulação sintagmática, intradiscurso) dos sentidos. O que, segundo a autora, constitui o processo de “textualização” do discurso (Orlandi 2001).

Retomando a relação entre discurso, sujeito e formulação, de nossa perspectiva teórica, o processo – movimento – de produção de sentidos está atado ao processo de constituição dos sujeitos (Orlandi 2001). São processos concomitantes e relacionados que ganham visibilidade pela/na formulação. E “formular é dar corpo aos sentidos” (Orlandi, 2001, p. 9). Formular é interpretar. E, a partir desse gesto, expõe-se uma posição relativamente a determinada formação discursiva: uma posição-sujeito, no discurso, que o situa numa relação de interpelação-identificação com a formação discursiva que o domina – formação que o constitui enquanto sujeito.

Trata-se de uma relação injuntiva para o sujeito, passível de falhas, pois não há como escapar à necessidade de interpretar o mundo a nossa volta. Contudo, o gesto material de interpretar não resolve a questão do sentido. A interpretação não explica o processo de produção de sentido, mas faz parte desse processo. A interpretação tampouco fixa o sentido, embora também seja injuntivo ao sujeito esquecer-se disso. Assim como também ele se esquece de que, ao formular, não se está exteriorizando os sentidos. Os sentidos não se fixam na formulação, nem nos sujeitos. Na Análise de Discurso, sentido é movimento; é da ordem da história e diz de um “processo sem sujeito, nem fim (s)” (Althusser, 1978, p. 70).

Tomadas por essas proposições teóricas é que foi possível trabalharmos o *corpus* a partir da ideia de *arquivo(s)*. Os discursos contidos nas intervenções urbanas que abarcam cada arquivo são imagens fotografadas que funcionam na ordem da formulação. Também por isso acolhemos a noção de que as intervenções urbanas operarem hoje na ordem de um acontecimento da rede no cotidiano da cidade, pois inscrevem sujeitos em uma relação de tomada de posição sobredeterminada pela necessidade de dizer, de agir e de resistir. Trabalhamos a ideia de *acontecimento* a partir de Dias (2015; 2020), que compreende a *quantidade* como condição estruturante do digital. O acúmulo da rede produz um efeito de

explosão, e é este o efeito que fazem os discursos emergirem e acontecerem. A autora elucida esse funcionamento da rede, lembrando-nos como

A Análise de Discurso não trabalha com o dado, mas com o fato de linguagem (ORLANDI, 1998). Isso significa que trabalhamos com os processos de linguagem e não com seus produtos. É assim que, uma análise discursiva não considera 100.000 como um dado, nem quantitativo (o número), nem qualitativo (a informação). 100.000 interessa enquanto “fato-linguagem”, enquanto um acontecimento que instaura sentidos, modos de formulação (Dias, 2020, p. 89).

Dessa forma, a palavra acumulada, repetida, acontecida nos diz de uma cultura aceleracionista do capital neoliberal plataformizado, que gere uma modalidade de entropia subjetiva de vida, que dá certeza aos sentidos, subtraindo as bordas entre público e privado, forjando um sujeito contemporâneo que é empresário de si. Paradoxalmente, se o acúmulo é aquilo que estrutura o digital, se a ideologia é aquilo que formata os sujeitos, é o que cola e funciona para ele, as evidências podem também se dissolverem. No estuário entre memória e atualidade sempre pode haver um dizer meio-dito esboçando futuros. E é justamente amparadas nessa acepção que buscamos operar durante a montagem de nossos arquivos.

### 3.3 ARQUIVOS NA CIDADE EM TEMPOS DE REDE

Antes de apresentarmos os arquivos discursivos construídos a partir de nosso estudo, consideramos pertinente desdobrarmos o próprio conceito de *arquivo*, que pode ser compreendido de formas muito diferentes, a depender de cada campo teórico ao qual se filia.

Sendo assim, iniciamos marcando o fato de que entre o gesto de *arquivar* as materialidades com as quais trabalhamos aqui e o gesto de *escrever* as nossas interpretações fomos traçando pressuposições em um caminho sem volta, tentando, a toda prova, construir e constituir, sob um efeito de um acontecimento, a nossa problemática de pesquisa: o que, enfim, dizem os sujeitos nesses tempos de rede? Dizem o quê? Para quem? Onde? Reformulamos. Que inscrição é essa do sujeito em nossa condição de produção? Todavia, o que seria por alguns dias, foi se intensificando gradativamente e de forma intensa. Fomos, pelas intervenções

urbanas, motivadas por esse acontecimento da rede no cotidiano da cidade e engolidas pelo inesperado, pelo inaudível, pelo invisível do funcionamento do digital em nossos dias, que no fundo, sabemos, é bem visível e aparente, sendo essa invisibilidade produto de um efeito de sentido. Na verdade, a nossa vontade era atravessar os nossos arquivos, no entanto, nós é que fomos por eles atravessadas. Este diálogo permanente com nosso material de análise, algumas vezes conflitante, mas nunca indiferente, permitiu nos dar conta de que estávamos diante não de “um arquivo”, mas de “arquivos”.

Como em uma gaveta de guardanapos, essa porosidade das fronteiras dos arquivos poderia desarrumar o modo como havíamos pensado até então toda a pesquisa. Foi um momento de pausa e de retorno à teoria, a fim de perceber que a porosidade fazia parte do próprio gesto de *arquivar* essas lascas de um presente também tão presente para nós: algo mesmo de quando a ideologia se inscreve. Pudemos tomar partido, então, em uma retomada teórica e ir anotando algumas impressões, não resultados, mas considerações, acerca daqueles arquivos que iam se desenhando.

Em Análise de Discurso, um primeiro momento de teorização do conceito de *arquivo* aparece em Pêcheux (1982). Arquivo é definido ali como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (Pêcheux, 1982, p. 59). Mas não somente. Esse conceito é submetido ao que Pêcheux denomina “materialidade da língua na discursividade”. É justamente a consideração dessa materialidade que permite romper com a prática de um “arquivismo”, por exemplo, concepção que decompõe os arquivos e as múltiplas determinações linguísticas e históricas que os marcam em sua unidade. Seria como dizer: cada arquivo é único e irrepetível. Ou seja, para conceber o conceito de arquivo a partir de uma posição discursiva, não basta considerá-lo como um conjunto pertinente e disponível de documentos, mas inquiri-lo a respeito de sua emergência, refletindo acerca das condições materiais, linguísticas e históricas de sua pertinência e de sua disponibilidade.

Alinhadas, então, ao conceito de arquivo, ancoramo-nos em uma visada teórica que nos ajudou a elucidar o fato de que, durante a montagem de qualquer arquivo,

[...] o arquivo, não mais detentor de uma verdade incontestável, passa a ser tomado como algo que exprimi um “desejo de memória”, mas ao mesmo tempo é colocado em lugar da falta originária e estrutural dessa mesma memória (Scherer; Garcia; Barbosa Filho; Baldini; Sousa, 2022, p. 23).

Ou seja, na contramão de uma conjuntura histórica que, tantas vezes, nos produzem algo de um esquecimento de nosso próprio tempo, de suas dores, resultantes de um processo de difusão do “mercado” para todas as esferas da vida cotidiana, percebemos como havia em nosso arquivo originário sujeitos que não se recusavam a elaborar publicamente os seus sentidos em relação às condições históricas desse nosso agora. Esse gesto do sujeito contemporâneo de *intervir* em um tempo é o que nos direcionou a deslinearizar cada imagem que veiculava determinada intervenção, à decompor o mosaico de palavras constituído até então, e a capturar algo único em movimento, alocando as intervenções em arquivos separados, mas também desconfiadas do que aquele gesto poderia sinalizar. O que une os arquivos?<sup>6</sup>, perguntávamos.

Os problemas de arquivo não cessaram. Como constituir arquivos em tempo de rede?, tendo em vista a conjuntura histórica que funcionam justamente de modo a manter a engrenagem como está, os arquivos “em seus devidos lugares”, ditando aos sujeitos aquilo que pode ou não ser arquivado, lembrado, guardado<sup>7</sup>. Incluindo o fato de que, imersas em uma “caçada” no/pelo terreno do digital, havia algo ali apontando para uma quantidade (Dias 2015). Essas questões nos levaram a crer que todo o acúmulo sinalizava um dizer não dito pelos sujeitos, esquecimentos sistemáticos que se produzem na tentativa de fazer romper com esse impossível dizer de nosso tempo, por mais que esse funcionamento não apague efetivamente a história, os arquivos em movimento, prova disso a existência de tantos arquivos em discurso.

Sendo assim, arquivar, ir a essa caçada de fragmentos, resquícios de vida em nosso tempo presente, além de nos sinalizar sobre o fato de que algo não vai bem<sup>8</sup>,

---

<sup>6</sup> Somos gratas à professora Cris Dias por ter semeado essa questão ainda no momento da banca de qualificação.

<sup>7</sup> “*Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre não se guarda coisa alguma. Em cofre perde-se a coisa à vista. Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado*”, diz a poesia de Antônio Cícero. Agradecemos, aqui, ao professor Ale por ter nos lembrado acerca do gesto de *guardar* e sobre os efeitos históricos que tal gesto é capaz de produzir.

<sup>8</sup> Relembramos, em forma de paráfrase, Pêcheux (2004) quando o autor produz uma retificação acerca do processo de consolidação da AD enquanto projeto político-teórico, dizendo-nos que se algo

nos fazem virar a página de nossa história atual em seus avessos, enfrentar os imperativos dos sentidos, do tempo, do arquivo, ativar a imaginação e fazer advir uma chance para novas narrativas, o que significa dizer, para novas realidades. Esta é a mais profunda possibilidade tantas vezes promulgadas pelos discursos que apresentam um quê de artístico, de resistência, como é o caso desses contidos em intervenções urbanas, que capturam as cinzas destes incêndios<sup>9</sup> e nos jogam em nossos olhos para que possamos ver e reagir às feridas de nosso tempo.

Desse modo, as intervenções urbanas nos colocam diante de perguntas interpelantes acerca do texto que lemos quando vemos uma intervenção urbana. Coloca em cena uma espécie de ruído e perturbação na imagem nos mostrando que o que vemos depende sempre de uma posição discursiva. E é essa questão que nos causa os arquivos que constituímos em nossa pesquisa.

Dadas as angústia ocasionadas em relação à ilusão totalizante do arquivo, constituímos o nosso material de análise em uma sequência de quatro arquivos menores a partir das regularidades discursivas observadas na materialidade linguística que compunham as intervenções urbanas, sendo esses arquivos intitulados: *O tempo não vai te esperar*, onde temos como traço repetível esse estranho elemento – o tempo – em discurso; *Aqui-agora*, em que se inscrevem sentidos sobre os imediatismos que regem os nossos dias; *Postar pra quê*, no qual contemplam dizeres em relação à publicização da vida na atualidade; e *O real e o virtual, o on e o off*, no qual são recuperadas memórias sobre o (r)existir e o intervir dos sujeitos nos tempos de hoje. Analisaremos as materialidades que contemplam cada arquivo em nosso último capítulo, mas acreditamos ser pertinente realizarmos antes alguns apontamentos em relação à montagem de cada arquivo, pois, embora as intervenções urbanas estejam alocadas em distinto arquivos, há algo de transversal que os une e os constituem simultaneamente.

A esse respeito, compreendemos os arquivos por nós constituídos como espaço discursivo, pensando essa noção à luz de Pêcheux (1997) como o lugar do enunciável, que possibilita que um enunciado derive para outro enunciado, possibilitando a apreensão dos funcionamentos discursivos. Tais “espaços” organizam as redes de memórias e os discursos passam a funcionar de forma

---

não vai bem, algo vai bem demais. Nas palavras do autor, temos: “[...] alguma coisa não ia bem (logo, e simultaneamente, ia, sem dúvida, bem demais)” (Pêcheux, 2004, p. 269).

<sup>9</sup> Pêcheux (2004) já nos disse: “não há fumaça sem fogo” (Pêcheux, 2004, p. 269). A AD nos ajuda a compreender que no desenrolar de qualquer acontecimento há sempre os pontos de deriva, de luta.

transversal, mais especificamente, a memória e a exterioridade instauram discursividades e produzem efeitos parafrásticos, “um mesmo”. Esses movimentos, como veremos mais adiante ao caminharmos para o capítulo de análise, constitui efeitos bastante interessantes, pois, em geral, os discursos que vem de outro arquivo se atravessam, como discurso transverso, e ressoa, porque significa para sujeitos, não só naquele arquivo, mas também e, possivelmente, significará para outro sujeito em outro arquivo.

Recortando para termos mais teóricos, em uma relação de dizer do sujeito, as palavras vão sendo sempre encadeadas, portanto, existe a possibilidade de que emergja um discurso que explicita determinada formação discursiva, um dizer que seja possível de ser sustentado em determinado arquivo, em princípio distinto de outro, marcado pelo pré-construído, pela presença no intradiscurso de algo que já foi dito antes, em outro arquivo, e que já se sabe. É a esse aspecto que Pêcheux (1995) chama de “discurso transverso”, que articula o pré-construído no fio do discurso já-aí: o “discurso transverso”, para o autor, remete à “[...] relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa” (Pêcheux, 1995, p. 153). É o interdiscurso que funciona de modo a fazer circular sentidos que chegam sempre antes de nós, por sua vez, que revela as condições de formação históricas para a emergência dos discursos que podem dialogar, refutar, englobar outras formações discursivas e dizeres distintos; trata-se da contradição própria desses processos históricos. O interdiscurso aparece como um processo incessante pelo qual uma formação discursiva se configura e se reconfigura, seus limites e seus deslocamentos. Esses movimentos ficarão mais perceptíveis durante nossas análises mais adiante. Retornemos à montagem de nossos arquivos.

O próprio gesto de nomearmos os arquivos, a ideia de optarmos por um movimento teórico que se vale de um “trajeto temático”, está atrelada a essa discussão. O trajeto temático cria a possibilidade de obter um percurso de memória dos arquivos. Estabelecido na repetibilidade, em que palavras se repetem num trajeto de leitura, configura-se uma rede de sentidos que conjuga discursos e define posições discursivas. Cada intervenção urbana alocada nos arquivos constituídos por nós produz, historicamente, sentidos na relação que estabelece com outros dizeres contidos em outras intervenções que foram alocadas em outros arquivos nesse trajeto de leitura em torno de um “mesmo tema”. Tem-se, então, os sentidos sendo produzidos nessa rede de memória. Interessante é perceber que essa

proposta de leitura de nossos arquivos dá importância ao próprio gesto de arquivar, pois como nos lembram os versos poéticos de Antônio Cícero: *guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la*.

Além disso, quando tomamos o digital como parte integrante de nosso modo de ser e estar sujeito hoje, também algumas considerações teóricas nos ajudam a elucidar como foi possível constituir nossos arquivos do ponto de vista discursivo-tecnológico e como a partir deles podemos produzir gestos de interpretação capazes de nos fornecer evidências sobre essa sociedade que vivemos, bem como os modos de (r)existir e intervir dos sujeitos hoje.

Dias (2015), por exemplo, nos diz que no digital há uma “temporalidade” construída por paradigmas não ligados à cronologia, que escapam dessa determinação de tempo e espaço do relógio. Há o tempo do acesso e da circulação, em que um arquivo digital é passível de atualização pelo acesso, a exemplo “[...] ao comentar uma postagem do Facebook, independentemente da data em que foi postada, ela se atualiza na linha do tempo” (Dias, 2015, p. 975). Outro elemento que podemos incorporar para nos ajudar a pensar a constituição de arquivos em tempos de rede seria a “instabilidade do arquivo” que diz respeito à mutabilidade desse formato digital (Dias, 2015). Faz parte do modo de circulação do digital lidarmos com atualizações, modificações ou a indisponibilidade dos arquivos (Dias, 2015). Temos ainda a “dimensão e heterogeneidade do arquivo” para pensar na infinidade de discursos que é possível encontrar na rede, já que ela funciona pela via da quantidade (Dias 2015).

Este ponto nos toca quando pensamos no conceito de *recorte* para a Análise de Discurso. Para Orlandi (1984, p. 14), “os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um contexto (de interlocução) menos imediato: o da ideologia”. Assim, o que se recorta extrapola um conjunto de formulações linguísticas, demandando um esforço e uma grande responsabilidade política e científica do analista de discurso de compreensão de determinadas relações textuais incidentes em uma interlocução, relações entre textos realizados numa cadeia significativa recuperável por fragmentos imagéticos, escritos ou sonoros, e textos não realizados nessa cadeia, mas evocados no acontecimento histórico de sua significação e interpretação.

A noção de *recorte*, nesses termos, sinaliza como trabalhar com o discurso significa considerar a incompletude e assumir que não é possível dar conta de toda

interpretação e análise; nesses termos, quando nos deparamos com essa infinidade de sentidos inscritos no digital, é preciso considerar o lugar discursivo que ocupamos como analistas e através desse funcionamento olhar para a dimensão do gesto analítico. Portanto, “a consideração da dispersão máxima do arquivo torna complexo o procedimento do analista de discurso” (Guilhaumou & Maldidier, 1994, p. 106). Dessa forma, acreditamos que nossos arquivos constituem um “[...] espaço polêmico das maneiras de ler, uma descrição do ‘trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele-mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma” (Pêcheux, 1982, p. 57).

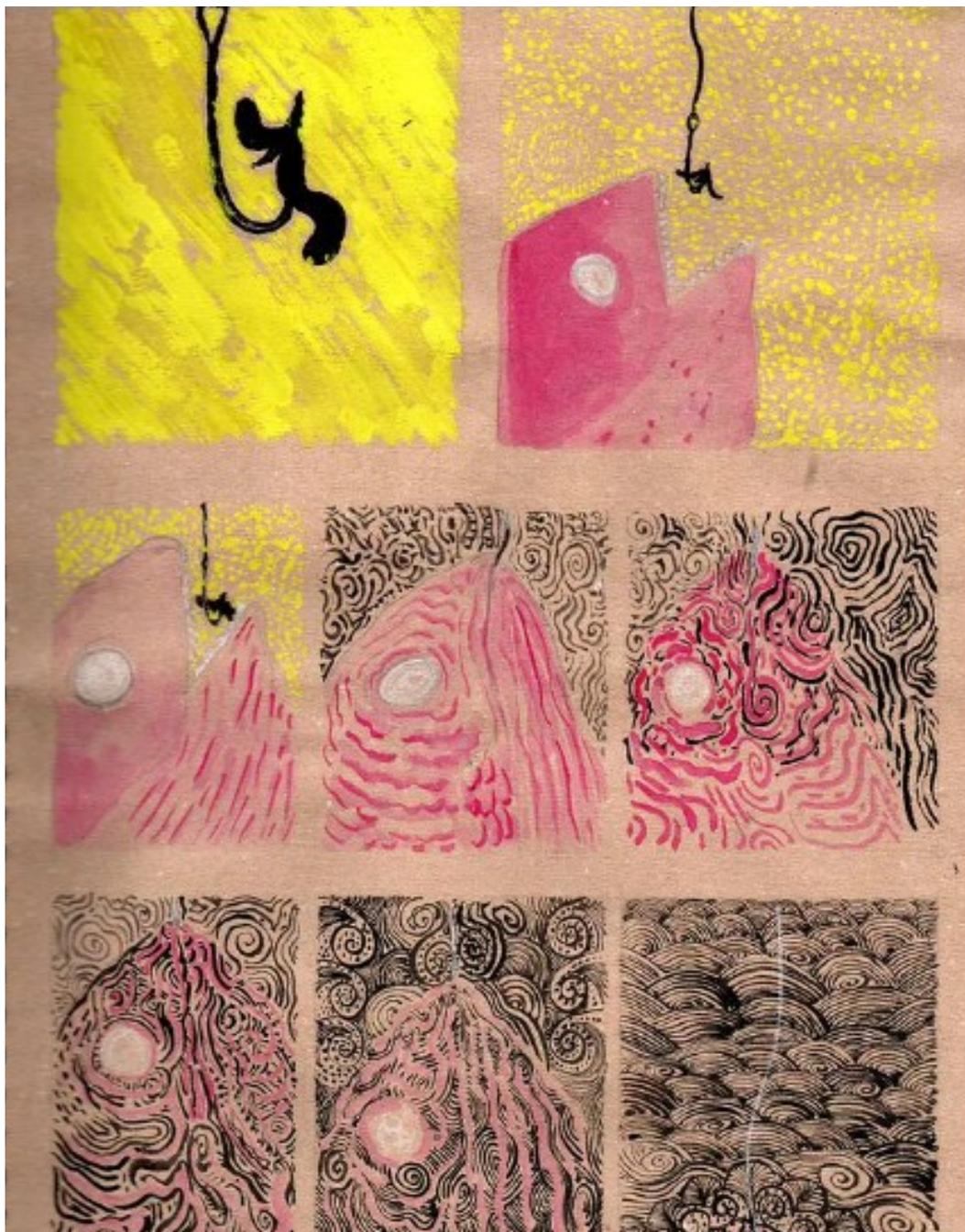
Hoje, sabemos que a contemporaneidade exige ao sujeito formas de inscrição que se significam através de um dizer digital. Lembra-nos Dias (2016) que

Em cada um desses campos, afetos, trabalho, mobilidade, ciência, relações sociais, há derivas para outros lugares de significação, que produzem novos sentidos no jogo entre o mesmo e o diferente. Ao Analista de Discurso cabe observar essas derivas, compreender como elas se dão, compreender a historicidade do sentido para chegar ao processo da significação. Nesse percurso analítico, levamos em conta a memória no que se refere a relação da língua com a história: memória discursiva, e seus efeitos na constituição do sujeito (Dias, 2016, p. 2).

Sendo assim, todas essas mudanças das relações simbólicas do mundo ao qual estamos familiarizados, diz respeito à produção do conhecimento nas sociedades, à formação social e a maneira que a pesquisa afeta as instituições do pensarmos na significação para a sociedade (Dias, 2016). Essas consequências se relacionam com o digital ao passo que joga com o sujeito e o conhecimento dentro de um funcionamento específico da memória, sendo sua natureza digital (Dias, 2016). Por isso o tecnológico modifica as possibilidades discursivas e traz novos sentidos para as intervenções urbanas que também passam a significar digitalmente. Dito isso, convém realizarmos, em nosso próximo capítulo, uma discussão mais apurada acerca da discursividade da rede hoje e sobre o modo como ela afeta a vida dos sujeitos, especialmente, na cidade, para termos consistência teórica e podermos prosseguir às análises discursivas propostas para o capítulo final da pesquisa.

### 3 A REDE E SEUS FIOS: UMA DISCURSIVIDADE EM NOSSO TEMPO

Ilustração realizada pelo artista visual Yuri Alves



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cy08zcTruPi/>

Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).

**Manoel de Barros**

Libertos dos fios que nos amarravam a lugares determinados para a navegação nas redes, passamos, hoje, a transitar, sem tropeços, simultaneamente entre espaços físicos e digitais, dois tipos de mobilidades que se cruzam de modo naturalizado em nosso cotidiano. Para Santaella (2003), o fenômeno que caracteriza esta era contemporânea em que vivemos é a chamada “cultura digital”, a qual não se restringe ao uso que fazemos dos artefatos tecnológicos digitais, mas a conjuntura histórica, aos lugares sociais por meio dos quais nos tornamos sujeitos, e por meio dos quais o tecnológico se presentifica e nos afeta. Fronteiras diluídas; presenças próximas; não é novidade que os espaços físicos fundiram-se com os espaços que orbitam a rede, constituindo, assim, a hipermobilidade, espaços intersticiais, híbridos ou misturados.

Sabemos que no decorrer da história da humanidade o ser humano sempre utilizou da tecnologia disponível, em cada era, para (se) comunicar, seja por meio das remotas pinturas rupestres, com o auxílio de argilas, manuscritos, livros. Portanto, do ponto de vista do sujeito contemporâneo, a vida sem tecnologia pode ser no máximo uma projeção. Isso basta para dizermos que não há como pensar a cidade de hoje, seus sujeitos, apartada da discursividade das redes digitais que a constituem no mundo globalizado que vivemos.

Em seus estudos acerca das tecnologias, Dias (2015) nos alerta para o modo como a discursividade das redes extrapola a relação que estabelecemos com os objetos tão simbólicos que conhecemos como celulares, *tablets*, *smartwatches*. Para a autora, é a discursividade que portam tais objetos, que nos interpelam a todo o instante, que merecem a nossa observação na atualidade. Dias (2015) afirma que

[...] o digital se materializa na sociedade, discursivamente, como uma das peças importantes do modo de organização da vida em seu conjunto, na formação social capitalista, e do modo de individuação do sujeito pela conectividade [...] da entrada desse sujeito no mundo “civilizado” ou como aquela que o identifica em sua posição sujeito na sociedade (Dias, 2015, p. 01).

A discursividade do digital, portanto, afeta vários setores da vida contemporânea, e isso independe da relação que estabelecemos com os artefatos tecnológicos, mas se relaciona ao modo como nos significamos em uma sociedade tecnológica e somos por ela significados. O oceano tecnológico que deságua em nossos dias, é certo, não nasceu sob um estalar de dedos. As tecnologias digitais

possuem um marco de origem, não uma origem histórica e linear, mas um conjunto de fatores que culminaram para o desenrolar deste momento tecnológico vigente. Seja a partir da invenção da fotografia, do nascimento do gramofone e outras tantas tecnologias de registro analógico, esse processo de inovação tecnológica que experienciamos em nosso tempo atual já se encontrava em curso nos meandros do século XIX. A novidade de nossos dias, por assim dizer, encontra-se na possibilidade de tradução de dados do analógico para o digital, processo esse que se consolidou a partir da emergência de um espaço denominado “ciberespaço”.

Cabos, fios, redes, computadores. O filósofo francês Pierre Lévy, reconhecido por sua extensa e influente produção, em particular no começo dos anos 2000, sobre as características sociais e os aspectos culturais das tecnologias digitais, compreende, em sua obra *Cibercultura*, a emergência do *ciberespaço* como uma espécie de geografia da informação. De início, invisível aos olhos, mas completamente sensível e volátil ao tempo, o ciberespaço, tal como teorizado por Lévy (1999), compreende um espaço de conexão direta que funciona a partir de uma rede *online* e intercomunicativa. Nos termos do autor, trata-se de um oceano:

[...] o ciberespaço (que também chamarei de ‘rede’) é o meio de comunicação que surge na interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (Lévy, 1999, p. 17).

O ciberespaço, essa gigantesca “rede” que interconecta os sujeitos em suas águas oceânicas, faz flutuar uma geografia em que a tecnologia já não divide matéria e espaço, mas, ao propor outra forma de fazer advir a presença, deforma o tempo. Nesse oceano cibernético, reside o digital, apresentando-se, em nossos dias, enquanto uma realidade imposta aos sujeitos. A consolidação do digital como parte constituinte de nossa sociedade contemporânea implica novas maneiras de se pensar as configurações temporais na cidade. O uso de grandes quantidades de dados, a inteligência artificial, a multiplicação de plataformas em todas as áreas da atividade humana, o teletrabalho, o entretenimento *online*. De uma geografia, aparentemente, invisível aos olhos,

Eis o ciberespaço, a população de suas comunidades, a ramificação entrelaçada de suas obras, como se toda a memória dos homens se desdobrasse no instante: um imenso ato de inteligência coletiva sincrônica, convergindo para o presente, clarão silencioso, divergente, explodindo como uma ramificação de neurônios (Lévy, 1999, p. 249-250).

O ciberespaço, em seu sinuoso clarão silencioso, produz o efeito de que a distância e a velocidade já não são mais a mesma. O movimento não é mais indexado à métrica do corpo, mas a partir da velocidade da rede. Uma desregulagem que vem criar distâncias e tempos para substituir distâncias e espaços. Na cidade, o ciberespaço produz uma inércia no tempo, uma fenda que se abre para o sujeito, produzindo a ilusão de que todas as coisas convergem para o tempo do imediato. Isso faz vacilar o imaginário do sujeito contemporâneo e o limita em sua relação com o mundo simbólico. Embora afogados no imediatismo cibernético que faz colidir o tempo do tecnológico com a duração temporal para a operabilidade do sujeito urbano, resiste, na cidade, o sujeito, pois, ainda assim, “as pessoas que povoam e nutrem o ciberespaço constituem sua principal riqueza” (Lévy, 1999, p. 240).

Enquadrar a cidade de nossos dias e compreender o processo de constituição do sujeito contemporâneo arrebatado pelo ciberespaço significa compreendermos que o sujeito vive no aqui e no agora de um tempo impreciso. No entanto, como compreende Lévy (1999), trata-se de “um aqui e agora paradoxal, sem lugar nem tempo claramente definíveis” (Lévy, 1999, p. 247). No tempo vindouro do digital, como afirma Han (2018),

[..] encontramos hoje novamente em uma crise, em uma transição crítica, pela qual uma outra revolução, a saber, a revolução digital, parece ser responsável. Mais uma vez, uma formação dos muitos ameaça uma relação de poder e de soberania. A nova massa é o enxame digital (Han, 2018, p. 10-26).

Um ponto central dessa citação gira em torno do que o autor denomina por “enxame digital”. Nesse enxame, o sujeito navega sobre um oceano de *timelines*, redes sociais, *apps*, *smartphones*. A cada dia, o impacto da presença das tecnologias digitais se produz como um verdadeiro enxame ao sujeito, encapsulando-o. De um lado, a evidência das engenhocas do contemporâneo que mudam as percepções sensoriais; de outro lado, as mudanças que ocorreram tão

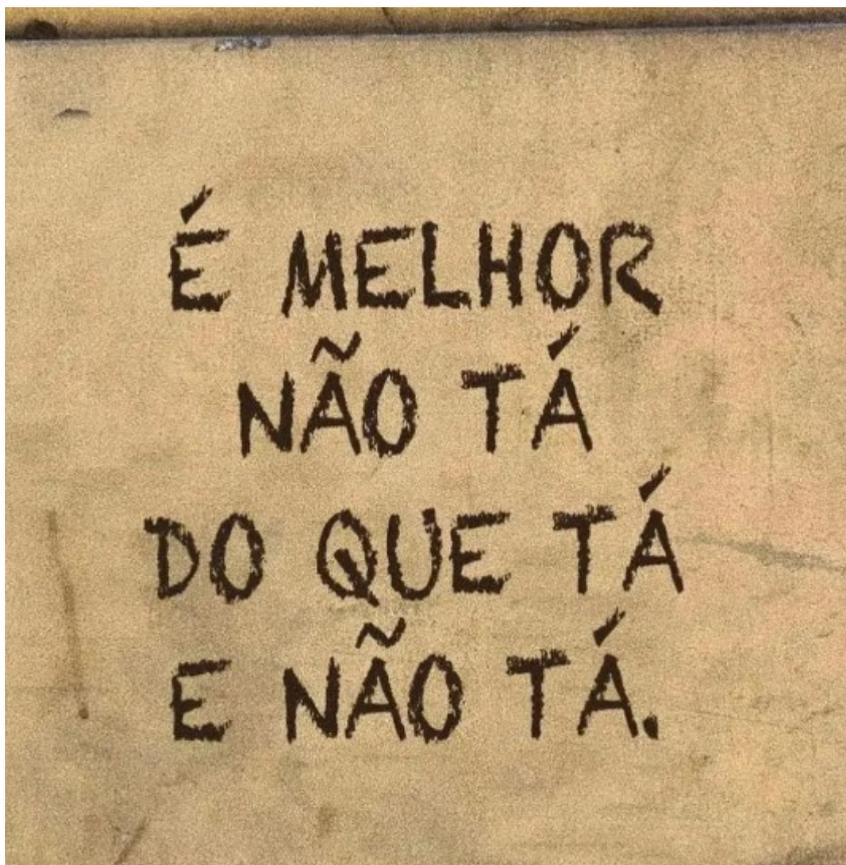
rapidamente, que se torna difícil discernir as consequências do enxame que se reproduz. Isso ocorre, pois, como nos relembra Dias (2012),

[...] o ciberespaço está por toda parte constituindo o real da cidade, do espaço urbano, tecendo novas formas de relação entre os sujeitos, com uma linguagem própria, uma temporalidade outra. Novas formas de identidade, de subjetividade, construindo o espaço tempo virtual (Dias, 2012, p. 17).

Diante dos ventos tempestuosos advindos da rede, se resistir ao oceano tecnológico parece, hoje, da ordem do impossível, produzir, em suas águas, um mergulho que não seja tão às cegas parece relevante. De certo modo, é o que o sujeito de nosso tempo intenta (re)produzir nos espaços da cidade.

## 2.1 CONDIÇÃO DE EXISTÊNCIA?

**Figura 7 – Presença, existência**



Fonte: *Instagram* <https://www.instagram.com/p/CFeyBNfMHXI/>

Nesta parte de nosso texto, sem ousar responder aos questionamentos lançados, iniciamos nossa escrita a partir de algumas perguntas pertinentes que nos ajudam a (re)pensar o digital hoje.

Dessa forma, partimos do fato de que o digital emerge como parte constitutiva de nossa condição de produção atual e disso não se pode escapar (Dias, 2011). No entanto, para além do imperativo do “real” e da “evidência” dessa nossa realidade, perguntamo-nos se não estariam as redes, hoje, funcionando aos sujeitos do agora como condição de existência. Estaríamos existindo somente nessa relação com o tecnológico?

Poderíamos dizer que o ciberespaço, que a rede que orbita essa “geografia” da qual a cidade faz parte comparece ao sujeito e aos espaços urbanos ao modo de significar a conexão sem fim. É como se ele fosse se desdobrando, se ramificando e colocando-se cada vez mais usual e habitual para o sujeito, comum, o que nos permite dizer que se essa “era nova” não se faz tão “nova” assim (a internet não emerge no tempo do agora), certamente assumiu novas configurações envolvendo as práticas cotidianas na cidade. Na intervenção urbana que inicia esta parte de nosso texto, por exemplo, somos convocados a (re)pensar a configuração da presença na cidade diante desse tempo cibernético que nos banha, que produz esse efeito metafórico de um sentimento muito generalizado entre os sujeitos contemporâneos de se estar no espaço e, ainda assim, sentir-se apartado, que corrobora para este “não estar” nos lugares.

Essas reflexões que sinalizam as ansiedades engendradas pelo funcionamento do tecnológico em nosso tempo nos levam ao conceito de *cibercultura* ao modo como Lévy (1998) a compreende, portanto, como o “conjunto das técnicas (materiais e intelectuais), as práticas, as atitudes, as maneiras de pensar e os valores que se desenvolvem conjuntamente com o crescimento do ciberespaço” Lévy (1998). p. 17). Isso é relevante, pois, segundo o autor Lévy (1999), o sujeito não se apaga diante do funcionamento da rede e dessa cultura que dela incide. Ao contrário, o autor alerta sobre como o ciberespaço dá a ver, justamente, “o fino enredamento dos humanos de todos os horizontes em um único e imenso tecido aberto e interativo” (Lévy, 1999, p. 14). Sendo assim, entender o desdobramento da rede no espaço da cidade significa entender, antes, como o espaço urbano e o espaço digital emergem como um espaço “em-comum” para os sujeitos de nosso tempo. Significa questionar de que modo, diante dessa condição

de produção atual, os sujeitos passam a discursivizar sentidos que perpassam por algo da ordem dessa cultura digital no cotidiano da cidade.

Embora dominantes em nossa formação social, as tecnologias digitais, quando confrontadas no ritual da linguagem, isto é, quando ditas, discursivizadas pelos sujeitos do agora, são capazes de se estilhaçar em meio à dominância que assumem hoje. Interessa-nos, assim, a partir de nossa pesquisa, demonstrar, justamente, de que modo os sujeitos de nosso tempo deixam cair, na cidade de hoje, as fagulhas desses estilhaços tecnológicos vindouros do tempo segmentado e recortado do digital que tanto nos constitui.

## 2.2 QUANDO A CONEXÃO ESCAPA À REDE

Pioneiro nos estudos relacionados às tecnologias digitais, já na virada do milênio, Manuel Castells (2003) nos prenunciava: “a Internet é o tecido de nossas vidas” (Castells, 2003, p. 03). Embora haja um recorte temporal de exatos vinte e um anos desde a formulação dessa metáfora proposta pelo autor, o significante “tecido”, utilizado metaforicamente para pensar a rede internet, mostra-se pertinente ainda hoje e nos auxilia a refletir sobre como as tecnologias digitais, a partir da Internet, seguem tecendo seus fios de rede sobre o curso de nossa vida cotidiana.

O significante “tecido”, utilizado por Castells (2004), aponta a complexidade e profundidade que a grande rede engendra em nossa sociedade. No âmbito dos estudos da Biologia, os tecidos são compreendidos como um conjunto de fragmentos de algum elemento químico, como células, átomos, moléculas. Esses fragmentos, junto às partículas que se movimentam diante de algum organismo vivo, produzem aquilo que poderíamos dizer, no campo dos estudos linguísticos, de “todo significante”, que equivaleria àqueles discursos que estamos imersos em nosso dia a dia, nos sentidos “já lá” presentes em nossa história, nos sujeitos “já aí” existindo. Retornando à Biologia, o tecido, a partir de sua combinação, que resulta em um “todo significante”, é capaz de produzir a tessitura de pontos, tramas, nós. Confeccionados com fios, urdido, manual ou mecanicamente, esses fragmentos combinam-se com o todo significante “já aí” existente, e é quando o tecido principia as suas primeiras tramas.

**Figura 8 – Conexão**

Fonte: *Instagram* <https://www.instagram.com/p/Bk5U-ZxAA2w/>

Toda essa tentativa metafórica de intentar descrever o que é a rede e como ela significa hoje, trabalhada pelo autor há tempos, aponta a complexidade que ela engendra em nossas vidas atualmente. A internet, essa grande rede de comunicação invisível aos olhos, lança-se aos sujeitos a partir de sinuosos fios que, por vezes, estilhaça o “todo significativo” que aí já se faz presente, fazendo falar dizeres como o exposto logo acima a partir da intervenção urbana: “o sinal da comunicação humana anda falhando”.

Assim como um tecido, depois de produzido, é capaz de costurar algum detalhe em uma peça de roupa, de bordar, nessa mesma peça, algo de uma singularidade “exclusiva” daquele fio, a rede, invisível ao nosso olhar apressado, pinta, em nosso corpo em movimento no espaço, algo de um detalhe a ele não inerente. Estruturando o nosso falar, mediando o nosso andar, embaralhando os nossos sentidos, as tecnologias submetem a suposta ordem terrena das coisas, refletindo no modo como praticamos cotidianamente os mais variados espaços, sobretudo, em nosso modo de experienciar a cidade hoje, de nos comunicarmos com o outro neste espaço.

Nessa direção, como nos lembra a professora e pesquisadora Shoshana Zuboff (2020), em tempos tecnológicos como o nosso a comunicação humana se faz pela via da vigilância total dos sujeitos. Dessa forma, a interação com o outro se transforma, por vezes, em uma questão tão somente mercadológica. Matéria-prima, suprimento, alimento a fornecer um dado, que pode tanto alimentar outro dado quanto por ele ser alimentado. Zuboff (2020), ao estudar os desdobramentos da rede em nosso tempo presente, capitalista ao extremo, lança um questionamento do qual também compartilhamos certa angústia: “O futuro digital pode ser o nosso lar?” (Zuboff, 2020, p. 18). A autora complementa, sinalizando como

A realidade digital está tomando conta e redefinindo tudo que é familiar, antes mesmo de termos tido a chance de ponderar e decidir sobre a situação. Nós celebramos o mundo conectado por causa das muitas maneiras pelas quais ele enriquece nossas capacidades e perspectivas, mas ele gerou novos grandes territórios de ansiedade, perigo e violência conforme o senso de um futuro previsível se esvai por entre nossos dedos (Zuboff, 2020, p. 18).

Em conformidade com Zuboff (2020), para que ainda consigamos desejar a própria possibilidade de um futuro humano em um mundo digital como o nosso, desafiar a lógica perversa do capitalismo que sobrevive em conjunto com a rede, é o que também nos cabe diante dessa conjuntura mercadológica emergente, que, em muito, apaga o que há de mais humano em nós, sujeitos, apesar de ainda permanecermos produzindo (r)existências cotidianas em nosso dia a dia. Cabe-nos prosseguirmos na insistência de produzir uma escuta ativa daqueles que têm produzido discursos sobre este nosso tempo, como aqueles veiculados pelas intervenções urbanas, que, como vimos, tem muito a contribuir com o debate que estamos propomos por meio de nosso estudo.

#### 4 UM TEMPO À MARGEM DOS TRILHOS

Ilustração realizada pelo artista visual Yuri Alves



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CyQnelrKPZ/>

Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com suas metáforas.  
Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto.

**Manoel de Barros**

Nesta parte de nosso trabalho, chegamos ao ponto de olhar diretamente para nosso *corpus* analítico de maneira a mobilizar as manifestações conceituais que produzimos ao longo desta dissertação e pensar como os sujeitos de nosso tempo olham para o mundo a sua volta produzindo sentidos a todo o momento e assumindo estes pontos de encontro entre as materialidades linguísticas, bem como as contradições que estão intrincadas nesse processo. Para Mariani e Medeiros (2013), atuar como analista do discurso é relacionar a linguagem com a exterioridade, é compreender as particularidades dessas relações e mobilizar as noções da teoria para a produção de significação.

As noções mobilizadas até o presente percurso nos possibilitaram visualizar as relações teóricas, conceituais e metodológicas e a partir de agora incorporaremos as noções analíticas que serão responsáveis por traçar sentidos sobre nosso caminho científico almejado em refletir e entender as questões sobre o (r)existir e intervir às margens de nossa sociedade atual. Dessa maneira, entender esses desdobramentos em um lugar discursivo, histórico e ideológico é necessário para a produção de entendimentos e interpretações relacionadas a esses eixos teóricos e conceituais que nos trazem vestígios de um funcionamento social ao qual estamos inseridos e temos o desejo de compreender melhor.

Posto isso, como o próprio dispositivo teórico-metodológico da AD nos elucidada, devemos fazer um movimento de vai-e-vem entre teoria e análise, como o movimento do pêndulo, que discutimos em momentos anteriores, e retomar pontos que nos ajudarão a produzir tais gestos interpretativos que darão vida a entendimentos discursivos sobre nosso texto. Assim, poderemos exercer o desejo de uma mudança social ao materializar esse escrito com a vontade de que ele chegue aos demais sujeitos, principalmente aos coletivos urbanos, movimentos sociais, na tentativa de desfazer a lógica dos discursos que contituem a nossa estrutura social e que, em muito, nos encarcera e nos nos paralisa em nosso tempo.

Toda a discursividade que mobilizamos sobre o sujeito, a cidade, a discursividade do digital hoje, suas causas e efeitos, nos dá uma base para entender melhor todas as formas de resistência, contradição encontradas nos arquivos que veremos a seguir, e que se inscrevem no social de maneira a tentar produzir um (r)existir e um intervir nessas condições históricas.

À vista disso, para entendermos a seleção de nosso *corpus* analítico no contexto de toda a mobilização teórica, é importante refletirmos como se dá esse

(r)existir e intervir do sujeito em tempos de rede, como emerge essas inscrições históricas, e de que maneira nos é pertinente analisar tais funcionamentos. Vale lembrar que

O sujeito se submete à língua mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se. E o faz em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado, em que se reflete sua interpelação pela ideologia. A ordem da língua e a da história, em sua articulação e seu funcionamento, constituem a ordem do discurso (Orlandi, 2015, p. 2).

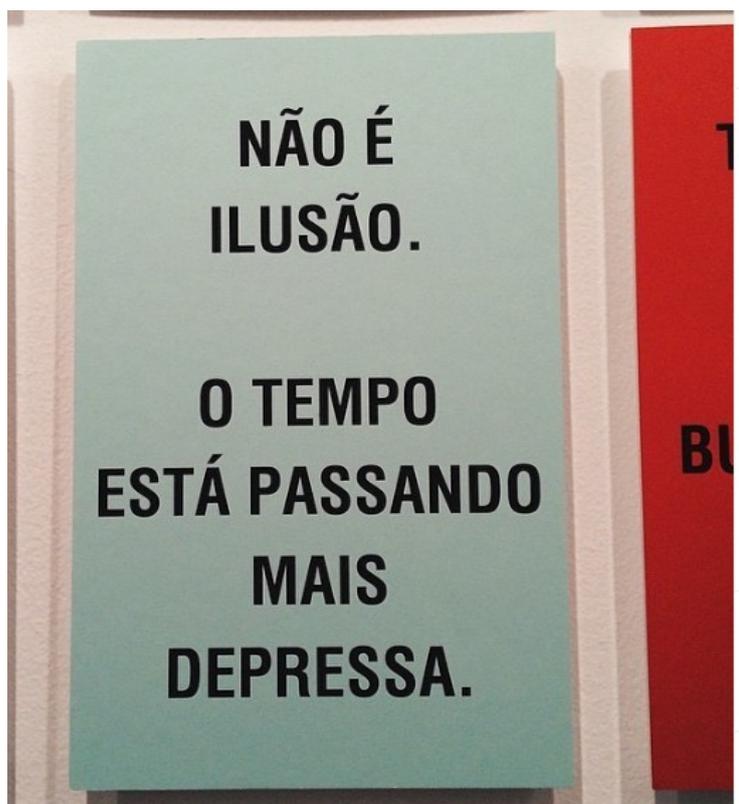
O que veremos aqui, portanto, é um outro modo de dar destino para as formas de inscrição em nosso tempo presente. Outros funcionamentos para esses discursos que agem de maneira a significar-se pela via urbana e digital e assim fazem os sujeitos inscreverem sentidos em uma conjuntura ideológica. Partindo dessas considerações vamos entender um pouco como esses discursos se colocam para nós enquanto analistas e como podemos produzir gestos de interpretação aos recortes escolhidos juntamente com a mobilização que nos foi apreendida com base na montagem de nossos arquivos. Passemos às análises do primeiro arquivo.

#### 4.1 O TEMPO ESTÁ PASSANDO MAIS DEPRESSA

Aquele susto. Já? Ainda? *O tempo não para*, é o que parece dizer não somente a famosa canção eternizada na voz de Cazuza. O tempo, essa grandeza tão presente no cotidiano e em diversas áreas científicas, parece pequeno hoje, empurra o agora para o minuto seguinte, sinalizando um carrossel de saudades, intervalos e esquecimentos, cenas difusas. Parece que foi ontem; falta muito para chegar. É sempre em uma tensão, por um triz, que o tempo se coloca, deixando antigo o segundo recém chegado e obliterando as certezas. Vestígios de outro tempo, camadas de materiais, inscrições e dizeres incompletos. O tempo é capaz de fazer situar uma mapa de ausências, mas também capaz de nos desafiar a ler as pegadas nas palavras daqueles que o experimentam, a fim de recuperar os sinais do que foi naquilo que permanece e se modifica e imaginar o que ali se passou com tantos a sonhá-lo mais duradouro.

Vejamos a intervenção urbana abaixo.

Figura 9 – Ilusão



Fonte: *Instagram* <https://www.instagram.com/p/CFeyBNfMHXI/>

Chama-nos atenção nessa escritura urbana, dentre muitos sentidos em movimento, o significante “ilusão” seguido da negativa enfática “não”. Pela perspectiva discursiva, sabemos que é a partir da ideologia que as evidências se colocam para o sujeito, produzindo-se enquanto a ilusão necessária que lhe conduz às certezas e ao efeito de que “todo mundo sabe o que é” (Pêcheux, 1990, p. 146). Nessa escritura urbana, sobressai o tempo apertado do contemporâneo, um tempo que “passa depressa”, e passa por cima do sujeito, como a romper com a percepção temporal ao instaurar um tempo único. Esse tempo poderia ser breve, longo, curto, eterno, mas o tempo em discurso na escritura é o tempo do aqui e do agora. Ao enunciar esse tempo na cidade, advém a “produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira” (Pêcheux, 1997, p. 295): “não é ilusão”. É nesse dizer que o sujeito se reconhece. Reconhecimento esse fundado sobre um desconhecimento de um tempo veloz que ele intenta esquecer. Essa cápsula mágica, imediata e fragmentada que se torna o tempo, transporta o sujeito em instantes, aponta um tempo imóvel na cidade, uma temporalidade que subjaz ao

sujeito, fazendo ressoar seus breves momentos de existência e pondo em cheque o tempo e sua capacidade de duração.

**Figura 10** – Ver

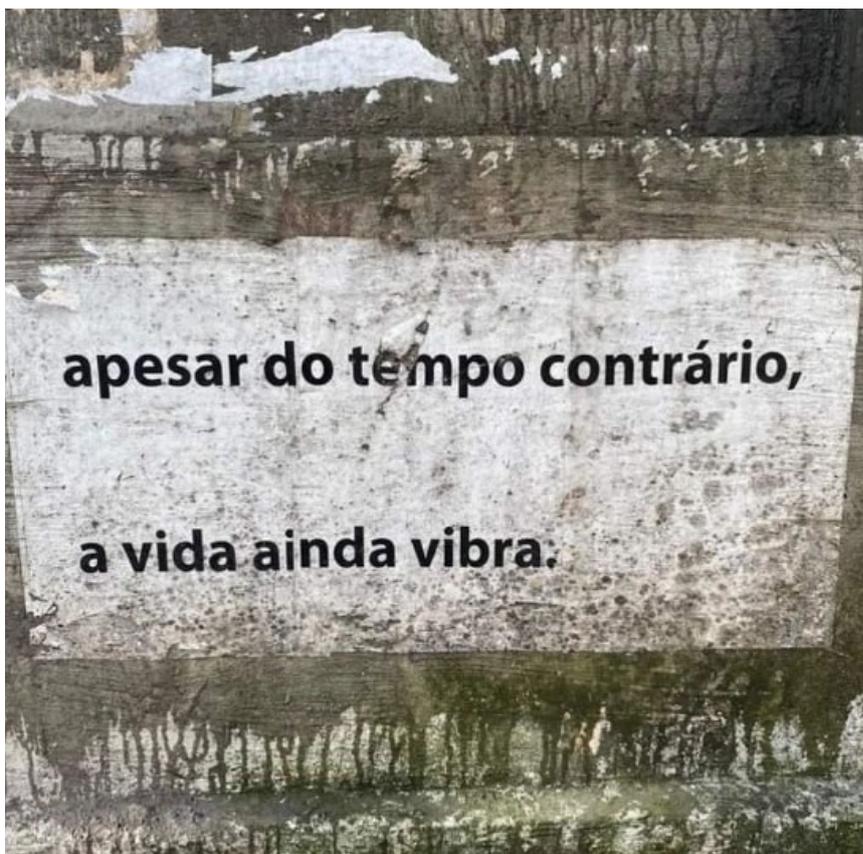


Fonte: <https://www.instagram.com/p/B-sebH6nc25/>

O digital transforma o agora em uma materialidade volúvel, com limites elásticos que se alongam e se contraem. O tempo, nas águas do mar tecnológico, vai e vem sem qualquer ordenação. Sabemos que esses sentidos em funcionamento na/pela rede hoje sobre o tempo e o seu caráter fragmentário trata tão somente da produção de um efeito. No entanto, em uma temporalidade em que tudo parece acontecer “ao mesmo tempo”, é esperado que a maneira pela qual o sujeito encare o tempo na cidade também se altere. A possibilidade de ter uma comunicação instantânea e constante; a disponibilidade de informações de maneira veloz. Da ocupação do espaço à ocupação do tempo, na cidade, o tempo já não passa à revelia do sujeito, torna-se incontrolável: voa.

Na iminência da velocidade e do movimento, perde-se a noção do entorno, perdem-se as referências e, os sujeitos, despojados de si, não se percebem: *quando vê já foi*. Do movimento constante para a inércia no tempo, o instante de *ver* fica restrito. Quando o sujeito *vê*, já viu; quando ele ousa ir, *já foi*.

**Figura 11** – Vida



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cqa2toZLxv0/>

Nessa intervenção urbana, emerge a discursividade de um tempo que se sobrepõe ao sentir na cidade. Ressoa um tempo fora do tempo, como a marcar o fato de que, em uma conjuntura tecnológica e capitalista como a nossa, sentir já não cabe a qualquer sujeito, mas àquele que, de algum modo, têm lá o seu privilégio precioso da atualidade: tempo. Se antes o sujeito lidava com um tempo que parecia “ao seu alcance”, hoje, com a possibilidade de uma rede digital que o interpela a qualquer hora, em qualquer lugar, independentemente, o sujeito precisa se haver, na cidade, com os diversos agoras que emergem. Renegociar com a mensagem que chega ao celular; a checagem do e-mail; o *feed* da rede social que precisa de ser atualizado. Dessa difusa equação temporal, definitivamente, enquanto sobra, já não

resta o tempo. À medida que a noção de tempo desaparece, fragmentando-se, à maneira como o sujeito percebe e reage ao que ocorre ao entorno é alterada. O sentir/ser/pertencer na cidade, na vida, diante de tais condições de produção, não nos parece uma rota simples de ser trafegada: falta-lhe tempo. Ainda assim, entre (r)existir e intervir nessa condição histórica, temos que a *vida ainda vibra*, pois ela *ainda* prossegue sendo (d)enunciada nos muros pelos sujeitos e posta em circulação nas redes pelo digital.

**Figura 12** – Morada.



Fonte: Olhe os Muros, 2019.

Do latim *tempus*, o tempo pode assumir diversos significados quando remetido aos dicionários. Série ininterrupta e eterna de instantes; medida arbitrária da duração das coisas; época determinada; prazo; demora. Pela perspectiva discursiva, sabemos, importa mais o significante que o signo linguístico propriamente dito, já que o significado e o sentido não estão colados à palavra. Poderíamos perguntar, ainda assim, considerando a escritura urbana acima elencada, o que significa, afinal, o tempo na cidade de hoje. O que é o tempo? Quanto dura o tempo? Seria possível nele morar? Implacável, o tempo, nessa escritura urbana, comparece como uma discursividade que não cessa. Na cidade, o

sujeito intenta bordejá-lo, como na tentativa de capturá-lo em seu instante de, quem sabe, uma possível falha. Como na despedida de alguém que veio nos visitar; na tarde ensolarada de um último dia de viagem; na experiência de um relacionamento que chegou ao fim. O que resta quando o tempo acaba? Nos termos do sujeito dessa escritura urbana, resta habitar o tempo: o tempo é (sua, minha, nossa) morada. Contemporâneo de uma descontinuidade paradoxal, o tempo comparece, nessa escritura urbana, como efeito de muitos outros tempos. Efêmero, mas, ainda assim, habitável, o sujeito mora em sua estranha temporalidade.

#### 4.2 AQUI-AGORA

**Figura 13 – Viver**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CqOnK8VpxNU/>

Na contemporaneidade, não se pode mais falar de moradas eternas e permanentes, pois o tempo dos lugares, ou de enraizamento nos lugares, ganha outra dimensão. No desenrolar de nosso século, a emergência das tecnologias digitais impôs uma nova relação perceptiva da apreensão com o tempo e com os espaços, refletindo no modo como os sujeitos organizam a vida e especializam o

tempo no cotidiano da cidade. A dimensão qualitativa do tempo, nessa conjuntura histórica, tende a ser descartada e o reduzimos a um modelo espacial e quantificável. O tempo perde a sua condição de irreversibilidade, que o faria caminhar em uma só direção, estabelecendo uma diferença entre um antes e um depois, um início e um fim.

O filósofo Byung-Chul Han nos relembra sobre o modo como, em uma sociedade digitalizada como a nossa, “[...] o tempo se vela, o passado se torna futuro, o futuro se torna passado, e ambos se tornam presente” (Han, 2018, p. 86). As tecnologias digitais, assim, ao aproximarem a distância do tempo, produzem uma fissura no instante de ver e de sentir, fazendo esmorecer a impressão perceptual da duração: não há antes, não há depois, mas há um presente-presente. Isso leva à verificação de um sintoma contemporâneo recorrente em nossa sociedade que aponta para um sentido de estranheza do sujeito frente ao tempo vindouro da tecnologia: *Não mande áudio #vivaogora*, alerta a intervenção urbana acima.

**Figura 14 – Ser**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CU40IVQFfsP/>

“Siga essa fórmula e ganhe milhões fazendo dancinha no TikTok!” “Quer emagrecer? Siga esses 5 passos infalíveis!”. Não é novidade nos depararmos, nas mais variadas redes sociais, com discursos como esses. Os famosos “gurus” (de nutrição, de atividades físicas), cada um com a sua metodologia infalível de 5 passos, disseminam no digital hoje algo de um “tempo imperativo” aos sujeitos que se espalha rapidamente e se multiplica ao modo de um vírus.

Nunca tivemos, em nossa história mais recente, acesso a tantas frases produzidas nesse tempo outro, e falamos, agora, sobre o tempo a partir de uma outra lógica: o tempo verbal, mais precisamente o imperativo desse tempo. O imperativo é um dos modos verbais de conjugação da língua portuguesa, assim como o modo indicativo e o modo subjuntivo, usado para expressar ações que se exigem do interlocutor, por meio de ordens, pedidos, sugestões ou conselhos. “Se você fizer isso”, não vai alcançar a magreza, a riqueza, a beleza, a liberdade, a felicidade. Bem, sabemos que a ansiedade e o medo são partes naturais do mecanismo de sobrevivência, em certa dose, necessários e esperados dos sujeitos, pois funcionam como mecanismo de ação-reação. Mas essa ansiedade gerada pela sociedade do consumo, do tecnológico, não está relacionada aos instintos humanos, esses esperados, mas a valores sociais, crenças, ou seja, às condições históricas de existência dos sujeitos em determinada conjuntura. Valores que nos são impostos desde muito cedo.

Nessa sociedade do imperativo, somos ensinados que alcançar o sucesso não somente é para todos, mas ele está ao alcance do sujeito se ele fizer exatamente o que o “guru” diz. Acorde às 5h da manhã; corra 10km por dia, beba 5 litros de água. Mas o que seria o sucesso? Ter um carro importado? Viajar o mundo? Se a economia, que é regida pela lógica do capital, do mercado, é quem dita os valores, a ideologia que nos formata à essa lógica “comum a todos” nos ensina que “ter” se torna mais importante do que “ser”. E se um dia ousamos “ser”, ainda não iremos cumprir com o esperado por essa grande engrenagem. Somos bombardeados desde a infância por perguntas dos adultos: “o que você quer ser quando crescer”, esquecendo-nos, no entanto, de que aquele pequeno sujeito já é alguém.

A sociedade atual, assim como funciona o discurso no/pelo digital, opera pela via do acúmulo. Na verdade, nunca “tivemos” tantos bens materiais. No entanto, se temos tanto, qual a razão de vivermos uma epidemia de ansiedade, é o que nos

perguntamos. Por que vemos tanto sujeitos insatisfeitos, ansiosos, compulsivos por compras, por redes sociais, por aparência? Por que queremos tanto e, mesmo com muito, ainda não parece ser o suficiente? Bem, a lógica capitalista e mercadológica sugere que “ser simples” não vende. Ser simples não demanda consumo e não gera lucro. Se você está feliz e em paz com a sua aparência, sua profissão, você não precisa ir em buscar de bens materiais para validar a sua autoestima.

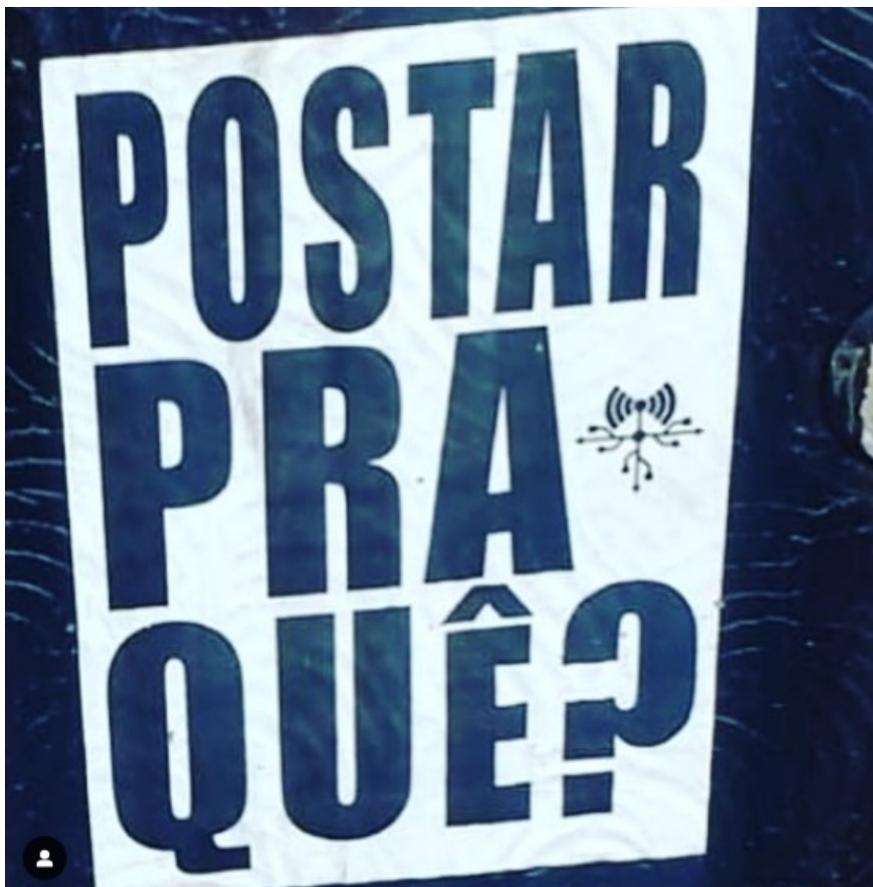
A verdade é que essa corrida maluca contra o tempo, e um tempo cada vez mais imperativo, essa busca incessante por um *viva o agora*, como nos sugere a intervenção urbana posta logo mais acima, cola para o sujeito, pois, da perspectiva discursiva, somos seres de linguagem, assujeitados às condições de produção a partir de um funcionamento ideológico. Paradoxalmente, é tempo de questionar as evidências. Discursivizar um dizer como esse *Nós somos o agora*, como materializa a intervenção acima, passa também por essa via de (r)existir e intervir sobre a lógica que rege as relações sociais, de questionar as evidência que sustentam esse ser e estar do sujeito no mundo como ele está posto hoje para nós. Esse funcionamento, estabelece uma relação intradiscursiva com nosso tempo, recupera uma memória sobre o que é e o que significa estar sujeito em tais condições de produção: quem é esse *nós* coletivo, inclusivo? De nossa perspectiva teórica, apostamos no movimento do retorno do Sujeito no próprio sujeito, como nos ensina Pêcheux (1995). Para o autor, no percurso de funcionamento dos discursos,

Diremos que a marca do inconsciente como ‘discurso do Outro’ designa no sujeito a presença eficaz do ‘Sujeito’, que faz com que todo sujeito ‘funcione’, isto é, tome posição, ‘em toda consciência e em toda liberdade’, tome iniciativas pelas quais se torna ‘responsável’ como autor de seus atos etc., e as noções de asserção e de enunciação estão aí para designar, no domínio da ‘linguagem’, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante. (Pêcheux, 1995, p. 159).

Esta afirmação nos leva a refletir que esta “tomada de posição”, tomada como “ato de fala”, não pode ser entendida como “ato ordinário” do falante, mas efeito da “forma-sujeito” e “da determinação do interdiscurso como discurso-transverso, isto é, efeito da “exterioridade” do real ideológico, na medida em que ela “se volta sobre si mesma” para se atravessar (Pêcheux, 1995, p. 160-161). Desta forma, entendemos que a tomada do sujeito é fruto do seu assujeitamento, ou seja, afetado por uma interpelação ideológica.

### 4.3 POSTAR PRA QUÊ?

Figura 15 – Postar



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CrEzDLuJ94z/>

Em uma de suas mais recentes obras intitulada *Terra Arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista* (2023), o pensador e crítico de arte Jonathan Crary<sup>10</sup> propõe um ensaio em três capítulos que busca demonstrar uma ligação entre a rede e os vários colapsos iminentes que atravessamos: da saúde mental à crise ambiental; da solidariedade à aniquilação das conexões com o outro.

Em sua crítica, Crary (2023) mira nos apologistas da internet, que veem nela uma ferramenta democrática e democratizante, lembrando-nos sobre como corporações de alta tecnologia projetam sua ganância irrefreável ao redor de uma “economia da atenção”, na qual o sucesso financeiro exige a captura do maior número possível de olhares. Paradoxalmente, um objeto visual capaz de capturar o olhar deve corresponder a algo desprovido de ambiguidade ou complexidade,

---

<sup>10</sup> Um presente de indicação de leitura realizado pela professora Cris Dias.

impedindo a interação do olhar com outros sentidos e com a imaginação. O que está em jogo, portanto, é um empobrecimento sem precedentes da percepção e das capacidades sensoriais, necessárias para que nos liguemos uns aos outros.

O tom do livro parece se transformar a cada página: sai da incisividade, quase da ira, e chega a um estado de encontro com o real de nosso tempo: “[...] viver em um mundo que não seja dominado pela internet, [dirão], significaria ter que mudar tudo. Sim, é exatamente isso.” (Crary, 2023, p. 16), assegura o autor.

A posição de Crary (2023) diante deste mundo tecnológico, regido pelo mercado, pelas *big techs*, ganha mais força no momento que o autor nos lembra acerca do impacto ecológico da internet e todos os aparelhos relacionados a ela: extração de cobre; pegada de carbono; produção de energia elétrica para fazendas de servidores, demonstrando a metáfora da “nuvem”, do “imaterial”, ao nos lembrar o chão de terra ou de fábrica que elas querem mascarar<sup>11</sup>.

Para Crary (2011), a experiência que a internet implica aos sujeitos produz tão somente um achatamento das relações com o outro. Estudioso da percepção, da estética, da pintura e das mídias, o autor condena a perda (inclusive literal) de dimensões quando se reduz a vida à tela: tudo pela monetização, lembra-nos o autor. As discussões teóricas abordadas na presente obra se fazem pertinentes para nós dado o olhar apurado que o autor produz sobre os efeitos promulgados pelo universo do mercado, do sistema capitalista que se reorganiza em tempos tecnológicos. Conceber o digital hoje como um modo de produção significa compreender que, se o sujeito não se apaga diante do funcionamento da rede (Lévy, 1999), entender seus desdobramento no espaço urbano significa questionar de que modo, diante dessa condição de produção atual, os sujeitos produzem algo de um (r)existir e de um intervir no espaço urbano de hoje, produzindo sentidos acerca dessa conjuntura histórica que, embora dominante, é passível de se estilhaçar quando adentra o universo da linguagem.

---

<sup>11</sup> Já que o estar sujeito à linguagem convoca sempre um deixar-se afetar por aquilo que vem antes de nós a partir de um funcionamento inter/intra discursivo, compartilhamos uma de nossas impressões no desenrolar da leitura desta obra, especialmente, ao longo desta passagem. Relembramos acerca da imagem clássica do *Movimento Manguebeat*, que carrega como significante e símbolo de resistência uma antena parabólica fincada na lama dos manguezais de Recife. Hoje, poderíamos ousar pensar sobre a relação de uma “lama tóxica”, como aquelas minadas por barragens de rejeitos que destroem cidades, varrem do mapa ecossistemas inteiros, rios, afluentes, como também dizimam famílias: Mariana, Brumadinho, Sobradinho, Remanso, e tantas outras cidades, pessoas, que à custo do mercado, à custo dos crimes cometidos por grandes Mineradoras, como a Vele, tiveram seus caminhos interrompidos.

Figura 16 – Não postar



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CEzDLuJ94z/>

Nessa intervenção urbana, por exemplo, podemos tencioná-la enquanto um jogo perifrástico e polissêmico em relação à intervenção alocada um pouco mais acima, ambas resultando a seguinte equação: *Postar pra quê / Não-Poste*. Para Pêcheux (1995, p. 20), o propósito da teoria da AD é questionar as evidências da língua e da história. Assim, a evidência ideológica pensada juntamente com a contradição é onde podemos ver o funcionamento da dialética e do fazer sentido para a Análise de Discurso. A contradição se coloca na teoria material dos sentidos, de maneira a pensar os processos de inscrição da linguagem como constitutivos, ou seja, ela é constitutiva, assim como a ruptura que, no funcionamento linguístico e histórico nos coloca a ponto de olhar a materialidade de forma a escancará-la e tornar constituinte de pensar o sentido. Esse movimento teórico contribui para o pensamento da impossibilidade de se abarcar uma universalidade ao olharmos para ambas as intervenções, que, diga-se de passagem, estão alocadas no mesmo arquivo. Iguais, no entanto, diferentes, funcionando numa transversalidade. Isso

ocorre, pois as contradições estão presentes nos discursos, nos sujeitos, numa relação inter e intradiscursiva, ao passo que a “estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes” (Pêcheux, 1995) é capaz de movimentar toda uma rede de discursos prévios, por princípio, iguais, mas articulados na trama de seu funcionamento de maneiras distintas. Como é, ainda, o caso da próxima intervenção urbana que veremos.

**Figura 17 – Postar a verdade**



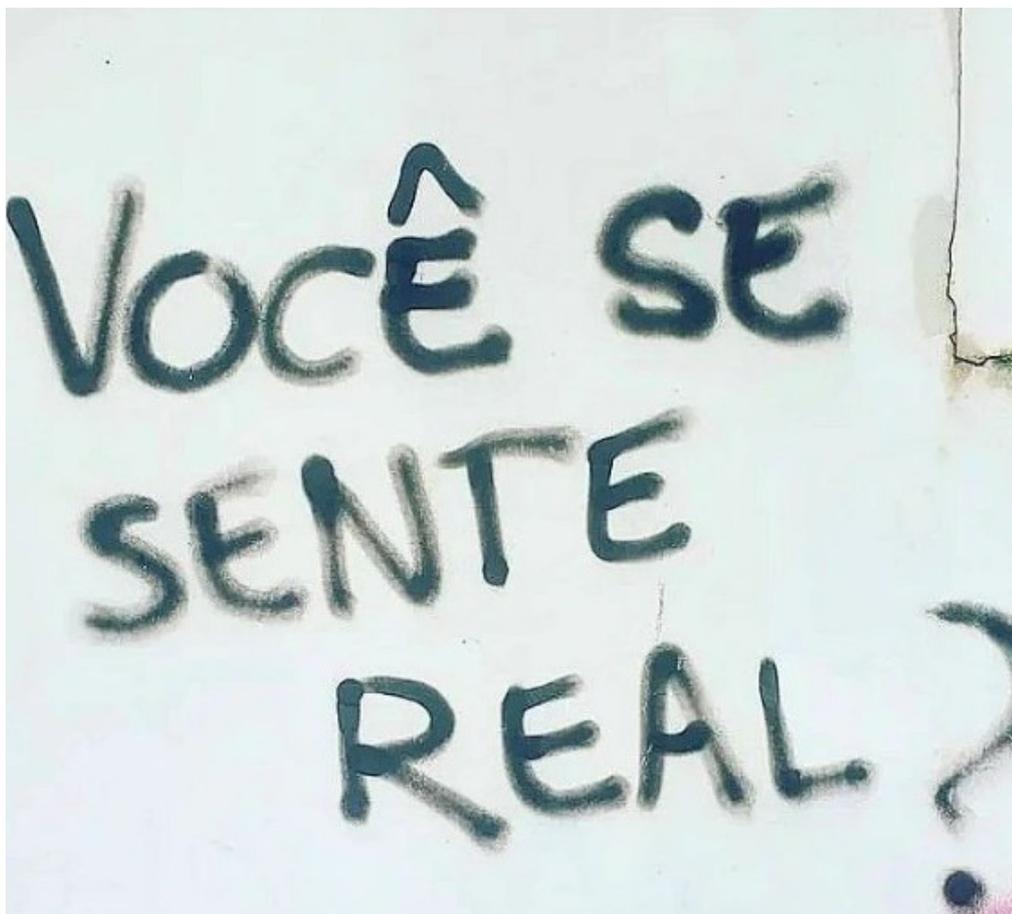
Fonte: [https://www.instagram.com/p/CTcW7aCMkuU/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CTcW7aCMkuU/?img_index=1)

A essa altura, percebemos a tensão entre os sentidos de um modo mais elucidativo. *Postar pra quê - Não poste = Poste quem você de verdade*. Aqui, caberia recuperar muitos aspectos discursivos para se produzir gestos analíticos. Mas nos atemos à tensão, a essa contradição que se marca no próprio da língua ao modo de uma torção, uma fratura. Ainda assim, interessante sinalizar o espaço das redes em discurso no enunciado. Sem querermos nos estender a esse respeito, já

que vimos discutindo a discursividade da rede em momentos anteriores, é inevitável, não nos darmos conta sobre esse não dito no próprio dito sobre as redes digitais na formulação *Poste quem você é de verdade*. Isto é, o tecnológico como sendo da ordem de um território no qual o que se espera mesmo é a inscrição de não-verdades. Um território no qual aquilo que se projeta como “verdade” fica(ria) tão somente à margem de uma não-circulação, de uma (im)possibilidade. No digital, a verdade estaria à deriva. Pensamos, por que, será, a rede dita como esse território de meias-verdades? Vejamos outra intervenção urbana.

#### 4.4 O REAL E O VIRTUAL, O ON E O OFF

**Figura 18** – Real



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CTcW7aCMkuU/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CTcW7aCMkuU/?img_index=1)

Na Análise de Discurso o real é pensado de muitas formas distintas, já que ganha costuras de sentidos também pelo viés da Psicanálise. Um dos modos possíveis para se pensar o real reside no manuscrito *A língua inatingível*, em que

autores como Gadet e Pêcheux (2014) o definem como sendo aquilo que é da ordem de um impossível dizer, um impossível apreender. Para os autores, quando se apreende, adentrou o universo discursivo, da linguagem, e então já deixou de ser real. Nas palavras dos autores,

A questão de um real da língua é, para nós, subjacente à da própria existência da linguística com pretensão científica. Esta tese retoma a de J.-C. Milner, no uso que ele faz do termo real, tomado de empréstimo a Jacques Lacan (distinção real/simbólico/imaginário). O concreto com o qual a linguística trabalha, de natureza negativa [...] é o efeito propriamente linguístico desse real (Gadet; Pêcheux, 2004, p. 33).

Como é possível notar na citação dos autores, o real se pluraliza, torna-se “um real” dentre outros reais possíveis, dizendo respeito à condição de existência dos diferentes campos do saber. Neles, o processo de construção dos objetos de conhecimento e a escrita também apontam para o real, na medida em que permitem situar um impasse no interior de cada campo científico. Essas várias formas de se referir ao real também estão presente em Pêcheux (2008), precisamente em seu texto *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Se, por um lado, Pêcheux nos diz que “não descobrimos [...] o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra” (Pêcheux, 1997, p. 29), por outro, ele parece nos sinalizar alguns tipos de reais. Essa teoria do real nos movimenta a pensar no que seria, ou no modo como seria, dar de cara, “se deparar” com o real diante desses nossos tempos de rede, no qual também temos em funcionamento, quando pensamos em termos de digital, outro sentido para o real

O senso comum trata o universo da rede como uma quimera, algo semelhante à quando sonhamos. A realidade onírica, por mais realista que pareça, não tem o mesmo estatuto dos objetos que encontramos no dia a dia, tal como mesas, árvores, paredes. Tal realidade se dissolve ao abrir os olhos. Do contrário, o real é uma presença a qual podemos tocar, cheirar, ouvir, sentir, isso no âmbito do tecnológico. Pensemos a respeito do virtual. O virtual, ainda bastante atrelado à ideia de Realidade Virtual, foi tomado como uma espécie de ilusão tecnológica forjada pela capacidade crescente de cálculo do computador. Pensadores importantes como Lévy (2011), porém, insiste que a oposição entre real e virtual é enganosa. Estes modos de ser não correspondem a mundos opostos, mas são

modos complementares de uma mesma entidade. No entanto, o virtual possui diversos sentidos que podem ser explorados filosoficamente.

Em sua obra *O que é o virtual?*, Lévy (2011) tem o intuito de resgatar o conceito de virtual das garras do saber comum. Era preciso alertar que tal conceito “tem somente uma pequena afinidade [...] com o ilusório” (Lévy, 2011, p. 12), sinaliza o autor. Resgatando a terminologia virtual, temos que virtual vem de *virtus*, que significa força, potência. Assim, o virtual é algo que existe em potência e não em ato. Algo virtual tende a se atualizar através do tempo. O autor pondera que, “Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (Lévy, 2011, p. 15). Essas discussões de cunho mais teórico nos são pertinente à medida que, se de uma perspectiva discursiva, somos seres ideológicos, ora, esse espaço digital afeta todo e qualquer sujeito em nossos dias (inclusive aqueles excluídos dele) e tem inúmeras implicações. Dias (2011) nos diz que o surgimento da informática e, depois, o da internet,

[...] foi produzindo efeitos de sentido na vida do sujeito contemporâneo, pouco a pouco, ao mesmo tempo em que a globalização se consolidava sustentada pelo imaginário da interconexão planetária que a Internet tornaria possível com sua arquitetura em rede. [...] A noção de rede vai [...] significar o modo de organização das sociedades naquilo que concerne os modos e os meios dessa organização, mas também sua ordem (Dias, 2011, p. 127).

A formação social contemporânea é regida pela organização da rede e em rede, e está em relação com uma ordem, no sentido definido por Orlandi (2004), isto é, um simbólico que se choca com o real, produzindo sentidos a partir dessa tensão. Assim, se o real, conforme aparece em Pêcheux (1997, p. 29), são da ordem de “pontos de impossível”, a rede, portanto, é algo da ordem do real do qual não se escapa, mesmo que um determinado sujeito não se inscreva nela, já que ele é significado também a partir dela: está fora, desconectado, desligado. Em outras palavras, o *online* media as relações intersubjetivas em nossa contemporaneidade. Analisemos um outro dizer.

Figura 19 – Vida real



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CxN7uaOrxJV/>

A intervenção urbana acima, à semelhança de uma palavra profética, comparece no espaço da cidade a marcar com a letra o indizível *real*. Mas de que *real* falamos? Pêcheux (1993) afirma que “[...] o modo de produção capitalista reparte-distribui os agentes humanos em um número de lugares, entre os quais em particular aquele da reconstituição e da manutenção da força de trabalho” (Pêcheux, 1993, p. 217). Como uma das ideologias dominantes de nossa formação social, o digital se estrutura enquanto um desses lugares a serem repartidos-distribuídos aos sujeitos. Nesses termos, o que parece estar funcionando como sustentação do discurso *A vida real é off-line* é o sentido de que não há possibilidade para o sujeito viver fora do digital hoje, desse lugar que lhe fora distribuído. Temos, na superfície discursiva desse dizer, o não dito de que a vida no *online*, para os que têm acesso à Internet, é uma vida da ordem do impossível de se viver. É nessa tensão que a ideologia se instala para o sujeito, designando “o que é e o que deve ser” (Pêcheux, 1993, p. 146). Advém, pela via do interdiscurso, que desse lugar social “das redes” reservado ao sujeito, uma fissura nos sentidos estabilizados é também possível. É nessa fissura em estado nascente que a ideologia dominante se estilhaça, fazendo

ruir o possível da vida no *off*. Se, na contemporaneidade, é preciso estar *on* o tempo todo, pelo movimento da tomada de palavra do sujeito nessa intervenção urbana, a vida no *off* emerge como efeito de possibilidade, metaforizando que se ela não opera no nível do realizável, ao menos, funciona no nível do formulável.

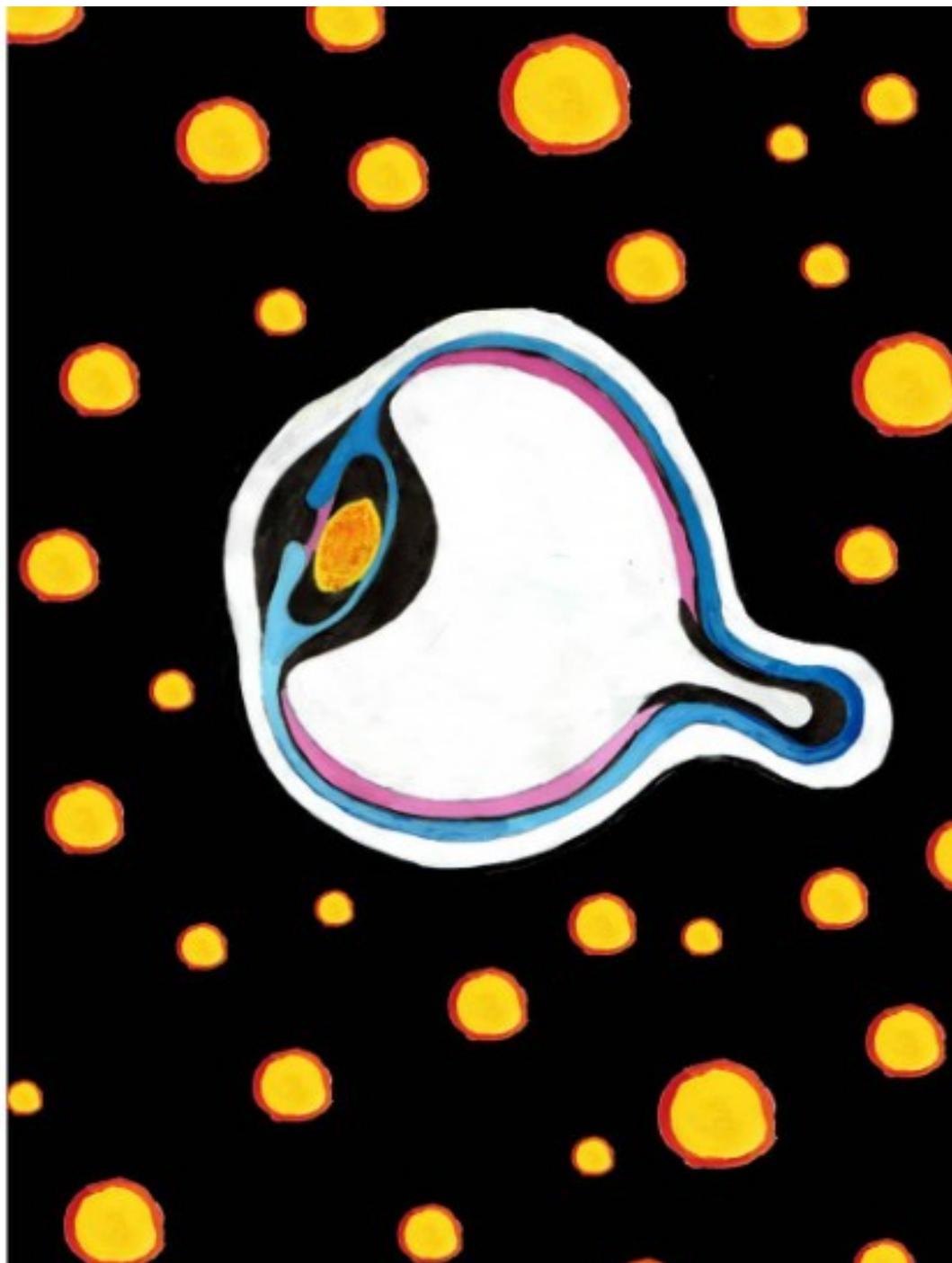
Assim posto, neste capítulo, ao trilharmos nosso percurso de análises discursivas depreendidas de nosso *corpus*, vinculadas aos nossos arquivos, por seus efeitos de sentidos, temos, como primeiro movimento de análise, a escuta da voz de sujeitos que dizem hoje sobre serem sujeitos inscritos em nossa conjuntura histórica atual. Indo além, se concordamos com Orlandi (2012), assumimos que a forma-sujeito de nosso tempo presente é a capitalista, assim determinada historicamente e igualmente pela história, isto é, pela ideologia, em seu funcionamento, apagada. A construção deste último capítulo de nossa pesquisa sinaliza, assim, como não se pode ignorar que, justamente por ser descentrado, o sujeito não é uma máquina<sup>12</sup> que mecanicamente se ajusta a esta forma-sujeito. Dentro das possibilidades de repetição e de ruptura dadas numa certa conjuntura, o sujeito se movimenta e há disputa pelos sentidos dentro das formações discursivas que ele habita. Ao nos dedicarmos às análises discursivas aqui presentes, consideramos que esses sujeitos envolvidos na cena enunciativa das intervenções urbanas assumem a forma-sujeito histórica capitalista, mercadológica, regida pelo digital, uma vez que inseridos neste (e não em outro) determinado momento histórico são afetados por ele e assujeitados a seus efeitos. O que disso nos captura, como buscamos demonstrar ao longo de nossa escrita até aqui, especialmente, neste capítulo, é pensarmos de que modos se produzem essas subjetivações, e em como esses sujeitos são fígados pelos sentidos em circulação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>12</sup> Formulação fundada em Pêcheux (1993) em um manuscrito que aborda sobre a sua relação com a informática e a tecnologia. Em suas construções teóricas, que apontam sempre para a sua paixão pelas máquinas, no que concerne ao sujeito, o autor irá mostrar como o sujeito passa de uma posição compreendida até então como “sujeito-estrutura” (Pêcheux, 1993, p. 307), isto é, um sujeito fechado em um espaço discursivo estabilizado e com condições de produção supostamente homogêneas, cujo funcionamento seria maquínico (fase conhecida como AD-1), para uma posição que, considerando as relações de força e de sentido desiguais, entendiam o sujeito como interpelado pela ideologia e atravessado por uma teoria da subjetividade (AD-2).

Ilustração realizada pelo artista visual Yuri Alves



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CQeH53gr8wo/>

Repetir repetir – até ficar diferente.  
Repetir é um dom do estilo.

**Manoel de Barros**

Chegando às considerações acerca desse percurso de pesquisa, no qual, ao longo de uma escrita que teve sua fundação nos conceitos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, buscamos produzir gestos de análises sobre as questões que envolvem o sujeito, a cidade e o digital em nosso mundo contemporâneo, passando pelos sentidos sobre (r)existir e intervir neste tempo. Os modos primeiros de se pensar esse trabalho foi buscar entender o sujeito na relação com a cidade hoje, adentrando uma das formas do discurso urbano – as intervenções urbanas –, e, assim, ao adentrar a linguagem em funcionamento, à língua e os discursos, mostrar as resistências aí presentes para fazer funcionar o modo contraditório de se olhar discursivamente para essa sociedade.

O percurso teórico, metodológico e analítico aqui trilhado abriu margem para produzirmos *arquivos na cidade em tempos de rede*. Arquivos interligados pelo gesto da seleção e do recorte. Pudemos inferir que não há um sentido pré-concebido em nossos arquivos, não há um padrão rígido de organização, uma ordem impecável a ser mantida. A entrada em nossos arquivos não deve ser mecânica, voltada para o interior do mesmo, mas reflexiva, buscando as pistas deixadas pelos sujeitos, pelos dizeres enunciados e, também, pelos silenciados. Nesta perspectiva, nossos arquivos só podem ser lidos sob uma ótica que considere a historicidade e, assim, desmistifique o mito do sentido único.

O que pudemos inferir é que há também uma ligação um pouco mais acentuada em nossos arquivos ao vermos repetições de sentidos, regularidades discursivas, como a problemática do tempo, do aqui-agora; do real; além do gesto que nos valem para nomear as intervenções urbanas dispostas ao longo da pesquisa, ou seja, com palavras que nos foram acionadas após a leitura de cada intervenção urbana e que nos fizeram trafegar pelas bordas do discurso até desfiar o significante operado – *vida, postar, agora, ilusão*, dentre outras palavras – que funcionam como o fio de determinados discursos. Nesses termos, cada arquivo delineado por nós produz pontos de encontro entre si, funcionam em uma relação de transversalidade, que diz muito acerca das condições de produção à qual os arquivos fazem parte.

Sendo assim, as contribuições perceptíveis nesse processo de desenvolvimento da pesquisa e de produção dos arquivos se mostram a partir de entender os modos de produção sociais e o funcionamento dos mecanismos que rangem essa disputa entre (r)existir e intervir no espaço urbano em tempos de rede,

seja olhando para as intervenções urbanas como um acontecimento da rede no espaço da cidade; seja a partir das memórias retomadas através desse acontecimento, que, como vimos através de nossos arquivos, ressignifica o processo discursivo e a conjuntura histórica vigente.

Ao trabalharmos com esse tema emergente, nos foi permitido pensar no contexto sócio-histórico e nas condições de produção atreladas às demandas do contemporâneo. (R)existir e intervir na cidade em tempos de rede não se apresenta apenas por uma forma, ou possui uma só forma de significação, não emana só um discurso e não vem só de um lugar, mas exhibe a pluralidade do(s) arquivo(s) e as diferenças simbólicas em um processo em que as relações contraditórias estão atravessadas pela luta e resistência.

Compreender as intervenções urbanas como um acontecimento da rede no espaço urbano contribui para desmistificarmos o nosso presente capitalista, o funcionamento naturalizado da rede no cotidiano, e que são atravessados pelo imaginário de universalidade. Os nossos arquivos sinalizam os cruzamentos; os pontos de encontro entre uma memória e uma atualidade, por isso também os de ruptura. Se, de uma perspectiva discursiva, não se pode escapar do real e do modo como ele se dispõe aos sujeitos, apreendê-lo é da ordem de uma fratura. Consideramos, portanto, que as intervenções urbanas forjam um lugar possível para a inscrição de um (im)possível dizer do sujeito hoje, pois é onde são produzidos deslocamentos, outras condições históricas para que seja possível (r)existir e intervir neste tempo.

Mobilizar teóricos essenciais na área da Análise de Discurso nos permitiu visualizar, entender e interpretar nossos objetos analíticos e entrelaçar a nossa pesquisa com uma gama de pensadores e teóricos das áreas dos Estudos Sociais, Urbanos. Dessa forma, ainda que nosso trabalho como analistas de discurso esteja inserido somente dentro dos moldes acadêmicos pudemos perceber os furos que a teoria faz ao ir de encontro com o *corpus* e suas modalizações a respeito do sujeito, das formas do discurso urbano, do digital. Essa relação de atravessamento de sentidos não ocorre de maneira tão simples e instantânea, ao passo que não é uma relação intrínseca e totalmente interligada, mas funciona através da circulação para os moldes que o digital também permite essa circulação.

A nossa pesquisa, assim, emerge também enquanto uma escuta discursiva. Uma aposta. Aposta pela palavra, pelo sujeito, pela vida. Aposta pela urgência de se

fazer explodir uma língua nacional que abarque discursos como: *nós somos o agora*, pois trata de um gesto que dá contorno a existências dos sujeitos neste tempo. Resgatar palavras esquecidas nas ruas, ir para as redes, voltar à rua, rede-rua, rua-rede conjugadas em um *continuum* (Barbosa 2020), ou seja, espaços cujos movimentos dos sujeitos e dos sentidos se entrelaçam à palavra como modo de ousar traçar “um dizer de outra forma” esse nosso tempo presente, fazendo da textualidade urbana um convite à insaciedade. É preciso tentar dizer sobre esse tempo, e produzir intervenções urbanas, talvez, seja um dos modos de decantar palavras na cidade, esboçar uma convocação singular para habitar nossa sociedade imediatista para que os rascunhos de um futuro por vir sejam esses dizeres em movimento no espaço urbano e na rede. Por um (r)existir e um intervir que nos coloquem em causa por um outro modo de vida, como no dizer poético de Manoel de Barros, que consta como epígrafe nesta parte de nossa pesquisa, por um *repetir repetir – até ficar diferente*.

Por fim, algumas considerações sobre o fim. *Põe um ponto final e termina, fim!*, ouvimos algumas vezes durante o percurso até aqui. Esta frase ficou reverberando em nós: para terminarmos basta pôr um ponto. Parece fácil, mas, quando adentramos o universo da linguagem, os fins não são assim tão simples quanto escrever um ponto final e digitá-lo. Sendo assim, ao chegarmos às considerações finais da pesquisa, desejamos que aos leitores ela chegue como um meio, um *entre*, um caminho acidentado, repleto de empolgações e intensidades, novas e velhas descobertas. O conhecimento é isso: assim como o fim, um acontecimento em perspectiva. Um ponto é o fim de uma frase, mas não é necessariamente o fim de um trabalho científico como esse, embora ele também possa chegar ao fim com um ponto ou três.

As considerações finais deste estudo são considerações de um ponto que vai se deformar tantas e tantas vezes... como os modos de o sujeito (r)existir e intervir nesses nossos tempos do agora.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Resposta a John Lewis. *In: Posições I*. Trad. Bras. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- BACHELARD, Gaston Bachelard. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARBORA, André Silva. **No curso do silêncio, do espaço e do tempo: status significante**. (Tese em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, IEL, Unicamp, Campinas-SP, 2020.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clementis. Trad. Bras. *In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Orgs). Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre, Sagra-Luzzatto, 1999. p. 15-22.
- CRARY, Jonathan. **Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista**. UBU, 2023.
- DIAS, Cristiane Pereira. e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano. *In: DIAS, Cristiane. (Org.). E-urbano: sentidos do espaço urbano/digital*. Campinas: Labeurb, 2011, p. 12-24.
- DIAS, Cristiane Pereira. O sentido das cidades virtuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, SP, n. 53 (2), p. 125-136, Jul./Dez., 2011.
- DIAS, Cristiane Pereira. **Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)**. São Paulo. Hucitec, 2012.
- DIAS, Cristiane Pereira. A Análise do Discurso digital: um campo de questões. **Redisco**, 10 (2), Vitória da Conquista, p. 8-20, 2016.
- DIAS, Cristiane Pereira. **Análise do Discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes, 2018.
- DIAS, Cristiane Pereira. Para uma compreensão discursiva do digital: o sentido de tecnologia. *In: VII SEAD Seminário de Estudos em Análise do Discurso: A Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas*, 2015, Recife, PE. **Anais eletrônicos [...]** Disponível em: <https://www.discoursead.com.br/simposios-vii-sead>. Acesso em: 27 de junho de 2024.

DIAS, Cristiane Pereira. A vida em números: sentidos do discurso digital na Pandemia de Coronavírus. *In*: GALLI, Fernanda Correa Silveira; BIZIAK, Jacob dos Santos; ZOPPI FONTANA, Mónica Graciela (Orgs.) **O não-sentido como espaço de (r)existências**: processos de subjetivação na pandemia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

DIAS, Cristiane Pereira. **Análise do Discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Cristiane Pereira. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do *corpus*. **Revista Estudos Linguísticos**, 44, 2015.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O corpo como materialidade discursiva. **Redisco**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.

GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. **Conexão Letras**, v. 9, n. 11, p. 83-97, 2014.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIÉ, Denise. Effets de l'archive. *In*: Guilhaumou, Jacques et al. **Discours et archive**: experimentations en analyse du discours. Liège: Mardaga, p. 91-111, 1994.

HAN, Byung-Chul. **No Exame**: perspectivas do digital. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Revista FAMECOS**, n. 9, p. 37-49, 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Da ambiguidade ao equívoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes Editores, 1988.

LAGAZZI, Suzy. Recorte entremeio: condições para a materialidade significativa. *In*: RODRIGUES, E. (orgs.) **Análise de Discurso no Brasil**: pensando o impensado sempre, Uma homenagem a Eni. Campinas: RG Editores, 2011, p. 401-410.

LAGAZZI, Suzy. Delimitações, inversões, deslocamentos em torno do Anexo 3. *In*: LAGAZZI, Suzy. (Orgs.). **Estudos do texto e do discurso**: discurso em contrapontos - Foucault, Maingueneau, Pêcheux: São Carlos: Pedro&João Editores, p. 311-331, 2013.

MITTMANN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: Leandro Ferreira, Maria Cristina; Indursky, Freda. (Org.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, p. 153-162, 2007.

MORAES, Ágatha; PARAGUAI, Luísa. Arte de rua: Objetos-resistência. **DAT Journal**, 2019. Disponível em: <https://datjournal.anhembri.br/dat/article/view/130/109>. Acesso em: 15 de julho de 2024.

MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise. Disciplinarização dos estudos em Análise do Discurso. **Gragoatá**, p. 15-25, 2013.

NASCIMENTO, Lorryne; SOUZA, George; TOREZANI, Julianna. Lambe-lambe: a arte da intervenção urbana. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2017, Fortaleza. **Anais eletrônicos** [...] Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0431-1.pdf>. Acesso em: 30 de julho de 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Segmentar ou recortar? Linguística: questões e controvérsias. **Série Estudos 10**. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeitos, sentido, ideologia. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, Imaginário social e Conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Gestos de leitura**: da história no discurso. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 49-59, 1982.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Bras. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. *In*: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bras. 2ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. *In*: ACHARD, Pierry. (Org.). **O papel da memória**. Campinas: Pontes Editores, p. 49-58, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Só há Causa Daquilo que falha ou o inverno político francês: Início de uma Retificação. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Tradução Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, p. 269-282, 2014.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. **A Língua Inatingível**: o discurso na história da linguística. Campinas: Pontes Editores, 2004.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. A Língua Inatingível. *In*: **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, p. 93-105, 2014.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio as análises discursivas na construção do 'dispositivo experimental' da Análise de Discurso. *In*: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. (Orgs.). **Análise de Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. 1ed. Santa Maria – RS: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, v. 1, p.39-48, 2013.

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, p.23- 32, 2003.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SABADINI, Aparecida Angélica Zoqui Paulovic; SAMPAIO, Maria Imaculada Cardoso; KOLLER, Sílvia Helena. Preparando um artigo científico. *In*: SABADINI, Aparecida Angélica Zoqui Paulovic; SAMPAIO, Maria Imaculada Cardoso; KOLLER, Sílvia Helena. (Orgs.). **Publicar em psicologia**: um enfoque para a revista científica. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia, 2009.

SOUSA, Lucília Maria Abrahão e; GARCIA, Dantielli Assumpção; FARIA, Daiana de Oliveira. Paradigma Indiciário, Língua-Concha, Recorte e Funcionamento: A Metodologia em AD. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**; nº 33, p. 93-108, 2014.

SCHERER, Amanda Eloina. GARCIA, Dantielli Assumpção. BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. BALDINI, Lauro José Siqueira. SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. Articulação entre a psicanálise e o discurso: as margens do inominável. *In*: SCHERER, Amanda Eloina. GARCIA, Dantielli Assumpção. BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. BALDINI, Lauro José Siqueira. SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. (Orgs.). **Restos de horror**. Campinas: Pontes, p. 21-38, 2022.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.